

Educação do Hábito – 5.000 anos em 5
O Brasil que queremos

Mario Manhães Mosso

ESC

Educação do Hábito – 5.000 anos em 5

O Brasil que queremos

Mario Manhães Mosso

ESC – Editora Síntese e Cosmo

Ficha Catalográfica

MOSSO, Mario Manhães.

Educação do Hábito - 5.000 anos em 5

O Brasil que queremos

229 páginas – Rio de Janeiro, Fevereiro de 2015

Editor: ESC Editora Síntese e Cosmo

ISBN 978-85-914726-3-5

Educação CDD 370

1. Educação
2. Desenvolvimento
3. Felicidade
4. Natureza.
5. Desenvolvimento Sustentável
6. Economia
7. Meio Ambiente
8. Brasil
9. Hábito

Copyright: Mario Manhães Mosso

E-Mail: mariomanhaes@yahoo.com.br

Site: www.mariomanhaes.com.br

Esta obra não pode ser copiada ou republicada, no todo ou em parte, sem o consentimento prévio e por escrito do autor.

Capa: Letras e Versos

... Mas como invocarei a meu Deus, a meu Deus e Senhor, se ao invoca-lo o hei de chamar a mim? E que lugar há em mim para receber a meu Deus, onde Deus venha a mim, o Deus que fez o céu e a terra (6)? Senhor, haverá em mim algum lugar que te possa conter?...

Confissões – Santo Agostinho

Dedicatória

Ao nosso amado país: o Brasil.

Aos países escravizados pela ignorância.

Aos meus filhos: Mariana, Gabriela, Adriano e Helena. E
a minha neta, Letícia.

A todas as crianças.

Agradecimentos

À ignorância, que nos ataca e nos faz escrever.

Aos meus alunos, estímulo constante por suas dúvidas e comportamentos, principalmente aos dos cursos de pós-graduação em Planejamento Educacional e Projetos.

Ao professor Danilo Silva, com seus conselhos preciosos e sua leveza.

Um agradecimento especial à cidade de Miguel Pereira, município da Serra do Mar do estado do Rio de Janeiro, que me permitiu ter hoje uma visão mais madura e nítida da nossa nação. O tamanho está longe de ser a maior diferença entre uma metrópole e um pequeno município; as pessoas são muito diferentes, assim como a política e as articulações, a formação de grupos organizados, os medos e as resistências ao novo.

Outros Livros do Autor, ver em:

www.livrariasaraiva.com.br

- 1.Introdução à Estratégia em Qualidade – **ESC**
- 2.Administração e Modelo de Gestão – **HP** Comunicação
- 3.Transportes – Gestão de Serviços e de Alianças Estratégicas – **Interciência**
- 4.Pequena Empresa e Empreendedorismo – Eternamente Fênix – **Qualitymark**
- 5.Administração para Funções Administrativas – **ESC**
- 6.Administração Avançada – **ESC**
- 7.Gestão do Conhecimento (coautoria) – **Publit**
- 8.Quem tem Pena é Gordo (coautoria) – **ESC**
- 9.Poesias – dos Admiráveis, dos Loucos, dos Humanos – **ESC**
- 10.O Livro de Tatiane – **ESC**
- 11.Ambiente, Educação e Gestão – Contos Fortes – **ESC**
- 12.O Sucesso Sullivan – Marketing, Estratégia e Recursos Humanos – **Qualitymark**
- 13.A Lua ou um Menino - Alfabetização – **ESC**
- 14.Administração de Guerra – Sua Tzu Maquiavel Musashi Jomini Clausewitz - **ESC**
- 15.Teoria Geral e Administração Avançada - processo da administração, cenários, **TGE** e administração factual – **Interciência**
- 16.Planejamento Educacional Estratégico e Tático – Educação e Desenvolvimento. Rio de Janeiro – **ESC**

Prefácio

Não gosto da espera nem da prudência, pois sei que elas são as desculpas mais polidas para a inação dos intelectuais.

Entretanto, existe um conflito nítido, em mim, entre a hora certa, ou o “tudo tem seu tempo” e o fazer acontecer. Nesse livro, eu que me incomodo profundamente em “não concluir as coisas”, se tivesse lutado para finalizar logo esse trabalho, não teria juntado a ele informações importantes, que foram aparecendo com o tempo. Lutei contra mim mesmo diversas vezes, quando queria caminhar, mas ainda parecia faltar sustentação em alguns pontos; o que terminaria em 2010 me perseguiu até 2015.

Finalmente parece, só parece, que as conexões foram feitas e estão em harmonia.

A sensação de uma educação ineficaz me persegue há muitos anos. E não falo só do sistema educacional, mas da educação como um todo, por todos e para todos. A sensação de que estamos como escravos do simples fluxo, e de que não conseguimos ou não queremos mudar esse fluxo através da educação.

Se me permitem a confissão, tenho razões para crer que a educação do hábito é um dos elementos mais importantes para o desenvolvimento de uma nação no caminho da felicidade.

Minha especialidade é estratégia e planejamento educacional, mas por necessidades de uma instituição de ensino, entrei na área de gestão ambiental; embora sempre incomodado com a educação moral, foi a área ambiental que me permitiu as pesquisas que foram o embrião desse estudo.

Mas a área de gestão, ou administração, é sempre voltada à utilidade e à eficácia. Então, conectaram-se a utilidade, a moral e a educação.

E em um momento que não consigo precisar, percebi a ineficácia da educação ambiental; minha ineficácia. Alunos que me acompanhavam por todo o ensino médio e técnico, recebiam as informações sobre como cuidar e preservar o meio ambiente, desde o primeiro período. Entretanto, até o terceiro e último ano não executavam ações mínimas ou básicas de educação ambiental, como apagar a luz ao sair da sala de aula. De que valem três anos de conscientização se não apagam a luz? Afinal, o que queremos com a conscientização não são ações?

A partir dessa percepção, resolvi por buscar resultados evidentes, alterando completamente a minha metodologia de ensino para essa disciplina.

Entretanto, a questão não era ambiental, mas comportamental, logo, presente em qualquer área que o nosso comportamento pode afetar: todas as áreas do conhecimento.

Uma pesquisa anterior me mostrou que os hábitos têm força maior que o conhecimento, que o saber. E então que educar hábitos tem impacto maior que toda a educação convencional, mas também aniquila esta, assim como a potencializa.

Busquei o máximo de utilidade para nossa sociedade, mas qual a abordagem ou estrutura mais útil?

Estava desenvolvendo alguma coisa, mas não vinha a definição.

Resolvi começar pelo fim. Mas qual era o meu fim? Qual é o objetivo maior de tudo que fazemos em educação? Termos pessoas felizes e felizes com conhecimento, não a felicidade da ignorância, do “não saber”, do “não conhecer as verdades ruins”, que podem ser boas, mas nos torna vulneráveis.

Mas de que grupo homogêneo estou tratando? Brasileiros.

O fim ficou assim determinado: o país que queremos é X.

O que a educação não está fazendo de forma científica sobre o assunto?

A Educação do Hábito.

Rio de Janeiro, Fevereiro de 2015.

Mario Manhães Mosso

Sumário

1.Introdução, 19

Parte I – País, Educação e Desenvolvimento

2.Educação e Planejamento Nacional, 25

3.O Brasil que Queremos, 27

4.O País que Queremos e a Felicidade, 29

5.Desenvolvimento, 36

6.Humano, demasiadamente humano!, 42

7.Doenças da Infelicidade, 43

8.Objeto Educação, 47

9.Educação e Desenvolvimento, 49

10.2014 – A Primeira Aula da Natureza, 53

11.Consciência, 54

12.A Conexão com a Educação do Hábito, 60

13.Lembrança, 61

13.1.Pesquisa de Lembrança, 63

13.2.Resultados da Pesquisa de Lembrança, 66

14.Hábito e Cultura – 5.000 anos em 5?, 67

14.1.Cultura, 68

15.Introdução à Felicidade, 78

15.1.Felicidade – O Porquê de Educar, 82

15.2.IDF - País Desenvolvido e Índice de Felicidade, 91

15.3.Pesquisa sobre a Felicidade, 95

Resumo, 100

Exercícios, 101

Parte II – Hábito

16.O Hábito, 105

16.1.Hábito e Razão, 108

16.2.Sociedade, Cultura e Conexões, 114

Resumo, 136

Exercícios, 139

Parte III – Educação do Hábito

17.Educação do Hábito - Conceito, 143

17.1.Conceito Abrangente, 143

17.2.Conceito referência, 143

18.“Dar Início”, 144

19.Entendendo o Sistema de Forças, 147

19.1.Sistemas, Dispositivos e Comportamento, 151

19.2.Dispositivos, 158

20.Os Hábitos da Educação do Hábito, 162

21.Educação do Hábito – Execução do Modelo, 169

21.1. Metodologia da Educação do Hábito, 170

21.2. Exemplo do Modelo, 177

21.3. Modelo Simplificado, 197

22. Conclusão e Cenários Futuros, 200

22.1. O Desenvolvimento está na Célula, 202

22.2. Educação do Hábito para as Minorias, 204

22.3. Povo Educado é mesmo Povo Consciente?, 204

22.4. Minha Culpa, Minha Máxima Culpa!, 206

22.5. Hábitos Subjetivos, 208

22.6. Educação do Hábito do Sentimento, 209

22.7. Dilema além do Básico, 210

22.8. A Cura para Meio Ambiente além da Educação , 212

22.9. Educação do Hábito, por Competências e Transversalidade, 213

22.10. CH Aplicada Total - Reciclagem na LDB, 215

22.11. Amar sem Medo, 218

Referências Bibliográficas, 223

Anexos, 227

Anexo A – Pesquisa de Campo I – O que é Consciência, 225

Anexo B – Pesquisa de Campo II – O que é Felicidade, 226

Anexo C – Pesquisa de Campo III – Efeito Lembrança – Dispositivos Utilizados, 229

1.Introdução

Por que o hábito? Porque ele é mais forte que nossa consciência ou nosso conhecimento. Talvez mais que isso, ele é o verdadeiro conhecimento, segundo alguns estudiosos, como veremos no seu capítulo particular.

É um mistério o hábito ter sido tão estudado pelas áreas da filosofia e da psicologia e não pela educação. Não cientificamente.

Falando apenas da educação regular, nos preocupamos mais em ensinar uma disciplina do que ensinar o hábito de aprender ou de estudar. Mais em preparar para um concurso do que em criar o hábito de crescer.

Mesmo quando existe a “metodologia da pesquisa”, alguns professores dão mais tempo ao ensino das normas de apresentação, que são importantes, do que à metodologia e relevância para a sociedade (objetivo da ciência).

Talvez seja o hábito principal a ser ensinado. Todos conhecemos a máxima que diz que só existe a maldade porque os bons nada fazem. Então outro hábito importante seria iniciativa, aos bons.

O objetivo abrangente desse livro: redirecionar o foco da nossa atenção, para darmos um retorno mais eficaz a nossa sociedade e oferecer um método de tratamento de valores e

comportamentos através da educação como algo mais amplo, direcionada ao desenvolvimento humano nacional, que priorize a ação e não a erudição.

Entretanto, um esforço sério para tratar disso pede primeiro um exame das premissas, dos paradigmas, dos princípios que atualmente obedecemos, com vistas a evitar o esforço para o caminho errado. Logo, antes de irmos às reuniões para tratarmos dos valores bons ou ruins dos nossos filhos e alunos, o que é bom ou ruim? Para definirmos isso, precisamos identificar para que servem os valores, os bons e maus hábitos. Para tornar a sociedade feliz e harmônica, desenvolvida. E o que é desenvolvimento?

Veremos que nossos conceitos de desenvolvimento, educação e felicidade precisam de adaptação e isso nos levará à percepção do quanto nos distanciamos do foco eficaz.

A metodologia que utilizamos para atingir valores e comportamentos para uma sociedade melhor foi a Educação do Hábito.

O objetivo técnico desse estudo é mostrar o potencial da educação pelo hábito. E como ele é relevante catalizador às demais formas de educação.

Para isso, na primeira parte apresentamos a hierarquia entre educação e Planejamento Nacional e desenhamos o

mínimo do país que queremos. Nela discutimos o que é desenvolvimento, felicidade, a relação entre indivíduo e nação, e com isso o que é iminentemente necessário ao desenvolvimento econômico e humano de um país.

Adicionamos uma pesquisa sobre o insucesso do processo educacional conhecido por conscientização e agregamos outra pesquisa sobre o mecanismo da lembrança.

Em seguida, reunimos os estudos sobre como o hábito funciona, sua formação e fatores intervenientes.

A última parte conecta todas as informações anteriores para a construção da Metodologia da Educação do Hábito, oferece um modelo de trabalho que pode e deve ser adaptado pelos educadores, pois esse é um assunto rico e promissor.

No mesmo bloco nos arriscamos a algumas conclusões, possibilidades para reflexão e estudos futuros.

Parte I – País, Educação e Desenvolvimento

2. Educação e Planejamento Nacional

Casa mia, casa mia

Per piccina che tu sai

Tu mi sembri una Badia.¹

Filastrocca

Onde está a educação na hierarquia de necessidade de um país?

Precisamos de algumas linhas para voltar ao básico.

Pessoas elegem seus representantes dando a eles poder. E o que elas querem é que os eleitos administrem seu país, para que esse seja um bom lugar para se viver.

Gostaríamos de dizer que o povo está no topo da hierarquia, mas analisemos pelo prisma do poder imediato e fácil de ser avaliado. Para tanto, o presidente, a Câmara e o Senado figuram no topo da hierarquia e eles obedecem ao mesmo objetivo: de construir uma nação desenvolvida em termos humanos e econômicos.

O planejamento começa quando um grupo se constitui com uma proposta e busca ser eleito. Mas o planejamento

¹ Casa minha, casa minha, por menor que sejas, tu és para mim uma abadia. Filastrocca são cantigas italianas para ninar ou para brincar de roda.

começa firme mesmo a partir do primeiro dia após o pronunciamento dos resultados da eleição. Não vale o mérito, aqui, se é certo ou errado. Vamos a um exemplo.

Nesse dia, então, os vencedores reúnem e começam a planejar:

Objetivo: ser uma nação desenvolvida humana e economicamente.

Surge a primeira pesquisa necessária ao planejamento: o que significa ser um país desenvolvido humana e economicamente?

Identificado isso de forma científica, o próximo passo:

Como (estratégias ou meios)?

Nesse momento são definidas as estratégias para se atingir o objetivo acima, por exemplo, com:

Administração financeira, educação, saúde, infraestrutura, produção, tecnologia, agricultura, serviços e lazer.

A seguir é feito o alinhamento de cada área com o objetivo maior:

O objetivo da Administração Financeira deve estar atrelado ao objetivo “desenvolvimento humano e econômico” e também serão definidos outros objetivos da Administração Financeira, sempre relacionados ao objetivo maior. O mesmo se repetirá com as demais áreas, como educação, saúde etc.

Outro objetivo do topo da hierarquia seria: identificar os gargalos ou as bases necessárias para que cada área possa avançar. Por exemplo: para a saúde, primeiro vem a medicina sanitária, para acabarmos com as moléstias do subdesenvolvimento, dos esgotos a céu aberto; para reduzirmos a corrupção financeira, acabar com a cultura do jeitinho brasileiro, do esperto etc. Paralelamente, sim, entram objetivos mais avançados; sem uma base boa, nosso esforço de transformação de uma pessoa comum em um ser de sucesso será ineficaz e feito de exceções².

Percebe-se que a educação, como todas as áreas administradas pelo Estado é uma atividade meio para se alcançar a felicidade e o desenvolvimento.

3.O Brasil que Queremos

O país que queremos é X.

É X mesmo? Então tentemos chegar a um consenso sobre o que é X.

² Para mais detalhes de Planejamento Educacional, baixe gratuitamente o livro MOSSO, Mario Manhães. Planejamento Educacional Estratégico e Tático. Rio de Janeiro ESC, 2013. Em www.mariomanhaes.com.br

O Brasil que queremos

Perguntei a ele:

– O que você quer? – Quero educar crianças. – Tem certeza? – Como assim? Claro que tenho certeza! – Por que quer educa-las? – Para elas serem felizes. – Então o que você quer que elas sejam felizes? – Felizes através da educação. Está bom assim? – Conhece alguém feliz que passa fome? – Acho possível, mas não. – Mas a criança sai sabida da sua escola? – Sim. – Mas não consegue arrumar emprego? – Muitas vezes não. – Quer dizer que você educa um jovem até os dezoito anos e ele não tem como conseguir um emprego? – Essa não é a minha função. – Qual é mesmo, sua função? – Ela ser feliz. – Então você não atingiu seu objetivo! – OK: educar para ter um emprego, educar para ser feliz, educar para desenvolver o país, educar para estar bem... E como educar para o desenvolvimento? – Primeiro identifiquemos o desenvolvimento que queremos. A palavra desenvolvimento talvez não seja das melhores para o momento. O que é um bom país para se viver?

– No momento, durante o processo, no longo prazo ou tudo junto? – Tudo junto.

– Mas eu confesso que estava mesmo pensando no longo prazo. – Aquela criança crescerá, terá um bom emprego, porque foi educada por você, conseguirá dinheiro e terá qualidade de

vida. O que você quer é que no futuro ele tenha qualidade de vida. – Seu pensamento parece preciso. – E este jovem poderá ter qualidade de vida num país subdesenvolvido? – Uma qualidade de vida melhor que a dos seus semelhantes da mesma região. – Assim você o educa para ele mesmo, não para o país. Educa para a diferença. O que você ensinou a ela visando o desenvolvimento do país?

4.O País que Queremos e a Felicidade

Embora trabalhar com o país utópico seja tentador, muitos já buscaram uma visão mais científica do que é um país desenvolvido e seguiremos essa trilha, com algumas adaptações.

Mas se a educação serve à felicidade, do país e do indivíduo, temos de entender a felicidade para planejar a educação. Caso contrário, a educação, em relação à felicidade, seria somente fazer as crianças sorrirem.

Se a educação serve ao desenvolvimento de um país, precisamos chegar a um acordo sobre o que é desenvolvimento, ou qual é o desenvolvimento que queremos, novamente, para planejar a educação. Pois se achamos que desenvolvimento é dinheiro, precisamos ensinar a ganhar dinheiro, ou se achamos

que é serenidade, é ela que precisa ser assimilada por nossos alunos, filhos e cidadãos.

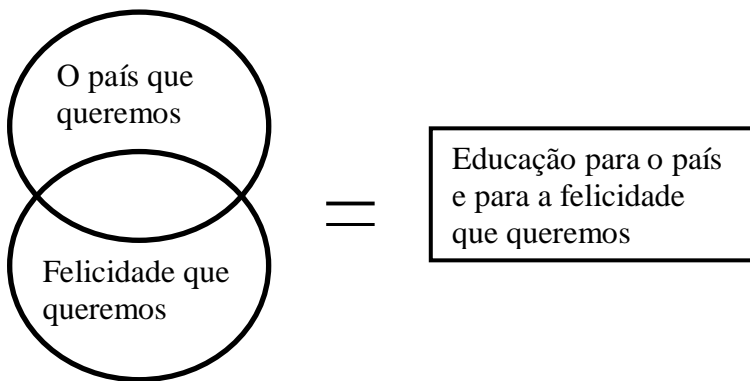


Fig.1 - Relação entre Felicidade Coletiva, Individual e Educação

O país que queremos visa à coletividade, enquanto os estudos sobre felicidade analisam o indivíduo. Entretanto, existe forte relação entre o país que queremos e a felicidade que queremos. Por exemplo, para fazer um passeio com a família, o(a) provedor(a) precisa ter trabalho e renda, e isso é mais presente num país economicamente desenvolvido, com oportunidades. Por isso utilizamos o diagrama de Venn na figura acima, pois existe uma área comum entre o indivíduo e o país.

Num patamar superior, a felicidade deveria evoluir, ao ponto de ficarmos felizes não somente com aquilo que se tem percebido nas pesquisas (ver Anexo B e capítulo sobre

Felicidade) como também com a felicidade do próximo. Isso nivela a felicidade individual com a coletiva e aguça a percepção de diferença (percebemos nossa felicidade quando vemos a infelicidade dos outros), e finalmente gera uma ação nos mais felizes para corrigi-la, mais uma vez tendendo tanto à coletividade quanto à individualidade. É educar o hábito de pensar no outro.

Antes de entrarmos na pesquisa, convidamos o leitor a comungar ideias e questionamentos dos seres comuns da educação, nós professores, para depois compararmos com os estudos atuais.

Um bom país seria um país feliz e com qualidade de vida?

Pouca violência. O que é pouca violência?

O que é a solução: pela educação técnica, pela educação do comportamento, da moral, da propedêutica? Ou como deve ser uma solução mista de formas de educação?

Percebe-se que não há um bom planejamento integrado das diversas formas e níveis da educação; nossa Lei de Diretrizes e Bases explica, organiza mas não integra os vários tipos de educação de forma eficaz. Também poder-se-ia discutir se ela é o melhor instrumento para isso, a LDB.

De felicidade falamos ou falamos: felicidade das relações ou felicidade no que o país te oferece (saneamento, assistência

médica, acesso; boa educação; segurança; habitação; trabalho; oportunidade de acesso ao lazer, divertimento, cultura...), formando o equilíbrio trabalho X lazer?

Ação do Estado	Área	Ação da Educação
Proteção	Segurança	Ensino do autocontrole, do aceite, entendimento, drogas.
Infraestrutura	Saúde	Higiene mental e física.
Acesso, qualidade, materiais.	Educação	Propedêutica, técnica, superior, moral.
Desenvolvimento de conexões entre empresas e escolas, conexões ensino e desenvolvimento	Trabalho	Ensinar a valorizar o trabalho, a realização.

Tabela 1 - Ação do Estado e Ação da Educação

O Estado dedica seu tempo a ações quase reativas: aumenta leitos em hospitais em reação ao aumento de doenças, aumenta o policiamento por causa dos índices de violência.

Percebe-se que de todas as atividades do Estado, a única ação verdadeiramente preventiva é a educação. Existem ações preventivas, do Estado, não referentes a valores e atitudes, mas preventivas só do comportamento.

Ex.: Proibir a venda de armas; caderneta de vacinação; presença policial; barreiras fora da faixa de pedestres etc. Essas ações preventivas só de comportamento serão vistas no capítulo de sistemas e dispositivos.

Todos esses mecanismos são preventivos contra o mau comportamento. Mas não são ações que buscam educar valores.

Isso também nos leva à percepção de que existe mais uma classificação de educação: de valores; de atitudes; de comportamentos.

O comportamento sempre fora estudado como resultante, mas, como visto acima, podemos mudar (educar) um comportamento mesmo que ele vá de encontro ao valor de um indivíduo. Exemplo: mesmo que a pessoa não seja educada ou cuidadosa, podemos obriga-la a atravessar na faixa de pedestres colocando barreiras físicas onde não há faixas (educação pela ação do Estado – educação pela infraestrutura). O tempo fará com que ela se acostume ao ponto de mesmo quando não houver

barreiras, continuar atravessando na faixa. Olhando para essa pessoa atravessando na faixa diríamos: como essa pessoa é educada. Ela é ou não é?

Na licenciatura, estamos nos concentrando nas técnicas de aprendizagem e metodologias, que realmente parece a prioridade, mas não vemos, de forma científica, os métodos de ensino de valores e atitudes. E dentro do próprio sistema de aprendizagem, cansados de saber que só lembramos do que fazemos, não investimos no fazer, na prática nem no hábito.

Para sermos mais eficazes e objetivos, nos fixaremos nos valores, uma vez que as inclinações (atitudes) deles nascem. Uma pesquisa para identificar o tamanho dessa relação pode figurar em outro estudo.

Os valores são sedimentados com os hábitos. O hábito da doação forja o valor da bondade, de pensar no outro, assim como o hábito de ouvir. Sem a sedimentação, o valor pode ser diminuto ao ponto de ser mudado por um grupo de pessoas que não é o ideal ou saldável para a felicidade. Quantas vezes vimos crianças bem educadas se perderem para vícios nunca imaginados, ou se modificarem totalmente em relação ao bom caminho que seguiam?

Mas não basta identificarmos os males e as coisas boas da vida. Como melhorar a violência em um grau, se não soubermos

o que é e em que grau está? E o mesmo vale para trabalho, saúde, educação e lazer.

Primeiro cheguemos a um acordo quanto aos males, às benesses, às estruturas básicas para a felicidade, para depois caminharmos para uma escala, que também não caberá neste trabalho.

Um elemento que interfere no contexto do que queremos ser como país: o resto do mundo. Porque todos os países estão conectados. Sim, nossa visão de mundo é de um país, o país que gostaríamos que fosse o país “planeta Terra”. Mas como isso está ainda a milhares de anos do nosso tempo, temos de encarar esse fluxo de desequilíbrio constante entre as fortes economias e as fracas. E, por isso, a prática do isolacionismo é impossível. E se o que está em jogo é a saúde e a humanidade dos nossos filhos e descendentes, precisamos procurar o desenvolvimento, para que os desenvolvidos não nos façam subdesenvolvidos. Como bem sabem os economistas, se tivermos fluxo interno de comércio, seremos menos afetados, mas sempre seremos.

Há como não sermos um país desenvolvido e ao mesmo tempo não sermos um país escravo, explorado, usado? O desenvolvimento é, pois, uma necessidade, quase um axioma da existência, quase um pleonasma para uma “nação”.

Temos de “educar o hábito” de nos desenvolvermos e de crescermos internamente, o hábito da inovação, o hábito do

trabalho, da qualidade, da perfeição, o hábito da conclusão ou finalização, o hábito de ajudar a todos, não só o parente, o hábito da sistematização, o hábito da estratégia, para evitarmos conflitos, o hábito do estudo, do autodesenvolvimento.

5.Desenvolvimento

Uma reação natural que temos ao perguntar que país queremos é associar isso ao desenvolvimento. Entretanto, o que tristemente descobrimos é que índices e indicadores de desenvolvimento são por vezes antagônicos a indicadores de felicidade. Por exemplo, se compararmos uma pesquisa sobre as populações mais felizes, o PIB e o IDH, veremos que algumas, com baixos PIB e IDH, têm pessoas mais felizes.

PIB per capita	IDH	Felicidade
Luxemburgo	Irlanda	México
Irlanda	Suécia	Finlândia
Dinamarca	Finlândia	Dinam. e Noruega
Áustria	Holanda	**
Finlândia	Luxemburgo	Canadá
Bélgica	Bélgica	Vietnã
Holanda	Áustria	Suíça
Reino Unido	Dinamarca	Holanda
Alemanha	França	Nova Zelândia
Suécia	Reino Unido	Suécia
		Brasil
		Bélgica***

*Adaptado dos artigos posteriores e da Pesquisa da ACNielsen³

** Intencionalmente em branco, pelo empate em 3º lugar de Dinamarca e Noruega e pelo sistema de pesos que será implementado a seguir.

***Bélgica pela sua aparição nos indicadores anteriores e o Brasil por ser nosso foco.

Tabela 2 - Ranking Indicadores de Desenvolvimento Humano versus Felicidade

³ Da pesquisa ACNielsen sobre Felicidade foram ponderados os dois momentos de aferição (mês anterior e mês seguinte) e tirada a média aritmética, para que não interferisse nos resultados apenas um momento de otimismo.

Não se pode associar felicidade á pobreza.

Certamente isso mostra, porém, que precisamos de um indicador melhor e que talvez a palavra desenvolvimento não seja adequada nem até mesmo possível.

A importância de melhorarmos essa noção, ou indicação, é que, por exemplo, se dissermos que o desenvolvimento é um PIB alto, precisaremos ensinar aos alunos (educação) também formas de desenvolver economicamente o país; se dissermos, entretanto, que um país desenvolvido é um país feliz e sem neuroses, inseriremos em algum momento da educação práticas para evitar as neuroses.

A Educação do Hábito, como outras formas de educação, é planejada conforme o que for melhor para os indivíduos e grupos de uma nação. O que é melhor? Educação, segurança, lazer, saúde, ..., então eduquemos hábitos relacionados ao aprendizado, à tolerância, ao respeito, à cultura, à saúde etc. Veremos mais tarde que as ilações não são tão óbvias quanto parecem.

Voltemos, assim, para as medidas mais comuns de desenvolvimento: São elas:

- PIB – Produto Interno Bruto
- IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

O IDH abarca vários indicadores ao mesmo tempo. Entretanto, o desenvolvimento também os utiliza em separado como medida. Desenvolvimento é saúde, se analisarmos número de leitos oferecidos, ou taxas de males da pobreza, como casos de diarreia ou de tuberculose. Desenvolvimento está atrelado à taxa de analfabetismo, examinando isoladamente a educação. É consumo de bens de capital (máquinas desenvolvidas para fazer outros bens), quando examinamos a capacidade industrial de um país etc.

Veremos adiante que o desenvolvimento está mais relacionado ao tipo de felicidade chamado “não infelicidade”

Os melhores **indicadores de qualidade na educação** são anos de estudo ou notas, ou a quantidade de doença ou de violência ou mesmo o IDH?

A maioria absoluta dos estudos sobre desenvolvimento trata do desenvolvimento econômico, industrial e dito humano, Entretanto, o que mais se aproxima do nosso prisma é o desenvolvimento humano, nos artigos científicos. E, também em sua ampla maioria, o que fazem é relacionar o PIB com o IDH. Comprovadamente existe uma relação direta e positiva entre esses índices ou indicadores, quer dizer: a grande parte dos países com maior PIB também é a que tem maior IDH (tabela anterior). As exceções são países que estão passando por transformações econômicas e sociais em espaços definidos de

tempo, por exemplo os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), que por determinado período mostraram elevação no PIB bem superior ao seus respectivos números de IDH. Binder e Giorgiadis mostram que a política macroeconômica de um país afeta mais rapidamente o PIB que o IDH do mesmo.⁴

O que se aplicará neste estudo em relação ao PIB é o padrão de vida.

Padrão de vida, de forma genérica, é visto como o modo que as pessoas vivem e seu dinheiro para comprar bens, por isso também é conhecido como bem estar econômico, que para Pigou é a parte do bem estar social associado com o dinheiro, logo diferente do bem estar total.⁵

A felicidade relaciona-se com o bem estar geral. O bem estar geral de uma pessoa depende: 1) dela – do seu esforço e sabedoria; 2) do seu governo – através de suas medidas estruturais para oferecer qualidade de vida de padrão satisfatório; e 3) de nós educadores – oportunizando o bem estar econômico e social através da educação. O livro trata

⁴ BINDER, Michael e GEORGIADIS, Gergios. Determinants of Human Development: Capturing the Rol of Institutions. CESifo Working Paper nº 3397. Category 6: Fiscal Pollicy, Macroeconomics and Growth, March 2011.

⁵ KORELESKI, Dariusz. Living Standard vs Life Quality. *Oeconomia* 6 (3) 2007, 65-73.

exatamente do que não depende do ser humano, mas do que educadores e governos podem fazer.

É natural a relação entre PIB e IDH, uma vez que este é calculado através de três parâmetros⁶:

- Expectativa de vida no nascimento;
- A relação geral entre a educação primária, secundária e terciária, segundo a fração (peso de 1/3) com a taxa de alfabetização de adultos (2/3); e
- PIB per capita.

O PIB é a soma de toda a riqueza de um país. O PIB per capita é esse valor dividido pelo número de habitantes (PIB por habitante).

Não poderíamos trabalhar a educação do hábito pelo IDH só para nos defendermos das críticas. Porque o IDH fora amplamente estudado e testado, logo, um parâmetro científico. Pessoas são criticadas quando não usam parâmetros testados cientificamente.

Entretanto, o IDH não nos atende quando pensamos em educar para o desenvolvimento humano. O ser humano desenvolvido (desenvolvimento humano) é o que tem a parte humana desenvolvida e não dinheiro para consumir. Muito ao contrário; os grandes filósofos eram simplesmente seres não consumistas. Se aplicássemos o IDH ou o PIB nessa categoria,

⁶ Idem, Ibidem.

dos mais sábios, teríamos os piores índices, humano e econômico.

Por tudo isso, para estipularmos que hábitos ensinar (Educação do Hábito), precisamos criar nosso próprio conceito de desenvolvimento humano, bem como de país desenvolvido.

Mas concordamos que deve existir um padrão mínimo e aceitável de estrutura para as pessoas “sobreviverem” bem. Como o IDH é um bom índice para isso e também agrega o bem estar econômico (PIB), precisamos adicionar dois outros parâmetros: o desenvolvimento verdadeiramente humano (a dimensão humana – mental - dos sentimentos e das sensações) e a percepção da própria felicidade. Em seguida associaremos esse conhecimento à educação do hábito.

6.Humano, demasiadamente humano!

O ser que é “humano” difere dos outros seres por ter, apesar de em comum duas dimensões: física e mental – nesta última é superior em complexidade e capacidade. O IDH já incorpora a parte física do lado humano, só não abarca o que faz do ser humano demasiadamente humano: a mente e suas consequências. Comporta a parte física uma vez que o PIB

indica sua capacidade de comprar os elementos para manter o físico, a existência (água, comida, moradia e roupas).

Para descermos até a parte mais humana, desenvolvimento humano, invariavelmente tivemos de verificar o que é a saúde e a doença pelos prismas da psicologia e da psiquiatria.

7.Doenças da Infelicidade

Dos males da mente, os que aparecem com mais frequência, principalmente por suas consequências aos indivíduos e à sociedade, são: o estresse, a depressão, a ansiedade e a raiva.

As doenças mentais podem ser divididas em endógenas (de causas hereditárias e/ou constitucionais) e as exógenas (resultantes do que está fora do corpo, como o contato com os amigos, com a sociedade etc.).

A depressão está no meio do caminho entre as causas endógenas e as exógenas, uma vez que já existem pesquisas mostrando uma relação entre ela e a hereditariedade e ao mesmo tempo é altamente afetada pelos relacionamentos, família e trabalho (causas exógenas).

Como a depressão é a doença da mente mais estudada e por isso com números precisos, ela será a base do diagnóstico da felicidade mental nos países do mundo.

Como ela pode ser parte endógena, mas certamente é exógena, um ambiente de maior pressão por sucesso, beleza e de relacionamentos difíceis é um ambiente mais doente, mentalmente, e de uma sociedade menos feliz, com depressão e suas variantes, estresse, ansiedade etc.

Alguns motivadores, por exemplo, são: obsessão com a relação com os amigos, com a responsabilidade, frustração, sentimento de culpa, exaltação de valores como sucesso econômico, afetivo e social.⁷

Segundo a psiquiatra Carmita Abdo, no Brasil, os mais propensos a sofrer a depressão são: 24% lésbicas, 30% gays e 13,5% heterossexuais⁸. A questão sexual e da sexualidade também é a maior causa de suicídios e tentativas de suicídios. Num futuro próximo, se não imediatamente, isso mostra que a questão deve ser aprofundada, para chegarmos a uma forma de melhorarmos a qualidade de vida mental de diversos indivíduos. No momento, sempre nos arriscando, mas querendo iniciar de pronto todos os processos relevantes a um mundo melhor, temos

⁷ SABBATINI, Renato M.E.. Jornal Correio Popular, Campinas, SP. Em www.correio.rac.com.br acesso em 18/12/2014.

⁸ www.abp.org.br/2011/medicos . Acesso em 20/08/2014.

duas opções óbvias: 1) educação do hábito de respeitar as escolhas e opções sexuais dos outros, respeito, tolerância: o que irá reduzir a pressão social; 2) informar que a opção pela homossexualidade, quando existe opção, não é uma opção fácil e que gera os resultados acima mostrados, novamente, naturalmente e principalmente, pela luta a ser travada com a sociedade. Mas esse segundo ponto não entrará na Educação do Hábito, por ser polêmico e por demandar maior aprofundamento.

Segundo o estudo de planejamento da OMS para a saúde mental, os determinantes da saúde mental são:

- Habilidade de lidar com os pensamentos, emoções, comportamentos, interação com os outros; e
- Fatores sociais, culturais, econômicos, políticos e ambientais.

Lembramos que a despeito de acreditarmos que a Educação do Hábito, pelas mudanças de comportamento propostas, auxilia na redução da depressão através da melhoria das relações etc., essa doença pode atingir níveis graves e cuidados médicos específicos são muito importantes e eficientes. A Educação do Hábito é preventiva em relação ao cominho para a felicidade humana e preventiva e reativa para o

desenvolvimento nacional. Não é a cura para uma crise, mas sim um caminho permanente para cuidarmos do ser.

Das várias formas de reduzir os fatores de risco da depressão, presentes ou independentes da Educação do Hábito, podemos incluir: programas escolares direcionados a habilidade cognitivas (e afetivas⁹), de resolução de problemas e sociais para crianças e adolescentes; programas de exercícios para idosos; programas que tratam a depressão através da relação pais e filhos¹⁰.

Desse conjunto de informações tiremos o que é, a princípio, gerenciável pela Educação do Hábito. Esse capítulo nos ajudou a incluir na Educação do Hábito, parte final, os hábitos de: comunicar, relacionar-se com os outros, exercitar-se fisicamente, desenvolver a autoestima e o hábito de organizar a vida em hábitos saudáveis e que estimulam a vida em sociedade e não uma vida isolada.

“O bem estar mental é um componente fundamental da definição de saúde pela OMS (Organização Mundial de Saúde). Boa saúde mental permite que as pessoas atinjam seu potencial,

⁹ Inclusão do autor.

¹⁰ MARIA MARCUS, M. Et. al. Depression – A Global Public Health Concern. WHO Department of mental Health and Substance Abuse. World Federation of mental Health. Acesso em 26/01/2012. XXXX

lidem com o estresse natural da vida, trabalhem com produtividade e contribuam com suas comunidades.”¹¹

8.Objeto Educação

Por ser Educação do Hábito, precisamos delimitar o “objeto educação”.

Uma vez que a Educação do Hábito tem como cerne mudança real e nítida de comportamento, e de forma consistente, não provisória, dos pilares da educação segundo a UNESCO:

- aprender a conhecer
- aprender a fazer
- aprender a viver juntos e
- aprender a ser,

a maior carga de tempo está no aprender a fazer e a ser. Em seguida vem o aprender a viver juntos e o aprender a conhecer com a menor carga.

Falamos de carga e não de sequência, uma vez que quase sempre, repetindo: não sempre, o conhecimento e a consciência (estar ciente) venha antes das demais.

¹¹ Dra. Margaret Chan – Diretora Geral da OMS.

Para exemplificar, visando à Educação do Hábito de cooperar, poderíamos organizar, supondo sete horas para atingir esse fim: uma hora de informações (conhecer), duas horas de fazer, quatro horas para realmente ser e viver junto. Sabe-se que esses momentos se entrelaçam e que o tempo de cada etapa não é contínuo.

Isso reafirma que a passagem da informação, seja de modo oral ou vivencial, é obrigatória, mas que a Educação do Hábito muda o foco, carga horária, da informação para o uso da informação, mesmo quando do uso de dispositivos, como será visto adiante.

O mesmo vale para os níveis da educação formalizados nas legislações pelo mundo, no nosso caso: a LDB - Lei de Diretrizes e Bases. Todos os bons professores sabem e praticam em seus níveis de atuação a conexão com o mundo do aluno e a prática ou o “ser” da UNESCO. É o caso de agora pensarmos se não é necessário documentarmos através da LDB a carga prática ou aplicada (Carga Horária Aplicada Total).

Dessa forma, como objeto educação incluímos: a educação informal, canalizada ou não pela formal, a educação formal do nível infantil ao pós-doutorado e a educação formal técnica e tecnológica.

9.Educação e Desenvolvimento

Precisamos de outros parâmetros para o desenvolvimento da educação. Indicadores são controles. Sua importância é identificar o que está acontecendo para agir corretivamente. Então, quando a avaliação de um aluno é baixa, isso é um indicador que existe alguma falha no processo, da instituição ou do aluno. A nota é o parâmetro de controle para a assimilação de um conhecimento.

Dessa forma, vamos ampliar.

Avaliar o aprendizado.

Temos de colocar agora uma definição abrangente, porém curta, de educação; temos uma finalidade com isso.

Educação é: melhorar a pessoa, para a felicidade dela, de seu grupo, de sua nação, através de um processo de comunicação estruturado ou não.

Agora vamos, no seguinte processo de pensamento.

Avaliamos todos os alunos, quase sempre de dois em dois meses, quase sempre individualmente, do primeiro ano do fundamental ao terceiro ano do médio, e até na maior parte da graduação.

Para que serve cada avaliação? Para identificarmos se o aluno está aprendendo o que queremos que aprenda.

O que a avaliação nos mostra? Que está tudo certo, quando a nota é boa. Quando não é, a avaliação nos mostra que existe algum problema com o aluno, com o professor, com o nível anterior, com o ambiente escolar ou familiar do aluno ou com o próprio curso.

Repetindo, fazemos todas essas avaliações, todo esse tempo para saber se um aluno assimilou uma informação ou algumas informações.

Mas o que é educação mesmo?

Dessa forma, todo o nosso processo de avaliação concentra-se na parte cognitiva da educação formal e somente na parte cognitiva das informações da LDB (Lei das Diretrizes e Bases). E a avaliação nunca é feita da parte que trata do bom convívio, da grande educação que é: pensar no outro. Não podemos falar de escolas que são exceção, temos de falar de Brasil.

Não adianta a avaliação subentendida, pois não traduz uma relação direta de reação corretiva. Por exemplo, a capacidade de atenção. Se um aluno tira uma nota baixa em História, um dos motivos pode ser a baixa capacidade de atenção. Mas a ação direta em resposta é sempre “estudar mais história” e não estudar técnicas de atenção. Porque a atenção foi

abordada sutilmente, de forma não evidente, logo não será examinada.

Assim, avaliamos um conteúdo bimestralmente, mas não avaliamos a paciência, a violência, a bondade, a solicitude, nunca. Apenas quando sofremos a falta de educação de alguém, avaliamos imediatamente “este ser não tem educação”. Talvez uma reprimenda, totalmente desestruturada e sem padrão também, e nada mais fazemos. Pois nos contentamos com nossa crítica, que em nada muda a sociedade, em nada educa. Raras exceções de professores, pais e até chefes, que percebem nesses momentos uma grande oportunidade de educar. E dos poucos que percebem, quantos terão a coragem e a força de falar?

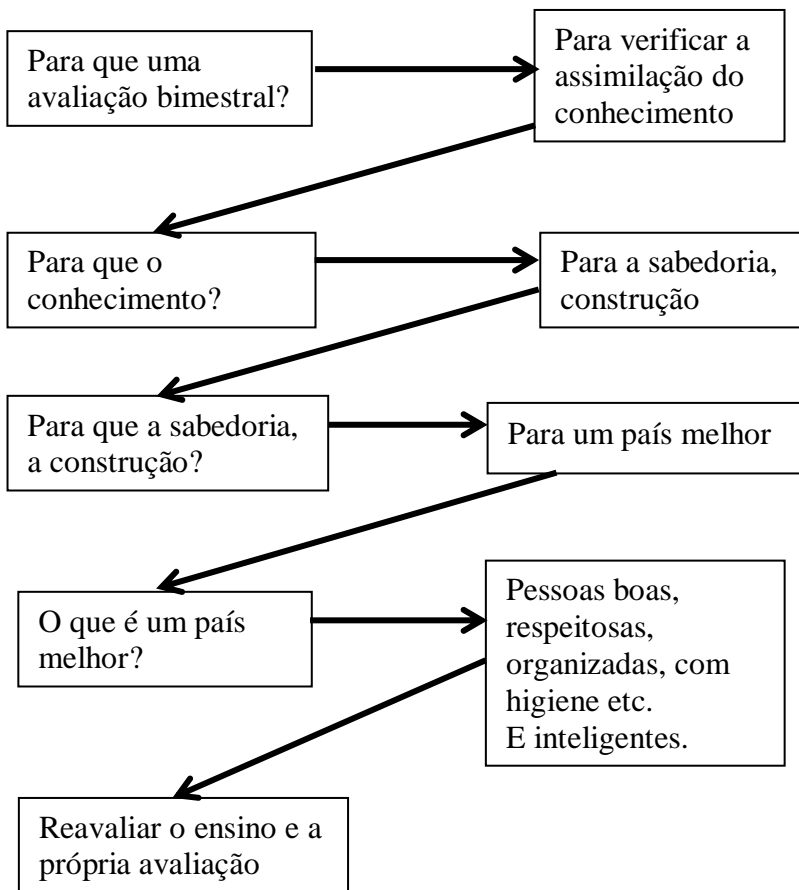


Fig. 2 – O Grande Motivo

A questão não é a “bimestralidade” da avaliação, mas seu conteúdo.

Dá trabalho avaliarmos os outros prismas?

É complicado educar nos outros prismas?

Então vamos nos contentar com um país pouco desenvolvido?

Para desenvolver o humano, precisamos avaliar o lado humano demasiadamente humano.

10.2014 – A Primeira Aula da Natureza

Em 2014, o Brasil teve sua pior seca para uma geração. Seca para os que têm voz, não para os eternos desvalidos.

Os níveis de água dos reservatórios baixaram cada vez mais. E nada acontecia; as pessoas não reagem.

Somente perto de acabar totalmente a água, a empresa de abastecimento de água de São Paulo, maior estado brasileiro em densidade populacional, iniciou programas de incentivo aos que economizassem. Pouco mudou. Chegaram a colocar um comercial na televisão de como se deve tomar banho, mostrando que nossa experiência de 2011 realmente pegava a ação de maior impacto no consumo de água (veja a seguir)¹². Quase nada mudou.

¹² Outro estudo sobre o impacto ambiental do banho encontra-se em forma de contos em: MOSSO, Mario Manhães. Ambiente, Educação e Gestão: Contos Fortes. Rio de Janeiro, ESC, 2010.

E então a água acabou de vez e várias cidades e as pessoas ainda precisaram de muitos dias de sofrimento para reagir.

Hoje, somente nessas cidades que sofreram, os hábitos são outros para tudo que diz respeito ao consumo de água.

A natureza deu sua primeira aula; colocou todos sentadinhos em cadeiras e deu a eles uma lição pela dor. E foi eficaz; conseguiu uma mudança de comportamento duradoura a todos que padeceram. E precisou chegar à Educação do Hábito para conseguir, pois quase todos nós já passamos por um ou outro problema de água e não mudamos; só o sofrimento, e o hábito.

Ao mesmo tempo, entristece o fato que a natureza, perfeita mas também sem utilizar nenhum pensamento de planejamento, só reativa, superou todos os esforços de anos de milhões de educadores, com nossa conscientização ineficaz.

Com nossa simples observação inteligente, já sabemos o que a natureza fez e já podemos imita-la imediatamente.

Mas nossa Inteligência poderá certamente encontrar uma solução menos dolorosa que a da natureza.

11. Consciência

Durante o ano de 2011, um grupo de 240 alunos (ensino médio), 78 alunos (graduação) e 620 alunos (pós-graduação)

foram questionados se tinham consciência ambiental. O resultado foi 97%. Em seguida, foram questionados se fechavam a torneira ao escovar os dentes. Resultado 38%. E finalmente perguntamos quantos fechavam a torneira do chuveiro para se ensaboar: 2%.

O desconforto resultante da pesquisa é:

Ninguém tem consciência ambiental?

Ou não se sabe o que é consciência ambiental?

Ou consciência ambiental é somente saber como é importante o meio ambiente, mas não haver uma preocupação individual com isso ou como isso deve acontecer?

Ou consciência ambiental não significa ação pró-meio ambiente?

A conclusão relevante foi que existe algo mais forte que a consciência, que dirige a maioria das nossas ações: o hábito?

Fica evidente que os únicos procedimentos que as escolas conseguiram massificar foram a escovação dos dentes e guardar o lixo (crianças). Ou as escolas, ou as mídias ou os pais.

Massificar implica num determinado nível de repetições (redundância) para tornar uma ação quase um hábito, nesse caso, para grande volume de pessoas. Mas massificar ideias não significa massificar comportamentos e pelo percebido a distância é grande entre eles.

A educação do hábito envolve uma linha de pensamento para os que estão na fase de formação, e sem hábitos arraigados, e outra para os já formados ou com hábitos já bem sedimentados.

Mas as primeiras sementes da educação do hábito brotaram em aulas de educação ambiental, através da observação do comportamento de alunos.

Esse estudo nasceu de uma desconfiança que o processo atual de educação ambiental não era eficaz. O sinal foi: depois de longo período e conscientização ambiental, no espaço de três anos, a totalidade dos alunos continuava a ignorar ações básicas de orientação ambiental, como apagar luzes, desligar aparelhos de ar-condicionado etc. Essa fora uma observação feita sem o conhecimento dos alunos.

A pesquisa foi feita aos mais diversos tipos de alunos. Mesmo os alunos de cursos mais fracos ou oriundos de escolas com grau de exigência menor tinham consciência ambiental. Por consciência ambiental, aqui, queremos dizer que eles sabiam o que prejudica e o que não prejudica o meio ambiente. O problema passou a ser, então, o que supera a consciência ambiental e faz com que cometamos ações nocivas ao ambiente.

Em seguida aplicamos, de forma não estruturada, metodologias mais pesadas de assimilação, como o trauma, através da baixa hipnose. Pedimos para que fechassem os olhos,

se imaginassem num quarto á noite fazendo uma coisa qualquer. “ – Agora você vai sair do quarto..., está passando pela porta...”. Nesse momento fazíamos um barulho estrondoso e em seguida gritávamos: “- Você não apagou a luz. Apague a luz!”

Os alunos continuavam a ser observados nas saídas das salas e sem apagar as luzes. Conseguíamos a mudança de comportamento de um ou outro, em raros casos. Mesmo se tratando de hipnose leve, como PNL (programação Neuro-linguística) e autossugestão, tivemos a ajuda de psicólogos nesse processo.

Esquecemos quase tudo que estudamos. De uma data, por exemplo, da geopolítica de uma região, da produção celular e até mesmo de uma regra de crase que raramente utilizamos.

Mas não esquecemos coisas óbvias, mas que precisaram ser ditas, apesar de óbvias: deixar a torneira aberta gasta água. Podemos jamais ouvir novamente isso, mas sempre saberemos. Sabemos até mesmo antes de ouvir, se tivermos um pensamento lógico.

Apesar de sabermos, deixaremos a torneira aberta, se não criarmos o hábito de fecha-la.

Consciência vem do Latim *conscientia* (*conscire* = estar ciente). As pessoas normalmente falam e se entendem pelo significado original da palavra e não por estudos profundos. E é por isso que consideramos consciência como estar ciente. Se

pretendemos alcançar a todos, não podemos, para esse estudo, confundir o conceito original. Por exemplo, Antônio Damásio divide a consciência em três dimensões: fonte, processual e ampla. Entretanto, não nos debruçaremos aqui no referencial teórico de conscientização, uma vez que queremos, objetivamente, de todo o processo de educação, seu maior efeito, aquele que ocorre quando a educação se traduz em uma ação, ou quando a conscientização se traduz em ação, quer dizer, quando ela passa a acontecer fora da mente, melhorando nitidamente uma sociedade. A educação, assim como a erudição, pode e é um prazer, mas quando pensamos em um país, precisamos de ações, de comportamentos. Educamos para alguma coisa.

Para o estudo, dessa forma, o que queremos é lembrar que a conscientização só ocorre quando inicialmente temos informações básicas. Então esta sim é a primeira etapa, mas existem outras etapas obrigatórias para uma mudança eficaz. Palestras são apenas o primeiro passo. E o menos complexo, tanto em termos conceituais quanto operacionais.

Queremos a consciência que ocorre depois da mente. A consciência que afeta o que está fora do corpo.

Segundo Bourdieu, o hábito é mais parte de nós que nossas próprias escolhas conscientes.¹³

A coisa se torna consciente quando misturamos e combinamos informações e temos a real percepção (consciência) delas. De forma ainda mais simplificada, o primeiro passo para a conscientização é passar as informações básicas para quem precisa e depois estas informações devem ser trabalhadas, mastigadas, para gerarmos a conscientização que age.

Entretanto, mesmo após uma boa conscientização, uma boa “mastigação”, quase sempre não teremos ações, quando já existirem hábitos antagônicos às ações desejadas.

Embora assim, a consciência sobre algo cria uma inclinação para formar o hábito, que depois, por ser hábito, é realizado quase sem processo mental.¹⁴ A consciência realmente facilita o hábito. O problema é que ela muda muito pouco, se pararmos nesse ponto.

¹³ COLAPIETRO, Vincent (Thee Penssylvania State University). Habit, Competence, and Purpose – how to make the grades of clarity clearer. Transactions of the Charles S. Pierce Society: a Quarterly Journal in American Philosophy. Volume 45, Number 3, Summer 2009.

¹⁴ SHAPIRO, Kam. Reviving Habit: Félix Ravaisson’s Practical Metaphysics. Theory & Event. Volume 12, Issue 4, 2009.

12.A Conexão com a Educação do Hábito

Conscientização é um processo simples em essência; identificamos qual informação é necessária e informamos. Entretanto, a verdadeira conscientização é processo difícil e complexo. O que é a verdadeira conscientização? Qual a diferença entre conscientizar e informar? A verdadeira conscientização tem por objetivo uma ação, mesmo quando a ação é uma inação. A conscientização é útil. Tem um fim simples; é um processo, uma informação processada e sedimentada. Dessa forma, percebem-se estágios de conscientização:

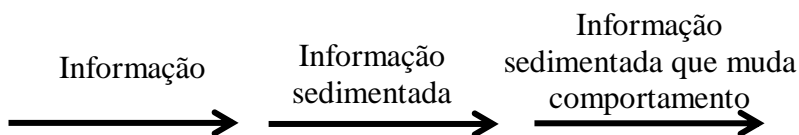


Fig. 3 - Da Informação à Consciência Ativa

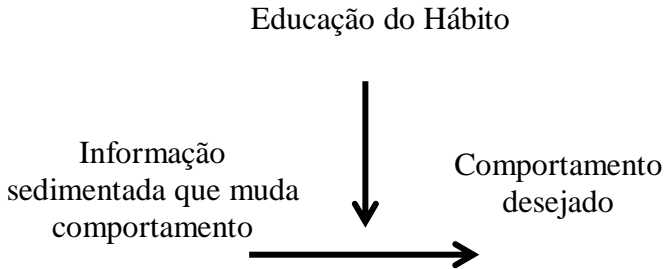


Fig.: 4 - Da Consciência à Ação

Mas a consciência não age sozinha no mecanismo de ação na situação de um movimento; por vezes precisa ser auxiliada, trazida ao momento da decisão da ação.

13.Lembrança

Lembrar é fazer um esforço para puxar uma informação anteriormente recebida. Porém, às vezes é algo que vem aparentemente sem esforço. Ter consciência é saber, estar ciente de algo. E a consciência pode mudar quando aparecer uma nova informação que nega todo aquele saber anterior.

Mas tanto a consciência quanto a lembrança nascem da informação.

O que fazemos com a lembrança?

Quais são as formas de lembrança?

A lembrança pode ser de um conceito, de um fato, de um pensamento, de um constructo cultural, de uma necessidade, de um dado ou de uma informação.

Usar o mecanismo da lembrança é admitir que o hábito é mais forte que a consciência. E ele é!

Dessa forma, a lembrança é um elemento importante na educação do hábito.

Se falamos de lembrança, partimos da premissa que a pessoa já sabe ou tem a informação ou o conhecimento daquilo que se quer lembrar, que dizer, ela já recebeu e já guardou a informação. Esses conceitos serão utilizados na parte de sistemas e dispositivos como apoio à Educação do Hábito.

A lembrança, o ato de lembrar, pode ser voluntária ou involuntária como vimos, quer dizer, às vezes temos a necessidade de lembrar alguma coisa, outras, lembramos com pouco esforço. O alcance do estudo está no segundo tipo. Por isso, o resultado será tão mais eficaz quanto melhor for o dispositivo de lembrança, quando nos fizer lembrar. O hábito de lembrar, por sua vez, aqui também facilita o processo, pois não precisamos lembrar que torneira aberta pode significar

desperdício, já o sabemos e então só lembramos de fechar a torneira. O hábito por vezes é a ação repetitiva que está no final de um processo intelectual.

13.1. Pesquisa de Lembrança

Em 2012 realizamos um experimento de campo para verificar o impacto da lembrança na Educação do Hábito.

Iniciamos com dois grupos experimentais (um com 38 e outro com 44 pessoas) e um grupo de controle (45 pessoas). Tais grupos eram turmas de alunos selecionadas por julgamento e conveniência. Por julgamento por estarem nos períodos finais de curso e mais maduros para seguir com seriedade o experimento e por conveniência por se tratar do mesmo ambiente institucional, o que facilitou a pesquisa e ao mesmo tempo deixou a heterogeneidade homogênea (a semelhança é que se tratava de pessoas diferentes).

O objetivo era verificar se os hábitos podem ser alterados pelo mecanismo da lembrança e como essa alteração acontece dependendo do dispositivo utilizado. Quer dizer, não basta lembrar, é preciso lembrar de forma eficaz, mais uma vez direcionando para a ação.

Tal pesquisa nasceu do trabalho anterior sobre conscientização. Dessa forma, o hábito a ser construído a partir da lembrança era fechar a torneira do chuveiro no momento de se ensaboar.

Vale lembrar o que é grupo experimental e o que é grupo de controle. Grupo experimental é o que passa pela experiência, aquele que sofre a ação do experimento. Grupo de controle, como diz o nome, é aquele utilizado para verificar se não houve interferências externas nos resultados.

Cada grupo experimental recebeu um retângulo de papel plastificado e vermelho (20 cm X 8 cm). Esse dispositivo deveria ser colocado na torneira do chuveiro (vide Anexo C).

O grupo experimental 1 (um) recebeu o plástico onde estava escrito:

Preserve a natureza

O grupo experimental 2 (dois) recebeu o plástico com as informações:

Atenção

Molhe-se bem

Feche a torneira

Ensaboe-se

A pesquisa conclusiva causal começou no dia primeiro de março de 2012 e se manteve por três meses.

Só foram aceitos alunos que moravam em casas ou aqueles que, mesmo morando em apartamentos, tinham a conta de água com contador/medidor individual (por apartamento).

Os alunos também foram instruídos a pedir a seus pais e responsáveis para não retirarem seus plásticos das torneiras, pois se tratava de uma pesquisa escolar importante, e também não poderiam falar do que se tratava (os próprios alunos não sabiam ao certo).

Os dispositivos foram devolvidos na primeira semana de junho e os alunos dos três grupos (incluímos os do grupo de controle – que não receberam dispositivos) solicitados a trazer as contas de água referentes aos meses de consumo de março, abril e maio. Tudo isso porque existia para algumas residências no Rio de Janeiro o pagamento pela média dos últimos três meses e isso era opção escolhida pelo morador.

13.2.Resultados da Pesquisa de Lembrança

O padrão de consumo de água do grupo três (grupo de controle) seguiu o comportamento de consumo sazonal, considerando a curva de consumo anual do Rio de Janeiro nos meses de pesquisa.

O grupo um (com o escrito: Preserve a natureza) mostrou queda de consumo de 3,2% em relação ao grupo de controle. O grupo dois (Atenção... Molhe-se bem / feche a torneira / ensaboe-se) reduziu seu consumo em 14,2.

Os resultados da pesquisa geraram uma reação imediata, além da contribuição para a metodologia da educação do hábito: parcerias nos permitiram que crianças a partir do terceiro ano do fundamental fizessem desenhos, plastificassem, junto com a mensagem “Feche a torneira para se ensaboar” e dessem aos pais de presente com um bilhete da professora para que os pais colocassem na torneira do chuveiro: Senhores pais ou responsáveis, por favor, coloquem esse desenho na torneira do chuveiro. “Seus filhos ficarão felizes de vê-los todos os dias e ainda estarão preservando a natureza. Obrigada!”

Precisamos usar a lembrança da Educação do Hábito para tudo que for possível.

14.Hábito e Cultura – 5.000 anos em 5?

Como podemos concorrer com um país como o Japão, que tem a cultura do trabalho como ponto forte? E como se desenvolver sem a cultura do trabalho?

As pessoas nascem tolerantes? Nascem empreendedoras? Cuidadas, generosas, pacientes? É verdade que a genética e que o DNA podem influenciar nessas tendências, mas analisemos o exemplo: selecionamos aleatoriamente, e hipoteticamente dessa vez, cem orientais e cem ocidentais. Submetendo todos a um teste de paciência, alguma dúvida que os orientais seriam os mais pacientes? O DNA influencia, mas fica nítido que existem outras influências, como a cultura. A cultura é um importante dispositivo de educação de valores e de comportamentos.

Mas então tentemos mudar a cultura.

Isso é possível? Quanto tempo demora? É eficaz ou quantificável?

Precisamos então de alguns conceitos e estudos sobre o assunto, para relacionarmos cultura e hábito e vermos o que é possível.

14.1.Cultura

Diversas áreas estudam e aplicam os elementos que influenciam na cultura. Na sociologia, por exemplo, o comportamento e a manipulação de massas pode influenciar na organização da polícia durante um grande jogo de futebol. O estudo da cultura pode ajudar nesse “manejo”.

A cultura também fora bastante estudada no campo das organizações empresariais. Uma organização é o meio-termo entre um país e um pequeno grupo, por isso alguns conceitos se aplicam; alguém está no topo, existe a divisão de funções, existe o objetivo maior da organização e também os objetivos de cada membro, objetivos esses que por vezes entram em conflito. A organização pode querer ampliar uma área, enquanto o funcionário daquela área quer trabalhar no mesmo bairro de sempre. Da mesma forma que o presidente pensa no país e o indivíduo pensa em sua rua.

Nas organizações¹⁵: Maslow (...) entrou para a área da psicologia organizacional defendendo a importância de uma ambiência saudável que ele denominou *eupsíquica*; Katz e Kahn¹⁶ afirmaram que “toda a organização cria sua própria

¹⁵ SOUZA, Edela. Clima e Cultura Organizacional. São Paulo, Edgard, 1978, p. 9.

¹⁶ MEDEIROS FILHO, Benedito Cabral. Revolução na Cultura Organizacional. São Paulo, Ed. STS, 1992, p. 24.

cultura e seu próprio clima, com seus tabus e costumes; para Koontz, O'Donnell e Weihrich, “Cultura é um modelo geral de comportamento, crenças compartilhadas e valores que os participantes de uma organização têm em comum. A cultura de uma organização pode ser inferida a partir do que as pessoas dizem, fazem e pensam (...)”.

Um dos pioneiros no estabelecimento de conexões entre o desenvolvimento do indivíduo e o da cultura foi Freud em “O Futuro de uma Ilusão” (1927). Ele retornou ao assunto em “Psicologia das Massas e Análise do Eu” (1921), “O Mal-estar na Cultura” (1930) e “Moisés e a Religião Monoteísta (1939)¹⁷.

Mas a cultura empresarial pode ser alterada mais rapidamente que a cultura de um país, pois suas normas, medidas transitórias de punição e premiação são facilmente modificadas. A avaliação de desempenho que tem como critério, por exemplo, a pontualidade irá diminuir os atrasos. É um mecanismo que pode gerar mudança de comportamento em um ano ou menos, pois essa avaliação é anual.

Vários são os fatores e elementos que interferem na cultura de um país ou de uma região: o clima e o solo nortearão

¹⁷ PEÇANHA, Dóris Lieth. Cultura Organizacional: o desvendado de padrões inconscientes. RAUSP – Revista de Administração da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 32, n. 4, 1997.

a cultura alimentar e a forma se se vestir. As necessidades de água alteram os padrões de construção das casas etc.

Mas a cultura em relação aos vícios, qualidades e defeitos? Também se relacionam com os elementos acima, mas recebem outras interferências. Um país rico em recursos naturais, como o Brasil, e com um clima ameno a quente pela maior parte do território não exige grandes esforços para a sobrevivência. Isso acostuma a população com um ritmo de esforço menor do que nos países em que a luta pela sobrevivência enfrentada contra o clima é diária. Mas o frio extremo deveria gerar o mesmo movimento pró sobrevivência que o calor extremo. Um país com a média de 0°C seria igual aquele com a média de 40°C. Não! Porque no frio precisamos de movimento para gerar energia. No calor é necessário pouparmos energia e suor.

Lembramos que para algum desenvolvimento no pensamento temos de ser genéricos; não podemos colocar um micro clima e uma micro região brasileiros se queremos tratar o Brasil como um todo. Esse livro não é para as exceções, é para o Brasil. Exceções exigem um estudo muito específico do seu micro mundo para ser tal estudo eficaz.

A necessidade é realmente a mãe das ações. Como vimos anteriormente, na Região Sudeste do Brasil, quando houve problemas de abastecimento de água em 2014, começaram diversas iniciativas de reaproveitamento de água e de redução do

consumo. Mas somente quando a necessidade apareceu de verdade e os reservatórios chegaram a 3% da capacidade (sistema Cantareira) que ações eficazes apareceram. Só existe uma forma de “não necessitarmos da necessidade” para chegarmos ao desenvolvimento: a inteligência; a criação de um sistema de educação ampla e eficaz.

A Austrália é a única exceção entre os países que comungam do mesmo clima; o único país desenvolvido. Primeiramente devemos lembrar que de todos esses países é a que mais sofre e sofreu desastres naturais. E foi exceção também em termos de colonização. Entram agora os motivos históricos que norteiam o desenvolvimento: a colonização, as religiões, a filosofia e a reunião de um pouco de cada coisa.

O que chamamos de filosofia oriental se enquadra na Ásia oriental e no Oriente Médio. O Budismo nasceu no Nordeste da Índia entre os séculos VI e IV a.C. Mas só chegou no Tibet no século V depois de Cristo. Conduz a vida humana na sequência: nascimento, maturidade, renúncia, busca, despertar, libertação, **ensino**, morte.

O Confucionismo, por sua vez, é oriundo da China na mesma época. E tem como preocupações: a moral, a política, **pedagogia** e a religião. Atinge 25% da população chinesa. Frisamos em negrito o ensino e a pedagogia para mostrar desde

quando a educação está presente nesses povos. Está sistematizada na cultura.

O Taoísmo, entretanto, surgiu em de 2600 a.C.

Assim, quando dizemos que a China tem mais de 5000 anos de cultura (cultura milenar), a referência, entre os valores humanos, é o Taoísmo, que apareceu aproximadamente há 4600 anos atrás. Conforme vimos anteriormente no Confucionismo, leva muito tempo para uma religião e uma filosofia amadurecer, se estender e se enraizar numa cultura, ajudar a forma-la, transforma-la e fazer parte dela. Quer dizer, é uma construção também milenar.

E não temos mil anos para reagir ou construir um sistema filosófico. Podemos inicia-lo, mas temos de começar algo **agora** com vistas a melhorar nossa sociedade **agora**. Precisamos vencer 5000 anos em 5. Ou em um ano ou em um dia. Porém, uma cultura não é suficiente para garantir comportamentos, mas minimamente gera também uma inclinação, para a paciência, para a doação ou mesmo para a educação, qual seja. E com um conjunto educacional somando forças, finalmente chegaremos à mudança de comportamentos para o bem.

Poderíamos desenvolver uma pesquisa interessante sobre o tema nesse momento. Entretanto, fugiríamos da eficácia. Queremos nos debruçar no que podemos mudar com mais

facilidade: não podemos mudar a localização do nosso país, nem consequentemente sua temperatura. Tão pouco o seu passado, sua colonização etc. Podemos, timidamente, mostrar religiões ou filosofias ligadas ao desenvolvimento, simplesmente através da informação e da liberdade de manifestações.

Como podemos ganhar 5.000 anos em 5?

De forma mais imediata, podemos aplicar a Educação do Hábito com vistas a criar comportamentos mesmo sem uma cultura ou base religiosa ou filosófica.

A sequência comumente aplicada de estudo é:

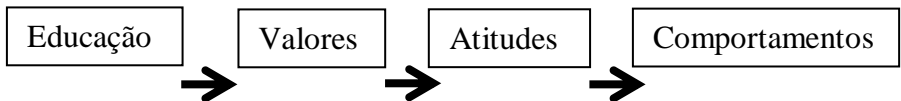


Fig. 5 - Antecedentes para o Comportamento

Mas por estarmos tão envolvidos nos paradigmas e nas práticas atuais, a neblina da continuidade nos atrapalha.

Vamos inverter e começar pelo fim, agregando outros fatores externos e a Educação do Hábito:

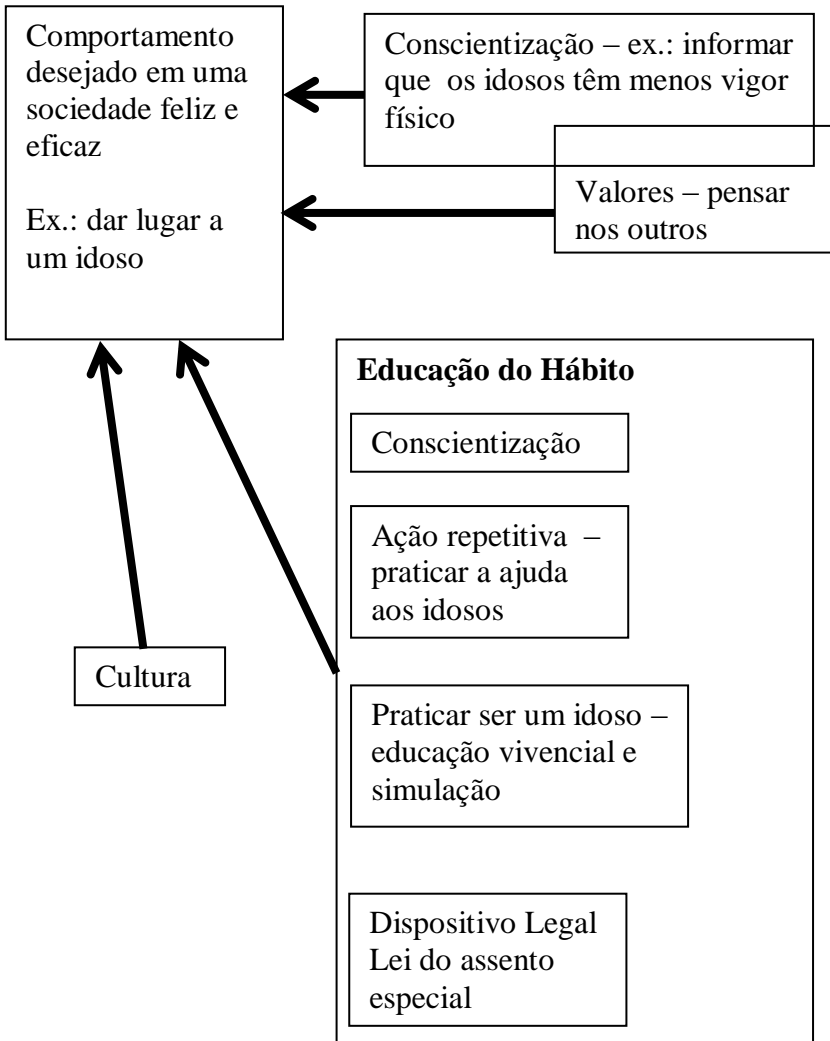


Fig.6 - Soluções e Processos Visando o Comportamento

Valores têm interseção com conscientização, uma vez que esta é parte importante na formação dos valores, feita, entretanto, de maneira informal e desestruturada.

O esquema acima delimita e estrutura o início da Educação do hábito.

Embora a cultura influencie no hábito, a metodologia da Educação do Hábito não poderia ter como pretensão mudar toda uma cultura, mas pode influencia-la; a partir do momento que um volume considerável de indivíduos passar a ter comportamentos mais saudáveis e desenvolvidos, nossa cultura começará a mudar. Em nossas mãos estão todas as crianças do Brasil. Basta **estendermos** o processo Educação do Hábito, que estaremos praticando bons hábitos e mudando uma cultura.

A mudança de hábito de uma pessoa dificilmente muda uma cultura, mas a de várias pessoas pode muda-la mais facilmente. De qualquer forma, a mudança de hábito de uma pode mudar várias e estas várias têm mais força para mudar a cultura. A cultura, inversamente, afeta mais os hábitos individuais.¹⁸

As mudanças de hábito de uma família e de toda uma população, como uma mudança cultural, passam pela mudança

¹⁸ SULLIVAN, Shannon. Reconfiguring Gender with John Dewey: Habit, Bodies, and Cultural Change. (direito autoral do próprio Sullivan, sem local, sem data)

de hábito do indivíduo. O indivíduo, quando se organiza, interage e mobiliza outros, promove a mudança de cultura, assim como a cultura molda os hábitos do indivíduo.

As pessoas não conversam sobre como cada uma toma banho. Nem mesmo a televisão consegue mostrar uma sequência no tomar banho, a ponto dos telespectadores imitarem. Se não se conversa sobre o assunto, não há interação e conseqüentemente não há mudança cultural. Então, talvez ainda tão importantes quanto o aviso (pesquisa sobre consciência), bastariam algumas exposições, ou de grupos sociais, ou mesmo exposições pagas, para todos mudarem de comportamento. A partir do momento que percebemos que muitos já tomam banho fechando as torneiras, começaremos a seguir tal tendência. O mesmo servindo para outros hábitos.

A Percepção da cultura é mais importante que a cultura, pois é a percepção da cultura que cria a própria cultura.

Aquilo que não externamos não pode criar ou modificar um meio social e não pode se difundir. Por exemplo, conversamos sobre: escovar os dentes com a torneira aberta. Isso vira um ponto de crítica e debate e finalmente uma prática. Mas não falamos sobre fechar a torneira do chuveiro enquanto nos ensaboamos, não externamos. E todos sabem e percebem

que muita água se perde. Então não se discute, não há debate, não vira ponto de crítica, não vira senso comum. Quer dizer, a informação também tem mais força quando há debate, mas debates com informações científicas. Caso contrário, sedimentaremos informações falsas.

15.Introdução à Felicidade

“(…)

Se se pudesse o espírito que chora

Ver através da máscara da face,

Quanta gente, talvez, que inveja agora

Nos causa, então piedade nos causasse!

(…)” Mal Secreto – fragmento

Raimundo Correia (1860-1911)

Como veremos, a felicidade está diretamente relacionada ao desenvolvimento. Para o estudo, era a parte que faltava para fecharmos um conceito próprio de “desenvolvimento humano”, conceito este mais aplicável à Educação do Hábito e ao próprio sentido de desenvolvimento.

Começemos com um bombardeio mental para estimular os neurônios do leitor.

O que interfere na nossa felicidade, para o bem e para o mal (ou o que seria a falta de felicidade ou até a infelicidade) ? Poderia ser...

Área	Para o bem	Para o mal
Felicidade	Dar algo para quem se ama: uma flor, um grande presente, um curso técnico ou superior para um filho (dar desenvolvimento); uma percepção ou entendimento (percebi/entendi); a resolução de um problema que incomodava (curei/salvei); a construção/conclusão de uma grande obra, aprender etc.	Não poder ajudar, ensinar, construir, sofrer nas demais áreas.
Trabalho	Dignidade, se sentir útil, mostrar que é útil e produtivo, mostrar o resultado do trabalho também pelo prisma financeiro ou de status, poder comprar com o dinheiro do trabalho e presentear, ser bom naquilo em que trabalha, passar em processos seletivos e se destacar.	Não se sentir útil; Não passar no processo seletivo; não receber um salário ao final do mês e ter contas a pagar; não conseguir pagar ou comprar algo importante como um remédio, comida, um presente de quinze anos, não conseguir realizar um bom trabalho.
Saúde	Ter saúde, viver “na saúde” (longe da sujeira e da doença), ter assistência adequada quando precisar, ser tratado em um bom ambiente, ver os parentes com saúde ou bem tratados quando doentes, ter a certeza de bons cuidados, poder escolher um exercício: um mental e um físico.	Ter a dúvida se está sendo bem tratado ou não, viver doente, na sujeira, ser maltratado no sistema de saúde, sentir dor, não ter esperança, se preocupar com os familiares.
Lazer	Conseguir fazer aquele passeio, aquele programa, curtir com a família ou com os amigos, transformar o trabalho e o aprendizado em lazer.	Não ter lazer, não conseguir relaxar ou se divertir, viver somente para trabalhar quando trabalhar não é agradável.
Educação	Pensar no outro, aprender algo difícil, conectar informações.	Não poder desenvolver um filho, não ter um bom professor, não poder/conseguir chegar na escola, não comprar material, ter dificuldade em aprender.

Segurança	Autocontrole, sensação de segurança, tranquilidade.	Roubo, sequestro, perda de um familiar, dano físico / mental (resistência / solução mental), sensação de insegurança, viver a violência, violência moral.
-----------	---	---

Tabela 3 - A Felicidade nas Áreas de referência

Em relação ao trabalho, quando se fala em não se sentir útil, ver o trabalho como utilidade social é mais importante do que vê-lo como um meio para comprar coisas – quer dizer, a pressão por arrumar um trabalho deveria ser maior que aquela por não arrumar um trabalho que não dá status. Hoje, nada falamos quando alguém está desempregado e falamos mau quando a pessoa consegue um trabalho abaixo de suas qualificações.

Observa-se que, dependendo da área de análise, há **felicidade** em TER, mas **não há infelicidade** em NÃO TER.

Por exemplo, em uma viagem. Quando fazemos uma viagem, nos sentimos bem, felizes.

Assim: não há muita **infelicidade** em não ter lazer, mas há **felicidade** em ter.

Não há muita felicidade, não se percebe a felicidade, em ter saúde, mas há **infelicidade** na dor, na doença. Poucos são os que percebem a felicidade em ser ou estar saudável.

Isso mostra que infelicidade não é perfeitamente o contrário de felicidade.

Área	Foco na Felicidade	Foco na Infelicidade
Trabalho		X
Saúde		X
Lazer	X	
Violência		X
Educação		X

Tabela 4 - O Foco Humano da Sensação de Felicidade

Continuamos com esse processo isolado, tendencioso, e porque não dizer egoísta, para retratar a realidade e originalidade de um pensamento humano e comum, com a finalidade de não sermos envolvidos pela literatura atual, pelo menos não nesse momento. Ficamos satisfeitos em perceber, logo após o estudo mais científico sobre a felicidade, que algumas informações coincidiram com nossas suposições desestruturadas. Mais satisfeitos ainda pelas novas informações, que resultaram tanto da pesquisa bibliográfica quando de uma pesquisa de campo, a seguir.

Agora sim nos parece apropriado chocar o pensamento livre com estudos já realizados sobre o tema. A conclusão desse capítulo será o passo de início para a execução do processo “educação do hábito”, na última parte.

15.1.Felicidade – O Porquê de Educar

A felicidade individual X a felicidade do país. Podem ser antagônica?

O mais difícil desse trabalho é conter a vontade de nos aprofundarmos em tudo. Precisamos, por isso, identificar o aprofundamento ideal a cada tópico de apoio e nos debruçarmos no hábito.

Concordando os educadores com as bases do estudo, partirão para as métricas e para a precisão e farão as devidas adaptações. Cada mestre domina seu meio, e por isso tem capacidade superior à nossa para as devidas adaptações.

A felicidade vem da estrutura de um país? Talvez venha de diversos fatores, como: dos relacionamentos, das características e habilidades mentais e físicas, inatas ou adquiridas, vem da sorte... Sentimos a necessidade de uma estrutura básica de pensamento sobre a felicidade.

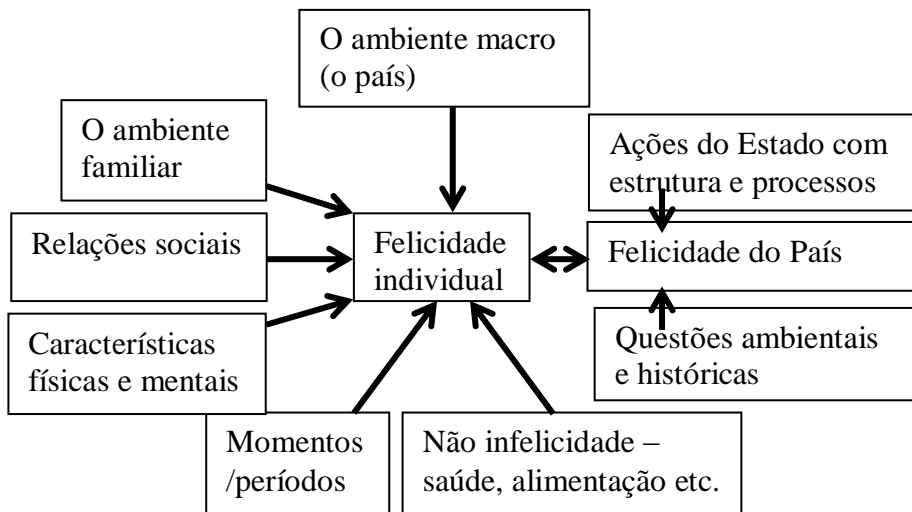


Fig.7 - Vetores para a Felicidade

A educação do hábito não visa apenas à felicidade, mas visa à saúde, mesmo quando a saúde não é um gerador de felicidade; visa o bom relacionamento, mesmo quando um relacionamento normal não traz um sorriso de felicidade etc. Porque isso é bom, mesmo quando não representa felicidade ou quando ela não é percebida.

Segundo Kahneman, as pessoas normalmente não sabem quão felizes são e têm de refletir para responder. Na realidade, isso, o ser feliz, deveria ser baseado em medidas objetivas das sensações associadas ao tempo real de sensação de felicidade, a que o mesmo denominou de felicidade objetiva. A felicidade

não deveria ser somente uma medida de qualidade de vida. No conceito da felicidade como uma vida boa, Platão achava que era o pensamento lógico, enquanto Aristóteles pensava o contrário; que a vida nada é sem os sentimentos e que a felicidade é o significado e o propósito da vida. O fato é que Platão estava mais inclinado a examinar a qualidade de vida, através da razão, e Aristóteles, a felicidade¹⁹.

Entretanto, a felicidade é estudada pelo prisma negativo e pelo positivo. O negativo a estuda como ausência de emoções negativas e o positivo principalmente através da qualidade de vida, semelhante a nosso pensamento anterior.

Olhando primeiramente para o foco negativo, um levantamento dos artigos sobre felicidade publicados desde 1887 identificou 10735 mencionando raiva, 70845, ansiedade e 86767 falando de depressão. Pelo lado positivo, apenas 1161 sobre emoções positivas de alegria, satisfação com a vida foram 7939, e felicidade propriamente dita com 3938. É uma demonstração da força do conceito da felicidade como não infelicidade. Outros conceitos de felicidade: sentimento significativo e prazeroso da vida, por longo período; algo determinado pela satisfação de necessidades inatas acumuladas; um processo longo de multi-

¹⁹ SUSNIENE, Dalia e JURKAUSKAS, Algirdas (Panevezys Institute). The Concepts of Quality of life and Happiness – Correlations and Differences. ISSN 1392 – 2785 Inzinerine Ekonomika-Engineering Economics(3), 2009 – Work Humanism.

estágios. Existem até pesquisas que relacionam a felicidade com a hereditariedade que dizem, por exemplo, que o pessimismo é determinado parcialmente pela biologia. Mais um motivo para nos atermos naquilo que é socialmente aceito e possível, como os bons costumes, o amar o próximo, o buscar o conhecimento e o autoconhecimento²⁰.

Com base na compilação de Susniene e Jurkauskas, acoplaremos no nosso índice e conceito de felicidade pelo prisma negativo, considerando, conforme seu estudo: a raiva, a ansiedade e a depressão. Não encontramos medidas confiáveis que nos permitissem agregar os parâmetros raiva e ansiedade no índice de felicidade, reduzindo a pesquisa para o exame da depressão, muito estudada e documentada.

O conceito mais objetivo e palpável estudado de felicidade é, como visto, o relativo à qualidade de vida.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, a Qualidade de Vida é uma percepção individual de sua posição na vida no contexto de sistema cultural e de valores nos quais ele vive e em relação a seu alvo, expectativas e interesses, que incorporam as questões física e psicológica, nível de independência e relações sociais. Existem diversos modelos de qualidade de vida, como o do Centro de Pesquisa em Qualidade de Vida, que a separa em um lado subjetivo (se sentir bem e satisfeito) e outro objetivo

²⁰ Idem, Ibidem

(atingir demandas sociais e culturais) e de Lindstrom, que divide a qualidade de vida em esferas (global, externa, interpessoal e pessoal)²¹.

O aprofundamento na totalidade de itens que podem se relacionar com a felicidade extrapola o objetivo de estudo desse trabalho. A relação que acreditamos ser importante, e por isso o tópico foi abordado, é que tanto pelos lados subjetivo e objetivo da felicidade como pelas suas esferas, ou mesmo pela percepção da felicidade, a educação tem um papel fundamental. E a educação ética. Porque a educação antiética implica ensinar a aproveitar e tirar do outro, o que geraria a infelicidade do outro.

A felicidade também vem da consciência de que temos muito enquanto outros têm pouco (OMS, anteriormente, quando o indivíduo percebe sua felicidade em relação aos outros). Isso nos traz uma sensação de satisfação, quietude, paz; felicidade.

Desenvolver o hábito dessa comparação, então, aumentaria nossa felicidade.

Para algumas pessoas da África, Ásia e América do Sul um punhado de arroz e algumas roupas são suficientes para se sentirem felizes²².

Mas esse hábito nos leva à satisfação, e a insatisfação é o que faz o mundo se desenvolver, ver que algo pode ser

²¹ Adaptado de Idem, Ibidem.

²² Idem, Ibidem.

melhorado e buscar essa melhoria. Dessa forma, são dois hábitos antagônicos que devemos harmonizar: tensão criadora e satisfação.

Exercício - da felicidade do tipo “não infelicidade”

Mostrar a fome parece não ser suficiente para ensinar a não desperdiçar. Parece também não ser suficiente para darmos graças ao que temos para comer. A educação da felicidade precisa ser sentida.

Cada aluno traz de casa uma folha de lixa (uma lixa qualquer) e um pedaço de pano quadrado com pelo menos 30 cm de lateral. Em sala, todos ficam sentados na posição padrão. Colocarão a folha de lixa na coxa esquerda e o tecido na coxa direita. A parte que lixa ficará virada para cima.

Depois repousarão as mãos sobre as respectivas coxas, de tal modo que nenhuma parte das mãos fique fora da lixa e do tecido.

Pedimos para os alunos fecharem os olhos e então dizemos: mexa os dedos da mão direita. Estão sentindo o tecido? Agora mexam os dedos da mão esquerda. Estão sentindo a lixa? Muito bem, parem com os dedos. Você está em sua cama, pronto para dormir. Mexa com os dedos da mão direita. Que delícia de lençol; essa cama está uma maravilha. Você está quase dormindo. Agora pare de mexer. Imagine que você está

debaixo de um viaduto, deitado no chão da rua e está tentando dormir. Mexa os dedos da mão esquerda. Esse é o chão em que você está deitado. Continue mexendo, continue...

Peça para a turma inventar um exercício com o mesmo objetivo, mas feito de outra maneira e com outras coisas para a próxima aula.

Se ensinarmos o hábito do autoconhecimento e do desenvolvimento contínuo, o ser humano descobrirá que existem pessoas que sofrem muito mais que ele, que padecem de coisas básicas; e assim este ser será mais feliz. Essa é a felicidade do contexto.

Se o ensinarmos a calcular e a executar processos complexos, o mesmo ser terá melhor remuneração e, desta feita, capacidade de sanar demandas materiais e até socioculturais. Assim, menores serão as chances das doenças e das privações. E também terá a capacidade de comprar as coisas que não são tão necessárias. É a felicidade de não ter infelicidade e a felicidade de comprar prazer.

As organizações empresariais também influenciam na nossa felicidade, quando oferecem estabilidade e segurança no trabalho, ambientes seguros e agradáveis, quando se preocupam com a saúde dos seus trabalhadores, quando desenvolvem

competências e habilidades, quando promovem o equilíbrio entre vida e trabalho.

De forma contrária, prejudicam o trabalhador quando o expõe a estresse físico ou mental.

O desafio das organizações está em conseguir prover o trabalhador de Qualidade de Vida no Trabalho, de forma ética, produtiva e com lucro sistemático para a empresa. Tal desafio ficou ainda maior num mundo globalizado. Como competir com empresas chinesas, onde o trabalhador, por motivos culturais, está feliz em trabalhar e em trabalhar jornadas superiores a dez horas diárias?

O que quer dizer que os governos com suas políticas também são grandes responsáveis pela felicidade de seus cidadãos e que quando regulam a economia também regulam a felicidade e a cultura.

Alguns podem dizer: “- Não estamos piorando, apenas nos modernizando, como sempre aconteceu na humanidade.”; “- Faz parte!”; “- É o mundo moderno.”

Sim, mas nesse mundo moderno temos países com menor e com maior qualidade de vida, educação, felicidade. Todos os países com celulares, do Paquistão à Alemanha, mas com vidas bem diferentes. Modernidade também é educação, também é felicidade.

Mas como desenvolver um país com uma cultura de pouca produtividade? Os países mais desenvolvidos (economicamente) do mundo são produtivos, têm poucos feriados e férias curtas. Mas qual é o limite do trabalho para a felicidade? Isso daria outra pesquisa, e nos limitaremos a evocar a necessidade de educar o hábito do andar reto, para reduzir a corrupção, uma vez que esta gera pobreza. De enraizar o hábito do trabalho, pois do contrário, temos a preguiça e com ela o ganhar fácil. Criar o hábito da colaboração e o do pensar no outro, que traz as boas relações sociais.

Os conceitos de qualidade de vida e de felicidade são correlatos, mas não são iguais; pessoas com altos índices de qualidade de vida se sentem infelizes assim como a felicidade é sentida por pessoas muito pobres. Entretanto, pesquisa realizada com alunos de graduação, pós-graduação e ensino médio identificou que seus momentos mais felizes foram: uma formatura, uma viagem (ver mais) e que os mais infelizes foram a perda de entes, a doença etc. Algumas dessas doenças, incuráveis²³.

Tirando as doenças incuráveis, entretanto, percebe-se que para realizar esses grandes prazeres, como uma formatura (formação) e uma viagem, é necessário dinheiro, ou um mínimo

²³ Pesquisa de campo sobre felicidade (Anexo B).

de qualidade de vida. Isso depende do desenvolvimento do país. Mas que não precisamos apenas do dinheiro, mas aprender a gastar o dinheiro direcionando-o para a felicidade. Precisamos também de momentos para lembrarmos da necessidade, para valorizarmos mais o presente, nos percebermos felizes, e com isso, sermos mais uma vez felizes realmente.

Talvez por isso também a felicidade esteja mais presente nos religiosos, que através de rituais são obrigados a agradecer pelo que têm, lembrando dos que não têm, e, com isso, são mais felizes. As culturas também são cravadas de rituais, que não religiosos, alguns filosóficos, que lembram a importância do agradecimento, da reflexão, e com isso: trazem felicidade. Então os hábitos de reflexão e do agradecimento aumentam a felicidade de uma nação.

15.2.IDF - País Desenvolvido e Índice de Felicidade

Embora seja amplo o campo de aplicação da Educação do Hábito, o que a motivou foi o desenvolvimento da nação, que por sua vez nos forçou a pesquisar o que é desenvolvimento, que mais adiante nos direcionou a uma dimensão econômica e outra humana. Isso nos permitiu concluir que um país desenvolvido necessariamente demanda essas duas dimensões, mas que a

dimensão mais humana dos seres humanos, a que mais se conecta com o conceito de felicidade, relacionada à mente, aos sentimentos, não está presente no IDH, índice mais utilizado mundialmente para avaliarem o desenvolvimento humano.

Adicionamos a esse conjunto a própria percepção de felicidade dos povos, uma vez que esse assunto ainda se mostra nebuloso e que temos de levar em conta se as pessoas se sentem felizes, mais que qualquer indicador.

Acabamos por questionar também porque o IDH avalia a saúde mas não utiliza o conceito de saúde da OMS – Organização Mundial da Saúde, que inclui a dimensão mental.

IDF - Índice de Desenvolvimento e Felicidade: considera o IDH, a percepção de quão feliz um povo é e a felicidade mental baseada em estudos psicológicos e psiquiátricos. Sua maior contribuição é considerar que a qualidade de desenvolvido precisa conter a finalidade do desenvolvimento, que é a felicidade.

Se o fim maior de tudo é a felicidade, isso é o que devemos buscar.

IDF é a base na qual escolhemos nos apoiar para a Educação do Hábito. Mas por que não deveria ser a prioridade para todas as formas de educação?

Não é nossa pretensão criar um novo indicador de desenvolvimento. Mas depois de tudo que foi feito, parece relevante mostrar o resultado. E que sirva de sugestão para alterar medidas protecionistas e políticas baseadas somente no IDH.

Esse é o IDF no mundo (comparar com tabela anterior no Cap. Desenvolvimento):

País	PIB (PPP)	IDH	Felicidade mental**	Percepção da felicidade	IDF***
Alema.*	9	13	13	13	12
Áustria	4	7	87	13	27,75
Bélgica	6	6	92	12	29
Brasil	95	70	2	11	44,5
Dinam.	3	8	7	3	5,25
Finlândia	5	3	89	2	24,75
França*	11	9	14	13	11,75
Holanda	7	4	4	8	5,75
Irlanda*	2	1	5	13	5,25
Itália*	12	11	56	13	23
Luxemb.*	1	5	3	13	5,5
México	76	52	1	1	32,5
R. Uni.*	8	10	10	13	10,25
Suécia	10	2	12	10	8,5

Tabela 5 - IDF – Índice de Desenvolvimento e Felicidade

*Percepção da Felicidade – os países que estão com ranking 13 não apareceram na pesquisa Nielsen. Para não sermos acusados de manipuladores em proveito próprio, os colocamos na posição décima terceira (13ª) no ranking, que poderia ir até 110.

**Felicidade Mental – quanto melhor a posição no ranking, menor a taxa de suicídio (atual melhor indicação de depressão).

***IDF – Quanto mais próximo de um (1), mais desenvolvido, pois melhor posição no ranking. Um significa: 1º em PIB (PPP), 1º em IDH, 1º em Felicidade Mental, 1º em percepção da felicidade, tudo isso dividido por quatro (4).

Pelo quadro conclui-se que os países mais equilibrados em termos de desenvolvimento humano são:

- Irlanda
- Dinamarca
- Luxemburgo
- Holanda
- Suécia
- Reino Unido
- França
- Alemanha

A partir daí é possível perceber que tanto Brasil quanto México aproximam-se de países desenvolvidos em PPP (PIB per capita) e IDH, como Bélgica, Áustria, Itália. Inclusive da Noruega e da Nova Zelândia que não figuram no quadro, mas que apresentam taxas elevadas de suicídio, logo infelicidade, logo subdesenvolvimento humano.

Esse capítulo nos obrigada a identificar os hábitos que combatem o suicídio e o pessimismo, agora incluídos nos parâmetros de desenvolvimento, e que, portanto, devem não só fazer parte da Educação do Hábito como de qualquer outro pensar em educação.

15.3. Pesquisa sobre a Felicidade

Sentimos a necessidade de mais uma pesquisa de campo, que tangibilizasse, que traduzisse de forma mais clara as ocorrências relacionadas à felicidade.

A etapa exploratória contou com 42 entrevistados e deu origem ao questionário ou à conclusiva descritiva (Anexo B).

As pessoas responderam às seguintes perguntas e solicitações:

- O que é felicidade para você?

- Identifique três momentos maravilhosos e três muito difíceis.
- O eu te faria mais feliz em relação ao país?

Surpreendemo-nos mais uma vez com os resultados, pois acreditávamos que a violência ocuparia um lugar de maior destaque e não ocupou. Lembrando que fora feita uma exploratória, na qual partimos de um roteiro aberto. E como o leitor perceberá, a pesquisa realmente somou, com hábitos que poderiam passar despercebidos e que, portanto, não entrariam no processo inicial de Educação do hábito proposto aqui.

O que é felicidade para você?

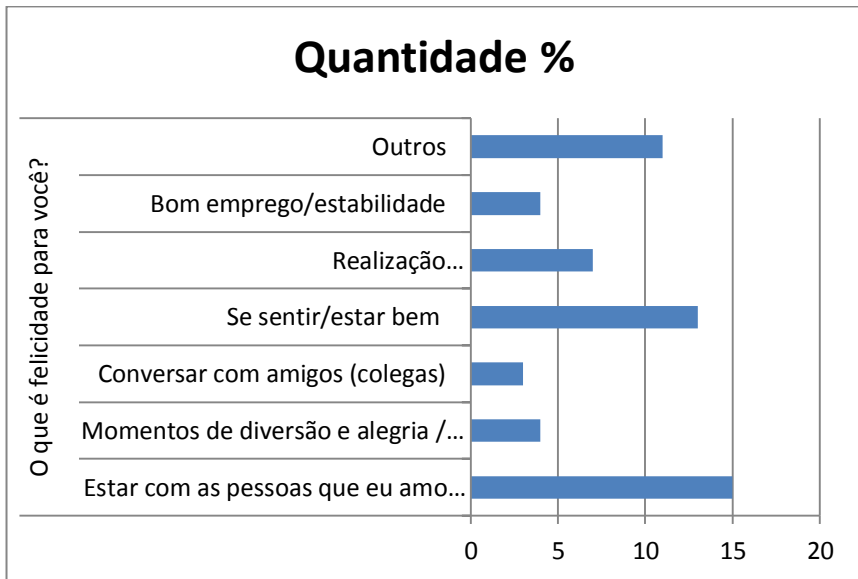


Gráfico 1 - O que as Pessoas Consideram ser Felicidade

Identifique, durante toda a sua vida, três momentos maravilhosos e três muito difíceis:

Maravilhosos

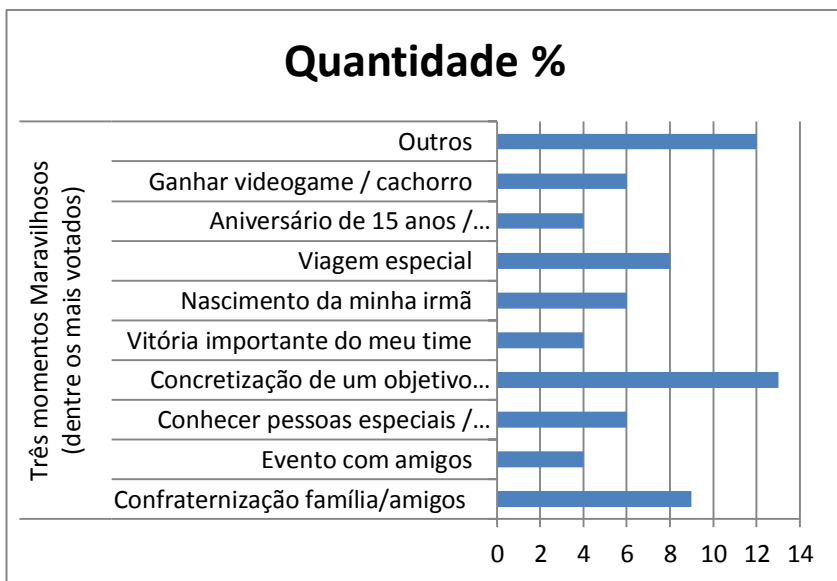


Gráfico 2 - Os Melhores Momentos da Vida para as Pessoas

Em relação a objetivos difíceis, o que mais se repetiu (na exploratória) foi a aprovação em concursos. Mas como apareceram outros, agrupamos em “Objetivos difíceis” para a colocação no questionário.

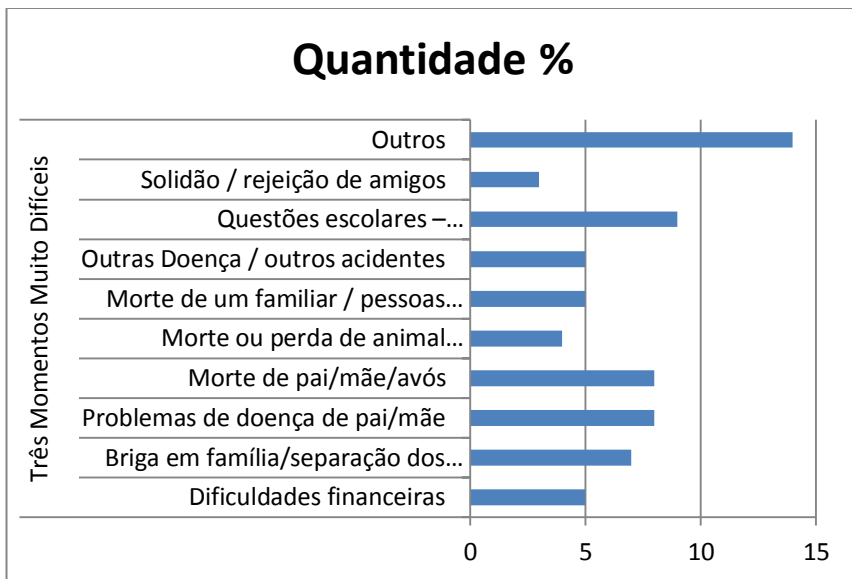


Gráfico 3 – Os Momentos mais Díceis da Vida

O item 5, Morte de familiar / pessoas queridas, diz respeito a outros familiares que não pai, mãe ou avós, o mesmo ocorrendo com o item “Outras doenças”.

Em relação ao país, a felicidade foi desejada da seguinte maneira:

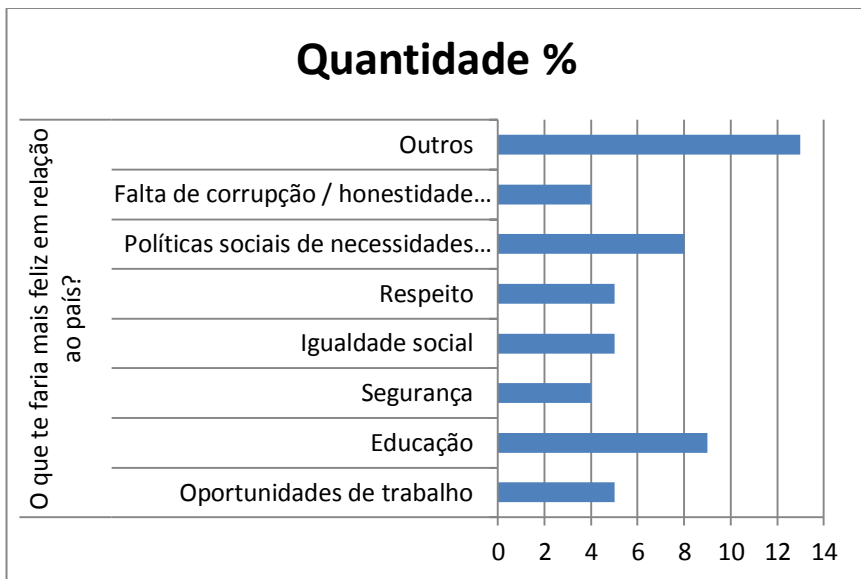


Gráfico 4 - O que Consideram Felicidade para o País

Uma vez que a pesquisa Nielsen não identifica nem explica as causas do sentimento de felicidade, para a Educação do Hábito tiraremos informações do IDH, da felicidade mental e da pesquisa específica sobre felicidade para escolher os hábitos a serem trabalhados. Isso também mostra que as bases para a Educação do Hábito (indicadores e referências) podem se alterar e, portanto, que outros hábitos aparecerão como importantes à felicidade e ao desenvolvimento.

Para planejarmos o processo **Educação do Hábito**, finalmente precisamos conhecer melhor o que é o hábito, como se forma e suas conexões mais complexas.

Resumo

A educação é uma atividade meio na busca pela felicidade e pelo desenvolvimento do país e das pessoas.

Atualmente, ela não está integrada de forma documental no fim maior da nação, que é o desenvolvimento humano e econômico.

Não existem esforços estruturados para a educação dos bons hábitos.

Os índices atuais para a avaliação do desenvolvimento são: o PIB per capita e o IDH. Entretanto, eles não utilizam a definição da OMS para o lado humano. Pelos parâmetros da OMS, diversos países ditos desenvolvidos são na realidade subdesenvolvidos na dimensão humana (mental).

Equivocadamente, o desenvolvimento humano tem sido analisado somente pelo prisma econômico, mesmo quando se trata de qualidade de vida.

Adicionamos, pelo prisma da OMS, a depressão e a taxa de suicídios, bem como a própria percepção da felicidade pelas pessoas, na avaliação do desenvolvimento humano. A união

desses três direcionadores (PIB, IDH e OMS) formou o que chamamos de IDF (Índice de Desenvolvimento e Felicidade), que será utilizado como base de conteúdo na Metodologia da Educação do Hábito.

A conscientização é um processo pouco eficaz na melhoria das pessoas e de seu ambiente e que fere princípios básicos da aprendizagem. Precisa ser feita, mas não resolve os problemas sozinha, pois existe um conjunto de fatores necessário à mudança de comportamento. O hábito é mais forte que a consciência, por isso devemos estudar como alterá-lo.

A cultura é um fator externo que influencia o surgimento e a mudança dos hábitos, mas por seu processo lento, e pelas necessidades brasileiras, sua mudança precisa ser acelerada por dispositivos.

Exercícios

1. Em grupos pequenos, discutam o que significa felicidade para as pessoas e para um país. Um participante de cada grupo lerá para toda a turma as conclusões do mesmo.

2. Identifique os conteúdos passados nas escolas, independentemente da série ou nível, e compare com o exercício anterior.

Parte II – Hábito

16.O Hábito

O hábito deriva do latim *habere* que significa ter ou segurar (*hold*).²⁴

O hábito pode ser uma tendência de relação mais passiva, pode ser algo que se repete o dia todo, como roer unha, a ponto de parecer uma patologia, como um tic nervoso. Ou ainda ter ciclos mais longos, como: dirigir, ir ao banheiro, almoçar, e ainda mais longos, como viajar, sair com a família.

Para alguns, hábito é seu modo de viver, o que você gosta de fazer, como: pescar, andar pela manhã etc. Mas são hábitos de frequência variável, pois quem gosta de pescar pode parar de fazê-lo por um período, motivado por problemas, e pode até nunca mais fazer, caso o indivíduo se mude para um local que inviabilize essa atividade. Então, embora sejam hábitos que podemos praticar por toda uma vida, também podem deixar de existir por uma mera circunstância. Voltamos, pois, ao mais relevante, que é a questão de mudar hábitos, precisamente, mudar maus hábitos e criar bons.

²⁴ SWARTZ, David (Boston University). *The Sociology of Habit: the perspective of Pierre Bourdieu*. Winter 2002, Volume 22, Supplement.

Este estudo pode configurar uma teoria sobre a ação, cujo foco é o hábito.

Ele, o estudo, considera a importância da cultura, da sociedade e de seus grupos na mudança de hábito, mas busca identificar uma maneira individual que também pode trazer soluções na redução dos problemas nacionais.

O hábito é algo feito com espontaneidade como as ações instintivas, mas ele se aproxima mais da consciência que o instinto. Formar hábitos também é uma questão de Inteligência, que distingue o homem dos outros animais²⁵.

Mas, segundo Bourdieu, alguns poucos hábitos podem ser alterados (por deliberação)²⁶.

Podemos identificar, através de um exercício não científico, alguns agentes de influência na formação dos hábitos e como cada um afeta mais ou menos determinado hábito.

²⁵ SHAPIRO, Kam. Reviving Habit: Félix Ravaisson's Practical Metaphysics. Op. Cit.

²⁶ COLAPIETRO, Vincent (The Pennsylvania State University). Habit, Competence, and Purpose – how to make the grades of clarity clearer. Transactions of the Charles S. Pierce Society: a Quarterly Journal in American Philosophy. Volume 45, Number 3, Summer 2009.

Hábito	Influência				
	Família	Pressão externa / sobrevivência	Pressão social	Inteligência	Custo (ex.: Brasil / Espanha) esforço/ interesses.
Economia de água	X	X	X	*	X
Cortesia	X				
Agressividade	X	X			
Higiene	X		X		
Aprender	X	X		X	

*Veremos que a inteligência é inimiga do meio ambiente no sistema atual.

Tabela 6 - Hábitos e Mapeamento de Influências

O impacto que a família tem na formação dos hábitos, logo, na formação dos indivíduos, é tremendo. Mas quais são as políticas nacionais que protegem o sistema de educação familiar? Precisamos atender diversas demandas. Entretanto, certamente nossa distribuição de forças está equivocada.

Há uma vantagem e uma desvantagem vindas do fato que é difícil alterar hábitos: que maus hábitos são difíceis de mudar; entretanto, que se forem colocados bons hábitos na idade certa, também permanecerão na sua maioria. Da mesma forma isso

indica que devemos usar outro sistema de mudança que não a inteligência (ou conscientização).

16.1.Hábito e Razão

Os hábitos podem ser divididos em graus relacionados ao automatismo e à consciência (o quão automáticos e o quão relacionados à consciência ou processo consciente).

Nós podemos mudar um hábito através do autocontrole.

Precisamos da inteligência para manipular o nosso lado animal. A inteligência usará isso exatamente para criar outro automatismo. Mas também para criar um caminho único, como com o uso de dispositivos.

Reid afirmou que embora exista o efeito mecânico, ele não vem do externo, mas sim da inclinação, que vem da vontade, e que embora a esfera da vontade ou da reflexão nem sempre apareça, sempre está presente a inteligência. Pode-se ver a discussão sobre os níveis de interferência da inteligência ou da reflexão na criação ou manutenção dos hábitos, sempre que tal interferência é interessante para o ser. O hábito também é uma autoproteção; uma tentativa de preservar tudo o que constitui o ser. De maneira mais ampla, então, um hábito de preservação ambiental nos levará a outros de preservação ambiental, pois ele

também constitui o hábito de pensar no meio ambiente. E o hábito de pensar no outro enraizará vários outros bons hábitos. Segundo Leibnitz, o corpo retém o ímpeto comunicado a ele, e isso permanece constante ou tende a perseverar . É a inércia do hábito. Dessa forma não só entendemos a dificuldade de se mudar maus hábitos, como percebemos a importância de mantermos a inércia dos hábitos bons e a necessidade de entendermos os mecanismos que quebram essa inércia²⁷.

Educação e seus pleonasmos

Criaram a Disciplina Educação Moral, Cívica e Ambiental. Finalmente perceberam que a base para todo o conhecimento é a educação. Não a educação escolar tradicional, mas a educação dos pais, os princípios morais, principalmente o pensar no outro. Entender que educação é bondade, pois se pensamos nos outros, jogamos lixo no lixo, deixamos os outros falarem sem arrastarmos cadeiras, estudamos para ajudar nossos pais, nossos filhos e contribuir com a sociedade. Ser educado é ser bom.

²⁷ SINCLAIR, Mark. Ravassion and the Force of Habit. Journal of the History of Philosophy. Volume 49, Number 1, January 2011.

Na realidade, Educação Moral, Cívica e Ambiental é quase um pleonasma, pois se é Moral e Cívica, não é também ambiental? A moral não diz respeito ao que é bom e aceito por todos? E o civismo não é o amor pela nossa pátria? Mais pleonasma ainda, pois se é educação não tem de ser moral? Mas nesse caso, não seria um conteúdo planejado sobre moral. Ou será que nada precisa mais de pleonasmos (repetições) que a educação?

Bourdieu prefere *habitus* à terminologia hábito, por considerar este apenas a noção repetitiva e aquele um processo mais complexo.²⁸

Sinclair separa os hábitos em: hábitos da mente e hábitos do corpo; os do corpo seriam aqueles sem a intervenção “expressa” do pensamento ou da compreensão, assim como distingue o hábito do instinto, sendo este de natureza biológica e aquele adquirido pela vida.²⁹

Nosso dia a dia é um conjunto de relações casuais e rotineiras. E por isso o hábito ocupa um espaço tão importante em nossas vidas.

²⁸ SWARTZ, David (Boston University). The Sociology of Habit: the perspective of Pierre Bourdieu. Winter 2002, Volume 22, Supplement.

²⁹ SINCLAIR, Mark. Ravassion and the Force of Habit. Journal of the History of Philosophy. Volume 49, Number 1, January 2011.

Quanto menos esforço intelectual para uma determinada ação mais hábito ela é, ou mais forte o hábito. Nesse sentido, a diferença entre o hábito, o reflexo e a ação instintiva é que o primeiro é repetitivo e mais relacionado á inteligência que os outros, mesmo que pouco relacionado.

Quando alguém que cresceu com pais e amigos jogando lixo na rua, para que essa pessoa guarde o lixo para jogar no lugar certo, ele realiza um esforço mental muitas vezes maior que aquele que cresceu num local onde sempre houve cestas de lixo e a rotina de jogar lixo no lixo.

Uma ponderação é um esforço mental. Os hábitos descartam as ponderações ou as diminuem, tornando a vida mais leve, para reduzirmos as ponderações ou alterarmos os hábitos, mas de qualquer maneira haverá um esforço inicial, por determinado tempo. Ou reduzimos o esforço físico, que reduzirá o esforço mental. Aqui, isso expressa a luta entre o habitual e a consciência, ou o que é melhor para a sociedade.

O hábito parece algo simplesmente automático e por isso burro, mas também é inteligência e até crescimento, isoladamente ou de forma integrada, característica essa principalmente dos bons hábitos.³⁰

³⁰ COLAPIETRO, Vincent (Thee Penssylvania State University). Habit, Competence, and Purpose – how to make the grades of clarity clearer.

Mas as forças que regem os hábitos também podem desaparecer. Por isso é necessária a criação de sistemas que perpetuem as causas (forças) que geram os bons hábitos e sistemas que bloqueiam ou dificultam as forças que geram ou fortalecem os maus hábitos.

O hábito, por um lado, assegura a estabilidade, a continuidade, a coerência, mas por outro lado, também a inovação e a improvisação. Exemplo: se sempre abrimos latas da mesma forma é porque percebemos a melhor forma de segurar o abridor. Depois praticamos, experimentamos, encontramos a melhor maneira, finalmente “perfeita” para nós, e depois repetimos sempre o melhor processo.

Segundo Pierce³¹, hábitos precedem os códigos, as normas, pois código é algo que resulta da codificação.

Para haver codificação, ocorreu um processo de codificação e uma generalização e repetição para a sedimentação.

O hábito é um importante estoque de normas e valores sedimentados. A história, ou experiência, organizada em nossas mentes, cria padrões de ação (hábitos) que visam aos melhores resultados.³²

³¹ Idem, Ibidem.

³² COLAPIETRO, Vincent (Thee Pennsylvania State University). Habit, Competence, and Purpose. Op, Cit.

Um exemplo de hábito complexo, gerado por pensamento e simultaneidades: o hábito de um dirigente escolar de responder a uma solicitação surpresa de um funcionário. Sempre que for uma questão que possa afetar muito a aprendizagem, de custo alto e que possa gerar conflito, a resposta imediata do dirigente escolar, por hábito, será: “- Não posso lhe dar uma resposta agora.” Pois ele sabe que questões importantes não podem ser tomadas no calor das emoções dos momentos.

O hábito não é unicamente racional. Mas se quer explorar ambos aspectos: racionalidade e irracionalidade na formação ou abandono de hábitos. Da mesma forma que formar o hábito do indivíduo para que ele contamine sua sociedade quanto criar hábitos numa sociedade para que ela contamine seus indivíduos.

Para Kantt³³, as normas são envoltórios racionais negociados no espaço social.

Nossa autonomia reside na nossa capacidade de nos distanciarmos dos nossos sentimentos e impulsos. A razão que temos para fazer algo pode vir de uma reflexão, mas para legitimá-la (pela sociedade), se isso for necessário, ela também deverá ter uma força normativa para todo mundo. Caso contrário, a força normativa social poderá suplantar e então

³³ Apud: Idem, Ibidem.

evitar a ação desenvolvida racionalmente. Mas o hábito também frequentemente nos conecta com nossa natureza animal.³⁴

16.2.Sociedade, Cultura e Conexões

Os agentes ou forças de mudança... Temos um agente ou uma força quando sua pressão ou ação é endossada pela sociedade.

Assim, existem hábitos praticados junto à sociedade, por exemplo, pedir licença em um ônibus lotado, e aqueles que praticamos sem contato com os outros, por exemplo, o hábito de escovar os dentes e a força que fazemos nesse movimento. No primeiro dependemos mais da legitimação social; a sociedade percebe, te julga. No segundo não, não diretamente. Precisamos, pois, na estratégia de modificação de hábitos identificar a presença e a intensidade da força social.

Ter uma informação não implica ter o hábito de pensar, olhar qualquer coisa não quer dizer o hábito de observar, e o próprio hábito de observar não significa que temos o hábito de agir após a observação.

³⁴ Idem, Ibidem.

Embora Hegel afirme que nós somos nossos hábitos porque a satisfação que eles nos trazem está sob nosso controle e que isso não acontece com os maus hábitos, preferimos pensar de outra forma. Como outros autores colocaram, existem níveis de hábitos quanto ao automatismo e ao raciocínio empregado, e isso serve para os bons e para os maus hábitos. Pois os maus hábitos, também desejamos. E o conceito de bom e de mau pode ser científico mas é sobretudo social, moral. Uma boa alimentação é biologicamente estudada e reconhecida mas também é consequência da cultura e da sociedade. Devemos usar todos esses conceitos para a Educação do Hábito.

O mau hábito, da mesma forma. Fumar é um mau hábito, mas o é, hábito, para que o indivíduo repita o prazer que sente. O conceito do mau hábito, então, está mais relacionado, nesse caso, ao horizonte de tempo. O mau hábito gera prazer ou ganho, mas se relaciona com o curto prazo; pensamos no prazer agora, mas não no câncer, longo prazo. Dessa forma, se criarmos o hábito em nossos jovens da visão de futuro, e visão consequente, de médio e longo prazos, os direcionaremos para os bons hábitos.

O quanto de racional e o quanto de animal o hábito tem ainda não está claro cientificamente. Por isso nos limitaremos, na Educação do Hábito, àquilo que passa pela informação ou pela razão, nossa ou do próximo.

Entretanto, nada é mais usado e eficaz na Educação do Hábito que a parte animal (irracional), estímulo resposta, ação e reação (prazer ou dor). Para um cão, ao fazer suas necessidades no local correto, o agradamos, fazemos carinho e festa, e ele associa fazer no local certo com prazer. As pessoas, como todos os animais, respondem da mesma maneira. A criança estudou, pode brincar. Ação, consequência.

Então temos a educação do hábito de estudar. Mas antes, ou para isso, talvez tenhamos de desenvolver o hábito de sensação do prazer de estudar. Mas por sua inteligência, o ser humano processa se aquilo é rápido ou duradouro, pois pensa permanentemente em ganhar o máximo pelo menor esforço (e isso é também inteligência), por isso ele é mais difícil de ser condicionado (por prazeres temporários) que o animal irracional.

O Hábito de “deixar com a Lei” e o Hábito de não pensar - O assento para portadores de necessidades especiais

A Lei aparece somente quando o mau hábito já está extremado pela população; quando ninguém mais respeita o idoso, criamos assento para ele.

É o tipo de Lei que só existe devido a pessoas que não receberam educação ou que foram vencidas pelo cansaço de um

longo dia de trabalho (e pensar só em si virou um hábito) ou simplesmente por maldade.

Entretanto, da mesma forma, pessoas que foram educadas passaram a dar apenas os assentos reservados para os deficientes. Quer dizer, pessoas educadas, quando todos os assentos de portadores de necessidades estão ocupados, não se levantam diante para dar lugar para um idoso ou uma grávida quando estão sentados em assentos normais, com raras exceções. A Lei criada beneficiou a maioria, mas fez relaxar a percepção das pessoas educadas, que antes “percebiam” a necessidade de uma pessoa em sentar e cediam lugar. A Lei reduz a percepção da existência do outro, o pensar no outro. “- Ah, estou cumprindo a Lei. Estou certo!”

Naturalmente, que a regulação ética criou falsos éticos, articulados e fingidos. Mas a burrice total ética é melhor do que a total e inteligente liberdade, que criaria um exército de facínoras.

A Lei, então, também deseduca. Mas precisamos da Lei, uma vez que não temos como garantir a melhor educação a todos. Mas a educação, por isso, precisa ir além da lei; ao invés de simplesmente dizermos: “- Respeitem os assentos para deficientes, respeitem a lei.”, ampliemos para: 1) observem se

alguém está com necessidades; 2) ajudem aqueles que precisam.”

Hábito da atenção, da observação do que está acontecendo.

Mas o bandido tem essa característica, esse hábito, está sempre ligado, observando o cenário como uma ave de rapina. Assim, não basta o hábito de observar, mas de observar para o bem. Então precisamos criar o hábito de observar para o bem.

Exercício: 1) observar para o bem, 2) identificar o que deve ser feito e 3) agir.

E aí vemos o peso da consciência, da informação; só percebemos um portador de deficiência quando falamos sobre deficiência e, melhor ainda, só entendemos perfeitamente a sua necessidade, quando passamos pela mesma. Funciona com uma porta de elevador, que quando as pessoas param de sair e entrar, as luzes (célula fotoelétrica) se encontram, e gera o movimento para fechar as portas. (assim temos de gerar a imagem (educar) para quando ela encontrar o seu par (ocorrência), o cérebro conectar tudo (através da atenção, da observação e da percepção) e agir (quebra da inércia). Quando temos a repetição do agir, conseguimos a educação do hábito tipo A, neste caso educação do hábito de quebrar a inércia, de agir, realizar.

Podemos transformar uma pessoa morna em uma sanguínea. Uma país apático, ou que só reage, em um país que realiza.

Exercício: Praticar atividades criando alguma deficiência motora e também a de cada sentido. Daí a importância de brincadeiras como cabra-cega, mímica, corrida de saco e quando outro é seus olhos, outro é suas pernas, outro é suas mãos. Estes três últimos são ainda mais eficazes, que além de praticar a solidariedade e a consciência, também praticam a parceria. Mas seria melhor se antes da brincadeira os professores fizessem essa conexão, conexão com as deficiências.

Um grande erro que cometemos é só ministrarmos tais atividades para crianças pequenas. Elas deveriam ser praticadas com afinco também na adolescência.

A racionalidade e as várias esferas do hábito entram em conflito constantemente, porque para o ser humano, o próprio pensar é um hábito, então temos hábitos conflitando com hábitos. Mais precisamente e frequentemente hábitos de um grau entram em choque com os de outro degrau. Isso também significa que, como educadores, ao inserirmos novo componente para direcionar ou desenvolver um hábito, estaremos gerando um conflito provisório, e bons educadores são aqueles que gerenciam bem tais conflitos, internos aos alunos, mas que fatalmente aparecerão.

A educação não pode se satisfazer com dispositivos transitórios. Mesmo que durem um ano ou cinco; ela tem de se eternizar. Em alguns casos precisará de dispositivos também externos. Por exemplo, o curral no trânsito (para o pedestre atravessar na faixa), pois estará sempre lutando contra a inteligência do homem, que buscará o atalho.

Também não se pode replicar totalmente dispositivos das cidades grandes para as cidades pequenas. Nas pequenas, dificilmente haverá momentos de grande concentração, onde aparece o efeito manada e o salve-se quem puder, que mudam radicalmente os padrões de comportamento individual (os hábitos).

Se a melhor educação é a que se adequa ao aluno, o currículo escolar de um grande centro teria de ser diferente do pequeno; nas grandes cidades precisamos muito mais de dispositivos que nas pequenas, por causa do efeito manada, porque as pessoas não se conhecem e não se conhecerão etc.

Vemos a importância do estudo do hábito até no estudo dos gêneros (homem x mulher).³⁵

Quando afirmam que a razão ou a racionalidade não muda hábitos, na realidade tiram a própria racionalidade. Por exemplo,

³⁵ SULLIVAN, Shannon. Reconfiguring Gender with John Dewey: Habit, Bodies, and Cultural Change. (direito autoral do próprio Sullivan, sem local, sem data).

normas sociais criam e fixam hábitos e dissociam também o mecanismo da racionalidade. Mas, pelo contrário, o raciocínio já ponderou que haveria uma resistência da sociedade, conflitos, perdas, e preferiu por manter o **status quo**. E, por vezes, tal reflexão é tão rápida que achamos que não pensamos, não ponderamos. Outras vezes estamos tão ocupados com outras prioridades, quando os danos são pequenos na manutenção do presente, que realmente não refletimos. Mas refletimos que os danos são pequenos e por isso não precisamos refletir (tanto). Mas os ganhos são pequenos, ou o incômodo é pequeno.

Educar o hábito, nesse caso, implica aumentarmos o ganho ou o incômodo até criarmos o hábito, o condicionamento ou algo próximo a ele.

Para Dewey, a existência humana é fundamentalmente uma existência corporal e esta é composta e estruturada por hábitos,(...) os hábitos são o efeito da sedimentação em nossas vidas. Criar ou adquirir um novo hábito é aprender um novo comportamento de si mesmo, é expandir forças de uma nova maneira(...) Nossos hábitos constituem nosso conhecimento do mundo e, dessa forma, nos trazem eficácia neste.³⁶

³⁶ Idem, Ibidem.

O que Dewey quer dizer com conhecimento físico: eu só posso evocar aquilo que tenho para ser evocado. Quando vamos dirigir, e já sabemos dirigir automóveis, evocamos sem nem perceber nosso conhecimento, já adquirido, de “como se dirige”. Por isso somos nossos hábitos. Não estamos dizendo que dirigir é um hábito, mas que como se dirige, a maneira, é um hábito. Existe uma parte comum a todos que dirigem e uma outra específica de cada motorista; se você sempre passa a marcha suavemente ou apressadamente. Se é agressivo nas freadas ou macio etc. De maneira interessantemente análoga, isso também mostra sua agressividade ou suavidade em tudo.

A cultura tem um papel importante na mudança ou na construção do hábito, uma vez que os “hábitos individuais” “são formados sob condições estipuladas por configurações culturais que precedem o individual”. O hábito é também parte de uma construção cultural.

Se nós somos nossos hábitos (eu sou a hora que acordo, como dou risadas, como lido com as pessoas), somos uma estrutura de hábitos; eliminar um hábito sem criar outro, é deixar um espaço vazio (na estrutura), e isso significa deixar o espaço para o hábito voltar. Por isso a força das substituições.

Atualmente temos a mídia como grande criadora de hábitos, assim como ela também cria a disposição para aceitar e criticar hábitos. Algo que grandes canais de mídia não percebem

é que direcionar a massa faz com que eles tenham, ou consigam, grandes volumes de vendas. Mas poderiam melhorar a cultura da massa, pois os produtos vendidos seriam aqueles que oferecem maior margem de lucro, são mais sofisticados. E também que incentivando maus hábitos, todos, inclusive a mídia, viverão em um ambiente mais violento, mais mal-educado, mais doente. Impera a visão infantil do curto prazo.

O fato de sermos nossos hábitos, faz com que estejamos felizes com eles, mesmo quando dizemos que não. O máximo que poderíamos dizer é que não são bons hábitos, mas que se ficarmos sem eles, no agora, isso trará mais infelicidade para nós, também agora. Logo, outra forma de evitar um hábito é imputar a ele maior infelicidade.

Se as normas e a cultura delimitam nossos hábitos, quanto mais mostrarmos hábitos negativos da nossa cultura (mesmo que verdadeiros), mais fortaleceremos tais hábitos e mais os incentivaremos, pois os colocamos como padrões de normalidade. Isso quer dizer que a vida faz as novelas, mas as novelas fazem muito mais a vida. Por isso a mídia tem um papel tão importante no desenvolvimento de um país. Mas não adianta somente contestarmos; se não arrumarmos uma solução que dê o mesmo dinheiro que o consumo, através dos maus hábitos, nada acontecerá. Temos de fazer com que a mídia ganhe dinheiro com bons hábitos; é o mesmo que falarmos ao homem para

parar de cortar árvores e não lhe darmos outra forma de sustento para a sua família.

Analisemos o mau hábito da pessoa de querer parecer aquilo que não é. Mais importante é identificar o hábito ou o estado causador disso: a insegurança, a sobrevivência (eu primeiro), a formação dos valores etc.

Pelo prisma de insegurança, a pessoa procurará um ganho → o hábito de parecer inteligente, através do hábito da leitura rasa, por exemplo. Logo, como desenvolver o hábito de aumentar a segurança, a segurança em si mesmo?

Esse estado de maus hábitos nos âmbitos social e individual é o que Dewey denominou arteriosclerose social que coloca em perigo a saúde individual e social. O papel da educação é o mais importante de todos, porque, segundo Dewey, a juventude tem “hábitos mais fluidos” e por isso são a melhor possibilidade de transformação cultural, porque os jovens podem ser educados para mudar a cultura³⁷. Como sabemos, entretanto, quem educa os mais jovens são os mais velhos. Poderíamos assim focar na Educação do Hábito dos jovens e, nos mais velhos, na Educação do Hábito de educar. E, para ambos, os dispositivos.

É possível reduzir a pressão dos mais velhos entrando em suas mentes, fazer a campanha aos mais jovens, que então

³⁷ Idem, *Ibidem*.

teremos um ambiente mais flexível para a mudança. Mas isso vale também para os maus hábitos, por exemplo, as drogas.

Educação significa ajudar o jovem a formar um certo tipo de hábito, mais especificamente o hábito de questionar, repensar e reencarnar a si mesmo e os hábitos de gênero de sua própria cultura.³⁸ O mais importante hábito a desenvolver: o hábito de perceber a necessidade de mudar hábitos, o hábito de fazer a inteligência questionar hábitos. Entretanto, a educação do hábito é possível também nos adultos principalmente daqueles que circulam por uma diversidade de sistemas de hábitos, tipicamente as grandes cidades, a despeito da existência de hábitos rígidos, a complexidade da relação entre eles faz com que todos se influenciem mutuamente, havendo mudanças tanto nos hábitos sociais quanto nos individuais. As instituições podem ajudar nas transformações dos hábitos individuais assim como podem resistir (as mudanças podem ser boas ou más), o que as coloca como mais um elemento do conjunto de melhoria, que nesse estudo é chamado a atuar de forma mais complexa e estruturada em prol dos bons hábitos para os seres e para o país.

Uma mudança individual pode implicar uma mudança cultural, conectando o hábito da mesma pessoa com outros indivíduos, através das associações, conversas etc. Entretanto, as pessoas estão ficando mais individualistas e a socialização (e a

³⁸ Idem, *Ibidem*.

introspecção) está mudando (Internet), o que nos direciona ainda mais para a construção e mudança de hábitos através do sistema, dos dispositivos do próprio ambiente onde vivem as mesmas. Outro sinal que essa vida virtual nos traz é a criação de hábitos através de informações e reflexões ainda mais superficiais. Segundo estudo de Harvard, 97% das pessoas não passa da primeira página nas pesquisas através do Google.

No mundo virtual, o que parece uma tendência muitas vezes não é, assim como aquilo que parece bom também não é.

Como evitar as más influências da Internet, tão necessária para nós hoje? Como fazer com que ela não gere maus hábitos?

Os países que mais bem gerenciarem a pesquisa e ensinarem a melhor forma de pesquisar aos seus jovens serão os mais desenvolvidos nos próximos vinte anos.

Uma sugestão óbvia é criarmos o hábito da investigação com rastreabilidade, quer dizer, o hábito da comprovação.

Hábitos são agentes de conservação tanto social quanto individual. E contraímos e mudamos de hábitos o tempo todo.

O hábito é uma forma de conservação de energia, pois existe uma tendência do cérebro de buscar a repetição para que o pensamento, durante aquela ação automática, possa se dedicar a resolver novos “problemas” ou questões, mesmo que simples. O hábito cria rotinas de ações e pensamentos, para eles serem executados “sem atenção consciente”, liberando a mente para

questões mais importantes ou que demandem pensamento.³⁹ A repetição é convincente, e por isso intrinsecamente ligada à formação do caráter, que pode opor-se a capacidade de mudança. Dessa forma, é do ser humano a preguiça do pensar, pois pensar é energia dispendida, é desgaste. Por isso o **hábito de pensar** também é tão importante para facilitar qualquer processo de mudança.

Embora o caminho indivíduo → sociedade seja o mais difícil, as rotinas individuais é que reforçam as rotinas sociais.

Quantas pessoas, a maioria, a partir dos trinta ou quarenta anos, são iguais, com um padrão de como se alteram, de alteração de humor (aparente), quando estão em uma reunião, sem se entusiasmar tanto em qualquer situação.

Quem fez tudo isso foi o hábito, depois de complexas interações e informações.

Na perspectiva de Pierre Bourdieu, o behaviorismo retratou a noção de hábito como um reflexo biológico(...) mas a educação do hábito também é analisada como uma intervenção terapêutica.⁴⁰

³⁹ VRETTOS, Athena. Defining Habits: Dickens and the Psychology of Repetition. (direito autoral do próprio Vrettos, sem local sem data)

⁴⁰ SWARTZ, David (Boston University). The Sociology of Habit: the perspective of Pierre Bourdieu. Winter 2002, Volume 22, Supplement.

E é de intervenção terapêutica que precisamos agora, pois nossa sociedade está deveras doente. De um processo como a Educação do Hábito ou de algo semelhante.

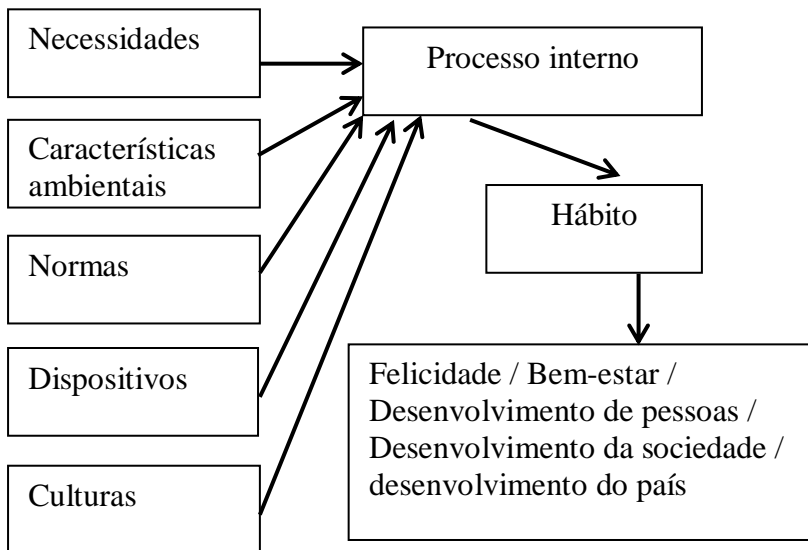


Fig. 8 - O Hábito na Cadeia da Felicidade e do Bem-estar

A questão para Pierre era: “como a ação humana segue padrões estatísticos regulares sem ser produto de obediência a alguma estrutura externa como normas culturais, ou a algo subjetivo, intenção consciente, como um cálculo racional”. O hábito orienta as ações de acordo com conseqüências antecipadas. Entretanto, para outros, o que mais direciona as ações humanas são os hábitos culturais e não a racionalização (consciente ou inconsciente). Para Bourdieu, as ações humanas têm pouco de consciência e mais de praticidade. Mas se visamos

a praticidade, conhecemos o conceito de prático na específica situação e ponderamos pelo mais prático, logo, pensamos e estamos cientes, e isso é inteligência.

Percebe-se, entretanto, que Bourdieu não está totalmente equivocado. Apenas que só considerou “estar ciente de informações boas”. Mas quando estamos cientes, estamos cientes de qualquer tipo de informação, mesmo que essa informação seja: “isso é pouco prático para mim” ou “isso necessita de energia minha” etc., que pode caracterizar uma postura egoísta ou preguiçosa; má para os outros que o cercam.

A questão do hábito não pode ser reduzida a somente o arranjo estímulo-resposta. Mas também não se deve buscar o radicalismo ou a solução excludente; o hábito é sim derivado de um conjunto e, portanto, os educadores, políticos e governantes e muitos profissionais liberais podem e devem fazer uso de todos os elementos norteadores dos referidos hábitos.

O hábito leva à prática e a prática leva ao hábito.

Podemos também habituar a predisposição, a inclinação etc. Mas a predisposição para algo não chega a ser um hábito, e vem das informações anteriores que temos sobre um fato ou assunto. Caso se consolide, se repita a ponto de agirmos sem muita reflexão sobre o assunto, então teremos o hábito. Dessa forma, a educação também deve lidar com a formação da predisposição, o que mais faz. Mas por diversos motivos, como

a própria força do hábito entre outras causas, a predisposição ou é equivocada ou não se traduz em ações (boas).

Embora digam que nos hábitos as avaliações ou decisões ocorrem inconscientemente, sem o processo do pensamento, elas pode sim ocorrer conscientemente, mas tão rapidamente a ponto de não as percebermos como processo de pensamento. Então estamos associando pensamento à percepção de pensamento, como visto. Só pensamos quando percebemos que pensamos?

Os hábitos também podem ser divididos em mentais (o ato de escrever uma carta envolve os hábitos de priorizar ideias, revisão etc.) e corporais (posturais, organização do espaço de trabalho etc.). Para Bourdieu, o hábito tem a capacidade de generalizar seus fundamentos, através de transferências analógicas entre as mais diversas áreas da vida, por exemplo: estratégias biológicas tem relação com estratégias sociais, culturais e até educacionais para se manter a força de uma espécie e de um grupo.⁴¹ A organização é um hábito mental e corporal; quem é organizado é organizado em tudo.

Um país desenvolvido é organizado. Assim, organizando uma cidade, organizamos a mente de seus cidadãos e eles buscarão a organização em tudo.

⁴¹ Idem, Ibidem.

Desenvolvimento é simetria; só de arrumarmos todas as calçadas, daremos um salto de desenvolvimento em nosso povo, pois isso organizará suas mentes, conseqüentemente, suas roupas, seus estudos, suas casas, suas rotinas, até suas relações e todos os outros hábitos.

Desenvolvimento também é educação pela organização e simetria.

O que significa um colégio sem organização visual? Que hábitos estamos criando? E isso vale para tudo. Não basta o desenho das crianças: onde estão as molduras (podem ser de papel também), onde está a simetria, papéis amassados são permitidos no mural? Tudo isso é organização.

As relações e analogias também nos direcionam para a priorização; hábitos relacionados ocorrem em diferentes momentos do dia e diferentes situações. Quando não temos tempo, precisamos priorizar. A educação no trânsito está relacionada com a educação do pensar no outro. Por isso práticas de educação no trânsito poderão nos levar à educação na forma de andar numa calçada ou no corredor de uma escola. Se você para de andar numa calçada sem pensar em quem vem atrás, provavelmente faz o mesmo quando dirige um automóvel. Mas (agora sim), um adulto passa a maior parte de seu tempo na

calçada, na rua dirigindo ou numa escola? Se ele está a maior parte do tempo no trânsito, a Educação do Hábito de dirigir com educação afetará mais os outros dois momentos: a escola e a calçada. Isso é a priorização da educação, a administração do tempo da educação, ou simplesmente uma alocação de carga horária para uma determinada unidade. Onde passamos a maior parte do nosso dia atualmente? Eis um foco a ser pensado e planejado.

Sabemos que a formação dos hábitos, logo do próprio ser, se dá como resultado de diversas interferências, como cultura, religião, classe econômica e social, mas isso não muda o fato de que a educação é o mais importante mecanismo de influência, mudança e formação. Estamos falando aqui de todas as formas de educação e não somente do ambiente escolar.

Para Ravaisson, outra diferença que parece relevante é aquela entre sensação, percepção e ação; a repetição da sensação enfraquece a mesma sensação; no entanto, a repetição da percepção aguça ou fortalece a própria percepção; e a repetição da ação a torna um hábito.⁴²

Porém, a tentativa de perceber é oriunda da ação da observação atenta. Então podemos criar o hábito de observar, hábito comum nas pessoas inteligentes.

⁴² Apud: SINCLAIR, Mark. Ravassion and the Force of Habit. *Journal of the History of Philosophy*. Volume 49, Number 1, January 2011.

Estamos falando das coisas sutis. Qualquer um percebe coisas grosseiras porque os sentidos funcionam. Como exemplo: um grito, uma batida de carro.

A questão orgânica do hábito envolve os hábitos motores, decorrentes da tendência do órgão de repetir o movimento feito inicialmente, que, segundo Bonnet, decorre da disposição das fibras nervosas utilizadas na primeira vez. Uma inclinação para determinado ato pode chegar a uma forma demasiadamente involuntária a que chamamos TIC (tic nervoso), também visto anteriormente.⁴³

Os modelos teóricos atuais sobre mudança de hábito se apoiaram nos estudos vistos nessa parte e por isso consistem basicamente em quebra da rotina abrangente e no sistema de recompensas. Mas se percebe que o processo é mais rico e complexo. Por isso adicionamos elementos a esse escopo básico, bem como sugerimos na parte seguinte o mapeamento para melhor verificação das variáveis a serem manipuladas pelo educador e direcionaremos para o desenvolvimento humano do país, que julgamos ser o fim maior da educação.

O mais importante desse trabalho, entretanto, é salientarmos como o desenvolvimento dos hábitos deve estar mais presente no processo educacional total.

⁴³ Idem, *Ibidem*.

A Tríade

Violência

Por que?

Uma disputa.

Ganhar.

Ganhar algo através da força.

Então também é não ter a capacidade de ganhar por outros meios.

Se é ganhar, também é ter a necessidade de ganhar, de provar para si ou para os outros a capacidade de ganhar. Por quê? Quando se ganha, percebe-se superior. Então precisar ganhar também é a falta de alguma coisa ou insegurança.

A violência ou ganhar também é ter o que o outro tem. Quando se tem através da violência ou da esperteza, também não é só para ter, mas para mostrarmos para os outros que temos a capacidade de ter, de conseguir. Ao verem conosco algo de valor poder pensar que conseguimos isso com inteligência, com trabalho, com competência.. Então também roubamos uma imagem, nos apropriamos de uma imagem de sucesso, sucesso conseguido com uma inteligência falsa, com uma imagem falsa.

Quando não temos um trabalho, um trabalho difícil, que nos dê um bom salário, como conseguimos comprar algo de valor? Não conseguimos. Se temos algo de valor que não

conseguimos com nosso trabalho: ou ganhamos do papai ou da mamãe (quer dizer, ainda somos crianças), ou roubamos de alguém. Logo é muito fácil saber quando alguém é bom, mau ou explorador (também mau).

Bondade – honestidade

Noção de força. O bom é mais forte que o mau, porque consegue as coisas pelo trabalho, trabalha muito, dorme pouco.

O bom é o mais forte.

O honesto também.

Cobiça

Por que querer o que o outro tem (sem precisar tanto)?

O que constrói a cobiça?

A pessoa acha que terá mais prazer ou felicidade em ter o que o outro tem. Então também é não ter a capacidade de perceber onde está a felicidade.

Resumo

Os hábitos nascem da reflexão, da necessidade, da cultura, do ambiente, da educação. Quando eles vêm da reflexão, essa

pode ir de alto esforço e nível de complexidade a uma reflexão tão pequena que é imperceptível.

Quanto menor o nível de reflexão, quanto maior a necessidade de manutenção de hábitos antigos ou ruins, mais intensa terá de ser a conscientização, o uso de dispositivos e a criação de compensações a favor do novo hábito.

A necessidade de surgimento de um hábito é a redução de um esforço ou de uma dor, da manutenção do conforto ou de outro ganho qualquer. Devemos usar a racionalidade do próprio indivíduo para mudar hábitos.

A mudança do indivíduo com a finalidade de mudar a cultura é um caminho viável, mas as mídias e os governos podem fazer o caminho inverso, extremamente impactante.

A conversa sobre um bom hábito é mais eficaz para implanta-lo que apenas a passagem de uma informação (conscientização – no sentido de “estar ciente”). Mas a conversa precisa ser bem planejada, planejada na direção do bom hábito, pois na discussão podem surgir os mecanismos de manutenção do hábito antigo e também as necessidades relacionadas aos maus hábitos. Então deve estar muito claro o ganho com o hábito bom e a perda com o hábito ruim. A discussão não planejada pode ser muito pior que a ausência de qualquer discussão.

Infância e juventude são os melhores momentos para a Educação do Hábito. Mas na fase adulta ela também é eficaz, como veremos a seguir.

A análise do ambiente em que a pessoa vive dirá o quão difícil será criar ou mudar hábitos.

Não basta criar um bom hábito; ele precisa ser perpetuado.

As consequências de curto prazo formam mais hábitos que as de médio e longo prazos, por isso, a criação do hábito do planejamento a longo prazo pode afetar um grande número de outros hábitos.

Existe uma hierarquia nos hábitos que, se utilizada, é mais eficaz na formação dos mesmos.

Se o espaço do hábito não for ocupado ou se o hábito a ser mudado não for substituído, ele tende a voltar ou permanecer.

Quanto maior a infelicidade decorrente de uma ação, menores as chances dela se repetir.

Quanto mais mostrarmos hábitos ruins na mídia ou em casa, mais os fortalecemos.

A analogia é eficaz para a formação de hábitos. Assim, o hábito da organização fará a pessoa ser organizada em outros aspectos, a organização das pessoas leva a um país organizado, logo, desenvolvido, e a organização executada pelos governos leva as pessoas a gostarem, se acostumarem e desejarem a organização, o que afetará suas vidas em todo o resto.

As analogias nos mostram também possibilidades de priorização dentro de processos de educação.

Exercícios

1. Cada aluno da turma identifica os três piores hábitos da humanidade, individualmente, em silêncio e escrevendo num papel. O aluno precisa justificar a escolha.

2. Em seguida, cada participante define dentre os três o que julga mais relevante. Esse hábito será informado ao moderador ou professor da reunião. Todos os hábitos escolhidos nessa segunda tarefa serão colocados/projetados no quadro.

Abre-se a reunião para discussões, sem reservas ou censuras.

Ao final, individualmente e em silêncio, os participantes escolherão cada um, dentre os hábitos escritos no quadro, os dois mais importantes pelo critério “impacto na sociedade”. O professor moderador colocará os votos de todos no quadro (traço ao lado do hábito votado).

3. Identifique como ocorrem os cinco hábitos mais votados por todos os participantes no exercício anterior, passo a passo, e com o que eles podem estar relacionados.

Parte III – Educação do Hábito

17.Educação do Hábito - Conceito

Prófugo da contemplação, só desatino

Egresso da turbulência do mar

Adversidade, ambiente opimo

O que nos faz estugar

(...) Fragmento - Anônimo

17.1.Conceito Abrangente

Educação do Hábito é o processo de mudança consistente de comportamento, planejado, que visa a realizar parte da educação informal e da formal, se concentra nos pontos de interseção entre a felicidade do indivíduo e a felicidade de uma nação, apoiada na motivação humana e no desenvolvimento de dispositivos. Que estuda as forças contrárias à mudança de comportamento e busca a solução para reduzi-las ou anula-las bem como desenvolve forças que corroboram com a mudança, aplicando uma sequência para tal.

A educação do hábito interno ao aluno, filho ou cidadão analisa o ambiente externo e identifica as forças presentes e a dinâmica de ponderações do micro sistema humano, as

mudanças e interferências necessárias, planeja a execução das mudanças, executa, controla e cria mecanismos de perpetuação.

A Educação do Hábito é um projeto de desenvolvimento nacional através da educação. Após alcançado, mesmo que parcialmente, deixa de ser projeto e passa a ser um sistema de desenvolvimento pela educação.

17.2. Conceito Referência

Processo de planejamento da mudança ou construção de hábito (comportamento consistente), que visa a felicidade do ser e da nação através do IDF, pela adaptação da teoria de sistemas ao indivíduo e do diagrama de forças.

18. “Dar Início”

Na metodologia de projetos, alguns chamam isso de “kick off” ou “ponto de kick off”.

O Kick Off é muito importante, porque existe um tempo longo entre o momento de percepção de um problema e o início de sua solução: 1) primeiro percebemos o problema ou algo que não se encaixa; 2) quando existe um motivo forte para sua

solução, começam a reflexão, as pesquisas, as discussões; 3) nas discussões quase sempre direcionam para a erudição e frases de efeito que não têm relação com o grande problema; 4) raras são as vezes em que se identifica realmente a solução, mas por fim ela pode aparecer; 5) Solução pronta, alguém deve ter coragem para afirmá-la em livros ou congressos, e os livros têm de ser escritos e publicados; 6) mais de três anos depois do livro publicado, com boa divulgação, começa o efeito rede; 7) as pessoas atingidas começam as ações. Isso tudo demora de cinco a quinze anos, se ocorrer, porque cada etapa é uma nova chance de parar o processo.

Kick Off é crítico porque a coisa mais difícil é começar a ação transformadora.

Por tudo isso, o autor considera a estratégia de “dar início” antecipadamente mais apropriada. Mesmo por que o Brasil tem pressa. Não podemos demorar de dez a vinte anos para por a educação do hábito em prática. Quem está lendo isso tem de implementá-la amanhã, na sua escola, na sua família. E nos entristece cada dia que não conseguimos antecipar na realização deste livro, pois acreditamos piamente no impacto dessas ações no desenvolvimento da nação.

Entretanto, o ponto negativo do Kick Off é “darmos início” a uma metodologia que não fora devidamente pesquisada e discutida. Por tudo isso, temos de trabalhar em duas frentes:

1ª) Hábitos indiscutivelmente relevantes aos pilares estudados anteriormente, uma vez que foram estudados cientificamente ou baseados em critérios já estudados cientificamente, quais sejam: a) relacionados ao índice de Desenvolvimento Humano – IDH (que engloba também o desenvolvimento econômico do país); b) hábitos relacionados à felicidade em relação às pesquisas psiquiátricas (neuroses etc.); c) hábitos relacionados à pesquisa específica sobre felicidade; d) a formação do hábito relacionada às pesquisas da parte anterior.

2ª) Hábitos subjetivos, relacionados à moral e a outros fatores que demandam outras pesquisas científicas e discussões, e a estudos não científicos sobre desenvolvimento e felicidade.

Baseados ainda na prática do Kick Off, o processo da educação do hábito inicia-se agora abordando somente a primeira frente, pelos critérios de utilidade, cientificidade, exequibilidade e urgência.

Enquanto damos início à implantação da educação do hábito, as discussões continuam para o desenvolvimento de um sistema ainda melhor e ainda mais científico, porque a cientificidade do presente estudo esteve presente até a percepção da força do hábito em relação à educação, mas ainda

não está presente, a cientificidade, na escolha das metodologias de implantação, a despeito da fundamentação teórica dos artigos científicos examinados.

Mas a sugestão prossegue, para aqueles que concordam com as escolhas e têm a mesma percepção de urgência.

Antes de entrar precisamente na Metodologia da Educação do Hábito, precisamos ainda de alguns conceitos e de nivelamento que norteiam a sequência de ação.

19. Entendendo o Sistema de Forças

Um sistema de forças está presente em qualquer ação humana. A motivação não é a única força para a ação. Expandimos para as causas da ação ou da inação. Um motivo é apenas uma das causas, uma das forças.

Nesse sistema de forças estão presentes aquelas favoráveis à mudança e outras desfavoráveis. Para haver a mudança, as forças favoráveis devem ser superiores às desfavoráveis. Esse sistema é uma adaptação invertida do diagrama de Kurt Lewin e Benjamin Franklin. Fora Lewin, entretanto, que sistematizou o uso dessa ferramenta.

Este é o esboço inicial para melhoria:

presentes e pela comunicação externa.⁴⁴ Entretanto, estaria em duplicidade com as informações sedimentadas e com a experiência anterior (o hábito). Mas esse fator pode e deve ser trabalhado também no processo de mudança do hábito, uma vez que fazendo a pessoa passar por uma nova experiência (nova ação, início do novo hábito), estaríamos oferecendo a “experiência anterior” assim como passaríamos novas informações e poderíamos também conectar com outras necessidades da pessoa.

Pela figura acima, fica nítido como é difícil uma mudança de hábito, quantas forças são contrárias a ela.

Conectando essa ferramenta com as informações dos capítulos anteriores perceberemos novas forças a favor, entretanto, novas forças contrárias à mudança também, mas teremos as informações que nos permitem a manipulação eficaz do sistema.

⁴⁴ Para maiores informações, ver em: ZEITHAML, Valarie A., PARASURAMAN, A. e BERRY, Leonard L.. *Delivering Quality Service*. New York, N.Y., The Free Press.

Abaixo, adicionamos a Educação do Hábito ao modelo anterior e percebemos o início da Metodologia da Educação do Hábito.

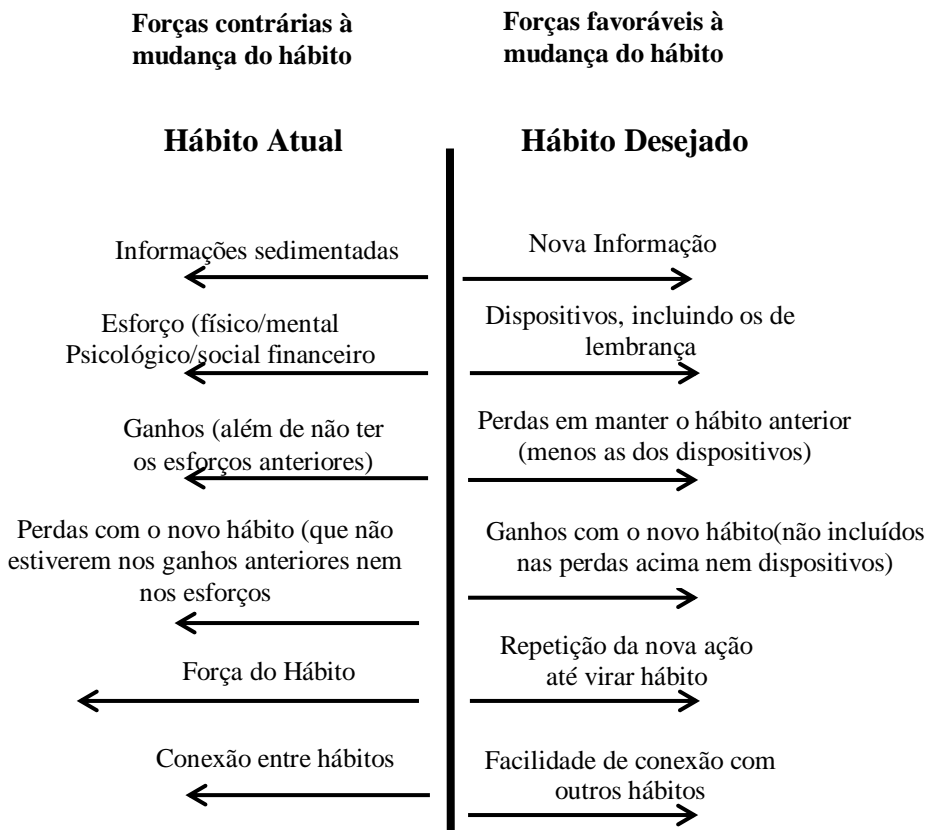


Fig. 10 - Diagrama de Forças pela Educação do Hábito

A conscientização significa buscar resolver um problema humano com uma técnica simples. Mas o animal mais complexo de todos, o homem, não pode ser gerenciado ou moldado somente com o processo de conscientização.

Vamos aos outros elementos da Educação do Hábito que visam tornar mais eficiente a própria conscientização, antes de entrar na aplicação.

19.1.Sistemas, Dispositivos e Comportamento

Outra teoria, e seus respectivos modelos gráficos, que utilizamos para a Educação do Hábito foi a Teoria de Sistemas, por se tratar de uma forma mais completa e mais estruturada cientificamente no mapeamento de componentes, do fluxo e da dinâmica das mais diversas estruturas. A aplicamos no mapeamento da estrutura do hábito e também da estrutura da Educação do Hábito.

As bases da teoria geral de sistemas (TGS), da teoria de sistemas (TS) e da cibernética são oriundas da física, da biologia, da fisiologia e até da filosofia. No campo da física, sua melhor representação se deu através dos estudos da energia térmica, cujo campo maior é a termodinâmica; da biologia e da fisiologia advém o estudo dos organismos e do funcionamento

do corpo. Antes de Bertalanffy e Wiener, conhecidos por Katz e Kahn, Optner, Mèlèse (e tantos outros) como precursores da administração por sistemas, os sistemas já eram estudados por Willard Gibbs (física), Claude Bernard, Walter Cannon e Lawrence Henderson (biólogos e fisiologistas). Entretanto, Bertalanffy e Wiener aprofundaram os estudos de formas diferentes, e souberam traduzi-los para uma linguagem mais simples e acessível aos profissionais das ciências sociais e humanas⁴⁵.

Nos sistemas abertos, existe a interação com outros sistemas, o que quer dizer que o sistema recebe dados, informações, energia ou matéria, trata tudo isso em conjunto com os elementos que já estavam em seu interior e, finalmente, permite que saiam informações, energia e materiais processados para o ambiente externo à sua operação, ou para os outros sistemas.

"O abridor de portas automático fotoelétrico, Quando uma mensagem constituída pela intercepção de um raio de luz é enviada ao aparelho, faz funcionar a porta, abrindo-a para que o passageiro possa passar. ... Uma ação complexa é aquela em que os dados introduzidos, (a que chamamos de *entrada*) para obter um efeito sobre o mundo exterior - efeito a que chamamos saída - podem implicar um grande número de combinações. Combinações dos dados

⁴⁵ Para uma visão sócio-econômica da origem e evolução dos Sistemas, ver: EXTON Jr., William. *The Age of Systems – The human Dilemma*. ASU, American Management Association, 1972, p. 55-57.

introduzidos no momento com os registros obtidos de dados anteriores armazenados, a que chamamos memória, e que estão registrados na máquina."⁴⁶

Essa dinâmica caracteriza o modelo mais simples de sistema aberto, bastante conhecido e utilizado nas diversas formas do conhecimento:

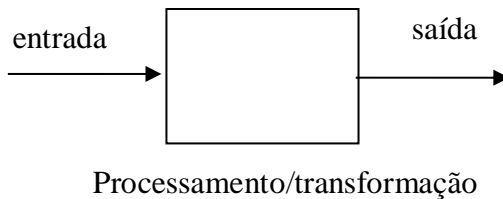


Fig. 11 - Modelo Simplificado de Sistema Aberto

Diante da citação de Wiener, na língua inglesa, as entradas são chamadas *inputs* e as saídas, *outputs*. Essa movimentação, no caso das organizações humanas, deve ser vista de forma ampla. Os recursos humanos de uma empresa podem ser considerados *inputs* ou entradas, como recursos necessários à consecução do serviço, assim como ferramentas de processamento com até mesmo saídas, dependendo do sistema

⁴⁶ WIENER, Norbert. Cibernética e Sociedade. Op. Cit., p. 23.

em questão. No ambiente de produção, Slack⁴⁷ caracteriza o elemento humano como entrada (recursos de transformação).

Os sistemas tendem a manter seu equilíbrio. A essa tendência chama-se homeostasia⁴⁸. Ela ocorre quando o sistema dispõe de mecanismos de retroação ou retroalimentação (*feedback*) capazes de restaurar o equilíbrio que fora abalado. Entretanto, existem diversas formas de se entender e conceituar a homeostasia que são pouco exploradas, e fora extrapolada para as organizações apenas a relação com o *feedback*. Esse conceito de homeostasia, como tendência ao equilíbrio, pode ser transportado para as organizações e para as pessoas de formas diferentes, mesmo por que, ele se apresenta, pelo menos, de três maneiras:

- Internamente ao sistema:
- Através de mecanismos reguladores ou de controle (Cannon);
- Por questões de fluxo (Henderson); e
- Externamente ao sistema⁴⁹
- Pelo controle das saídas (Wiener)

⁴⁷ SLACK, Nigel, CHAMBERS, Stuart, HARLAND, Christine, HARRISON, Alan e JOHNSON, Robert. Administração da Produção. São Paulo, Atlas, 1999, p. 34-35.

⁴⁸ CANNON, Walter B.. *The Wisdom of the Body*. New York, W. W. Norton & Company, Inc., 1939.

⁴⁹ Os precursores da cibernética consideram o controle um mecanismo próprio do sistema.

O planejamento da mudança ou construção do hábito levará em conta o conceito de homeostasia e sua forma.

Cannon indica que a presença de parâmetros estáveis mensuráveis implica a presença de sistemas homeostáticos. Ele considerava o processo homeostático de dentro de um sistema. Com outra abordagem, Lawrence Henderson estudou a capacidade redutora do (próprio⁵⁰) sangue: as interações entre os componentes bastavam para conferir estabilidade sem um mecanismo de regulação separado. É o caso do equilíbrio pelo próprio fluxo do processo.

O equilíbrio pelo fluxo é um dos maiores inimigos para a retirada de maus hábitos. Pois uma sequência de hábitos é um fluxo. Por exemplo: acordar, tomar um café e fumar um cigarro. Tirar o cigarro não é difícil somente pelo cigarro, mas também pelo fluxo, uma vez que tira-lo gera um desequilíbrio no sistema. O desequilíbrio gera uma segunda insatisfação (a primeira é a retirada do próprio cigarro). Por isso é necessário reduzir esse desequilíbrio, pois quanto maior a insatisfação (desequilíbrio) na retirada de um mau hábito, mais difícil será muda-lo, uma vez que as pessoas buscam a satisfação.

Mexendo na sequência dos hábitos, no fluxo, a insatisfação será menor do que se mexermos somente no hábito

⁵⁰ Adendo do autor, para melhor compreensão.

ruim. Nossa melhor ação será sempre, então, mudar a corrente, ou o fluxo, ou colocar outro elo na corrente, no lugar do que tiramos, e tantas adaptações e combinações quantas forem necessárias.

Finalmente, Wiener trabalhou continuamente com o conceito de homeostasia no homem e nas máquinas como um mecanismo externo ao sistema, quer dizer, através do controle das saídas do sistema e da realimentação (*feedback*) do mesmo, pela modificação das entradas.

Agora já podemos conectar a educação do hábito com a teoria de sistemas.

Segundo Chester Barnard⁵¹, "... pessoas decidem se entrarão ou não num sistema cooperativo. Essa escolha será feita na base de (1) propósitos, desejos, impulsos do momento e (2) as alternativas externas ao indivíduo, por ele reconhecidas como aproveitáveis ou úteis." O micro sistema homem ou humano, a partir dos conceitos anteriores, e para a Educação do Hábito, terá a seguinte configuração:

⁵¹ BARNARD, I. Chester. As Funções do Executivo. São Paulo, Atlas, 1971, p. 48.

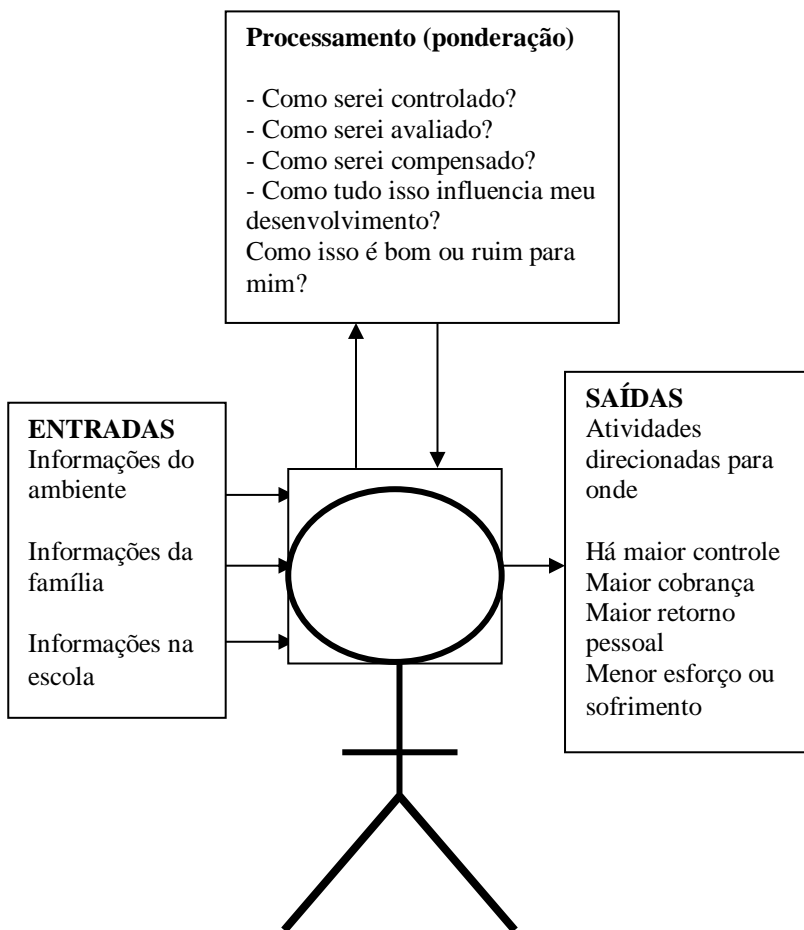


Fig. 12 - O Micro Sistema Humano⁵²

Poderiam ser descritos vários outros sistemas acoplados a este, como o sistema de valores, o sistema cognitivo, o motor,

⁵² Adaptado de: MOSSO, Administração e Modelos de gestão. Rio de Janeiro, HP Comunicação, 2006.

no caso do sistema de Beer etc. Mas para que a Metodologia da Educação do Hábito tenha maior eficácia, retorno, capilaridade, alcance, entendemos que é preciso simplificar.

Como é possível perceber, o estudo do hábito pelo prisma de sistemas ganha corpo científico e dá mais consistência ao processo Educação do Hábito, servindo tanto aos dispositivos quanto a todo planejamento da mudança ou construção do hábito. Explicando de forma mais clara, tanto para o bom quanto para o mau hábito, identificamos as entradas necessárias ao processo de mudança, o processo de tratamento das informações e ponderações pela mente humana, e a saída é a própria mudança do comportamento ou qualquer outro estágio anterior, como a motivação, a primeira ação ou a repetição. Diferentemente do Sistema de Forças, o Micro Sistema Humano nos fornece a ideia de fluxo dinâmico, momento das ponderações e nos permite identificar outras entradas (insumos) que interferem no hábito a ser estudado.

19.2.Dispositivos

Se não conseguirmos mudar o indivíduo, internamente, poderemos mudá-lo externamente. Ele pode agir positivamente mesmo sem pensar positivamente, através da indução, da

dedução (inteligência), da coação, da imitação. Naturalmente, com o passar do tempo, tal novo e positivo hábito poderá despertá-lo sobre outras ações relevantes, porém o mais importante é que precisamos mudar agora seu comportamento. A mudança externa não exclui o processo interior de mudança, só visa um comportamento necessariamente imediato; precisamos que ela jogue lixo no lixo hoje, agora; que ele estude hoje. E, paralelamente, trabalhamos o hábito de pensar verdadeiramente na natureza, o hábito de gostar de estudar etc.

Os sistemas têm níveis de complexidade. Os dispositivos também, mas na Educação do Hábito precisam ser menos complexos para a pessoa objeto da mudança. Quer dizer, uma Lei pode ser um dispositivo (intangível). Mas se ela não for clara, será difícil de entendê-la, logo, de cumpri-la em suas determinações.

A simplicidade é uma necessidade para a eficácia do dispositivo.

Os sistemas nos permitem dar continuidade aquilo que é bom, e aquilo que é mau também.

Dispositivo: é um instrumento, uma ferramenta. Assim, para nosso uso, é algo tangível ou intangível que utilizamos para

determinado fim. E por se tratar de uma ferramenta, é padronizado e fácil de ser descrito.

Um dispositivo não funciona como um sistema, mas como a mente interage com o dispositivo sim, esse processo funciona como um sistema.

A base para a criação dos dispositivos é: o aumento da esforço na tentativa de se praticar o mau hábito (esforço físico, psicológico, social ou financeiro), logo o balanço de compensações (premiações, punições) consequentes, como visto nas referências sobre o hábito.

Exemplos de dispositivos:

- Físico – a barreira (divisória por muro, cerca, jardim) que obriga o pedestre a atravessar na faixa;
- Psicológico – um aviso oral ou escrito que irá operar um dilema pessoal entre certo e errado (a conscientização foca essa esfera, bem como o dispositivo social);
- Financeiro – multa atrelada ao descumprimento de uma norma;
- Social – um simples reconhecimento público por um ato verdadeiro de bondade.

- Misto (físico, social, psicológico) – câmera de filmagem, com aviso de que está sendo filmado, identificados o tipo de proibição e a penalidade.

A eficácia do dispositivo está ligada à simplicidade e clareza, como dissemos, mas também à padronização e à sua capacidade de perpetuação. Um aviso oral tem maiores chances de se perpetuar se ele for gravado e programado do que quando depende da lembrança do professor. Chamemos a característica do dispositivo de se perpetuar de consistência; dispositivo consistente é o que permanece por mais tempo.

Um aviso em vermelho escrito ou um desenho de “proibido o uso de celulares” junto ao quadro branco na sala de aula sempre será visto pelos alunos, enquanto o aviso oral, além do professor esquecer ou se cansar de falar, nunca seguirá um padrão, pois o professor Paulo pode falar: “ – É proibido falar no celular!”, enquanto a professora Maria diria: “- Não pode usar celular aqui, nem para passar mensagens. Por que vocês não podem abrir um jornal na minha frente durante a aula, mas podem ficar lendo notícias no celular? É a mesma falta de educação com quem está falando com vocês.”

A professora Maria certamente foi mais eficaz que qualquer cartaz, mas ela é minoria entre professores. Os

dispositivos também precisam ser pensados de acordo com as características dos educadores, dos alunos e do ambiente.

Resumindo algumas características que devemos buscar na criação de dispositivos: simplicidade, clareza, consistência, padronização, independência da interferência dos educadores, após implementação, lembrando que sempre quando os professores e administradores escolares julgarem o dispositivo ineficaz ou obsoleto, ele poderá ser modificado ou mesmo descontinuado.

20.Os Hábitos da Educação do Hábito

Seguindo os capítulos anteriores, ou seja, os que mostraram hábitos relacionados com o IDF – Índice de Desenvolvimento e Felicidade (PIB per Capita, IDH, Felicidade Mental e Percepção da Felicidade), seguem os hábitos iniciais a serem utilizados na Metodologia da Educação do Hábito. Entretanto, todo e qualquer hábito saudável pode e deve se utilizar da Educação do Hábito.

A sociedade em foco

Cada sociedade deve ter as soluções de que necessita. Dessa forma, não adianta pensar em coletas mecanizadas para uma cidade desorganizada. Não há como uma população pobre comprar dispositivos caros de preservação do meio ambiente. Não é possível falar de desperdício de água para quem não a bebe. Cada local, cada comunidade, cada cidade tem características particulares que devem nortear as ações.

Cada professor ou professora, cada pai ou mãe, pode aplicar nos hábitos que julgar mais importantes. Entretanto, pelos estudos anteriores que fizemos e pelas pesquisas de outros cientistas, listamos abaixo os mais relacionados com a felicidade individual, coletiva e com o desenvolvimento da nação. Julgamos por isso que estes devem ser os primeiros para a Educação do hábito. Novamente, porém os educadores da situação é que têm a melhor percepção para identificar os hábitos objetos de análise.

Verificaremos algumas repetições, mas explicaremos imediatamente.

Hábitos relevantes à felicidade individual, coletiva e ao desenvolvimento do país:

- Produzir / trabalhar / fazer bem feito / sentir-se útil / realizar
- Pesquisar corretamente / conectar informações / planejar / organizar / se organizar
- Exercício físico / exercício mental
- Família e Amigos: sociabilizar / comunicar / relacionar / respeitar / confraternizar / compartilhar / o hábito do convívio pais e filhos
- Pensar / observar / perceber / ouvir / planejar / organizar / realizar
- Exercitar a paciência
- Autocontrolar
- Higiene / assear
- Pensar no longo prazo
- Visão consequente
- Ensinar / aprender
- Estudar / juntar informações / e ter um ganho

O leitor deve perceber que alguns hábitos se repetiram; também foram colocados junto àqueles com os quais formam uma corrente ou sequência. Assim, mais uma vez, num

momento de priorização, atacando o último da sequência, seremos forçados a estudar e melhorar toda a sequência para termos efetividade.

Evitamos as vírgulas também exatamente para mostrar que cada um tem sua importância, todos devem ser atacados, estão apenas relacionados.

Adaptando o diagrama de Venn anterior a alguns hábitos, conseguimos ver agora a interseção de hábitos, através do exemplo a seguir:

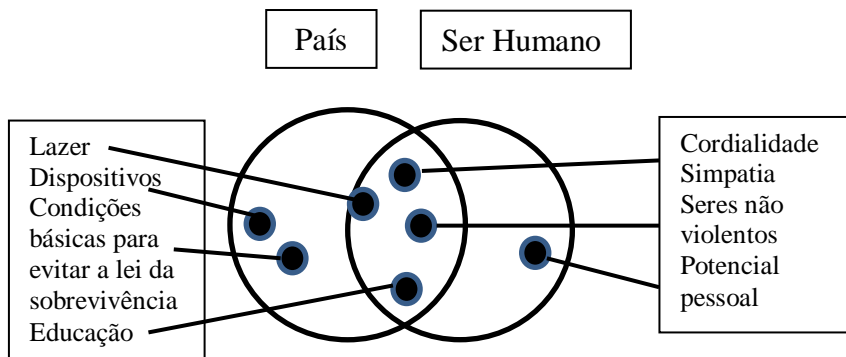


Fig. 13 - A interseção entre país e ser humano para a felicidade

Se tivermos de priorizar, por escassez de tempo ou recursos, a interseção será nosso alvo, uma vez que estaremos

beneficiando tanto o indivíduo quanto o coletivo com os hábitos da interseção.

Pessoas Vira-Latas

Não há nada de mais em ser um vira-latas; assim como jogam um cachorro pela janela de um carro, abandonam uma criança na lixeira. Ambos terão de lutar para sobreviver. E é muito difícil desconstruir o hábito do vira-latas, que come tudo porque não sabe quando comerá novamente, que fica sempre até o final da festa e tem de comer e beber tudo que conseguir, pois talvez em dez anos não verá festa igual.

Me lembro nitidamente de quando eu era um garoto Zona Sul e via aquele bando de suburbanos correndo para pegar um lugar no metrô, e dizia comigo mesmo: “- Cambada de mal-educados.”

Até que por força da vida, fui morar no subúrbio. E morava perto do metrô.

Primeiro dia de trabalho, saí de casa com a antecedência prudente para não me atrasar e finalmente estava na plataforma a esperar a composição para o centro da cidade. Quando chegou, não era possível entrar, pois já estava muito cheia. “- Vou esperar o próximo”, pensei. E aqueles mal-educados ao meu lado começaram a pular e a socar os que já estavam dentro. E entravam. Meu pai!

Esperei o segundo trem, o terceiro... Só embarquei no sexto.

Naturalmente cheguei atrasado ao trabalho.

E assim era todo dia.

Então, comecei a empurrar delicadamente no quarto trem, depois a empurrar mais para entrar no terceiro. E ainda chegava atrasado.

Finalmente comecei a socar e a empurrar para chegar na hora e conseguir dormir mais um pouco. Os espaços eram disputados, e vi cenas jamais imaginadas, como velhinhas dando cotoveladas.

Um belo dia, saindo da zona Sul em direção ao Centro, o trem estava um pouco mais vazio, pois quem mora na zona sul não sabe o que é sufoco.

Assim que se abriu a porta, saí correndo para pegar o lugar. E consegui. Ufa!

Ao mesmo tempo em que relaxava com um breve sorriso de “consegui”, este saía da minha face, pois em um segundo eu percebera tudo. Toda a minha anterior falta de conhecimento. Quebrara todos meus conceitos do que era a educação e de como ela se formava; de como o meio era mais forte que muitos conselhos.

Meu Deus, o que eu fiz? Sou um sobrevivente; sou um vira-latas.

E não fui deixado na lixeira.

Imediatamente dei o lugar a um “mais fraco”.

Mas jamais seria o mesmo. Percebi o equilíbrio entre consciência e sobrevivência no processo da educação. É muito mais que sala de aula o desenvolvimento de um país. E me senti um analfabeto da vida; de que valeu o conhecimento se não consegui manter meu comportamento anterior? Pior: se não pude evitar a injustiça?

21.Educação do Hábito – Execução do Modelo

“(...) Rezei, de verdade, para que pudesse esquecer-me, por completo (...) limitações, preconceitos, escolas literárias, doutrinas (...) e conforme aquele sábio salmão grego de André Maurois: um rio sem margens é o ideal do peixe. (...)”

Fragmento da carta de João Guimarães Rosa a João Condé, revelando os segredos de (seu livro) Sagarana.

São inúmeras as situações nas quais se encontram os responsáveis por criar bons hábitos em indivíduos, em famílias, em uma nação. Nem sempre conseguiremos o ótimo e nos contentaremos com o bom. Por isso criamos nosso modelo ideal a que denominamos modelo abrangente ou simplesmente Metodologia da Educação do Hábito e o modelo básico ou Metodologia Básica de Educação do Hábito.

21.1. Metodologia da Educação do Hábito – o Modelo

Todo estudo, ao seu final, deve nos levar à uma direção, ou à uma contribuição. Abaixo está a direção que resolvemos tomar:

1 – Hábito - Identificação e descrição completa do Hábito desejado e do hábito antagônico;

2 – Forças - Mapeamento e estudo das Forças;

3 – Sistema - Mapeamento no Micro Sistema Humano;

4 – Análise - Análise das informações geradas pelos itens anteriores;

5 – Responsabilidade e Prazo - Definição dos prazos e do responsável por toda a implantação;

6 – Solução e Execução - Construção dos meios para a mudança do hábito e do sistema de perpetuação e implantação; e

7 – Controle - Criação do mecanismo de controle (verificação permanente) e de continuidade.

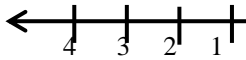
Justificaremos nossas escolhas e as explicaremos.

1 - Como primeiro passo, o hábito deve ser descrito de forma completa e com precisão, pois muitas reuniões são tempo perdido quando discutimos o que não está bem definido. Assim, o hábito, por exemplo, de planejar não significa o mesmo que

planejar estrategicamente e pode ser um planejamento de curto, médio ou longo prazo. Criar o hábito de planejar seria basicamente de analisar informações, definir os objetivos e como atingi-los. O planejar estrategicamente é tudo isso, mas também prevê o que pode dar errado e assim nos direciona para a criação de um plano B.

2 - A identificação e a análise das forças devem ser cuidadosas ao ponto de evitar duplicidades e estimar corretamente o peso de cada uma. Preguiça de abrir a mochila para estudar seria uma duplicidade com a preguiça de pegar o material. É apenas uma força. Entretanto o esforço para fazer algo pode ser financeiro, físico ou psicológico. Se a pessoa precisar realizar esses três tipos de esforço, serão três forças que precisarão estar no modelo de forma distinta. Importante também é que o esforço financeiro pode ser pequeno (comprar uma caneta por R\$ 2,00) e o esforço físico grande (ir até o outro lado da cidade para me inscrever no curso). Naturalmente precisam ter pesos diferentes. A sugestão que oferecemos é trabalhar com pesos de 1 a 4, sendo 4 para maior peso e 1 para menor. Ao final, somaremos os pesos de todas as forças de ambos os lados e trabalharemos para vencer o novo e melhor hábito, aumentando ou reduzindo forças ou pesos. Por exemplo, podemos reduzir o peso do esforço físico para a inscrição, fazendo uma parceria com outra instituição para receber as

matrículas proximamente ao cliente, assim como aumentar o esforço financeiro para o mau hábito, aumentando a multa por determinada infração etc.



3 - No mapeamento através do Micro Sistema Humano, respondemos primeiramente à pergunta: do que precisamos para realizar o hábito antigo e o novo? São as entradas do sistema. Podem ser coisas materiais, intangíveis, intelectuais. Qualquer coisa de que necessitamos deverá ser identificada. Os itens que estão no processamento também nos ajudam a responder a essa pergunta. Pode ser necessário entender como tudo se processa na mente da pessoa objeto da mudança do hábito. Por fim, identificamos o que sai do sistema e o que gostaríamos que saísse dele, que também poderá nos dar mais informações sobre entradas necessárias e o processamento. Alguns pesquisadores preferem começar pelas saídas, para depois pensar no que precisamos para oferecer tais saídas. Por exemplo, quero oferecer um curso de bons hábitos para o motorista de carro. Essa saída, ou resultado pretendido, nos direcionará para primeiro identificar quais são os bons hábitos na direção, se precisamos de algum equipamento para isso etc. A análise completa formará o sistema ideal, caso ele ainda não tenha sido

mapeado durante o próprio estudo. Todas essas informações oriundas da análise do Micro Sistema Humano será incorporadas no diagrama de forças para a construção no hábito pretendido.

4 - Dependendo da complexidade do hábito a ser alterado ou implementado, essa etapa poderá demandar mais pesquisas. E elas precisam ser feitas. Se nos preocupamos tanto com o hábito da preguiça, não seremos nós a evitar tal esforço de busca por informações. Mais uma vez, é a hora da humildade: “ – Não sou especialista da área, então vou pesquisar ou chamarei o especialista para a reunião!”. De qualquer forma, mesmo que curta, como todas as outras etapas, é obrigatória. Esse é o momento em que juntamos todas as informações e as estudamos, conectadas. Não corremos, principalmente, na análise. Nessa fase, também é necessária a identificação da corrente de hábitos relacionados. Se o hábito que queremos formar é o hábito da realização, existem outros hábitos a este relacionados estreitamente. Quem realiza: observa, estuda, analisa, planeja, organiza, por vezes negocia e se move para a concretização do objetivo. Pode acontecer de percebermos a necessidade de parar momentaneamente o hábito em análise (realizar) para fazermos primeiramente o mapeamento completo do hábito anterior (estudar para um fim predeterminado) ao qual aquele está conectado. O efeito redundância e o tempo do ciclo

do hábito já podem ser levantados nesse momento, mas nos debruçamos profundamente neles durante a sexta etapa.

5 - A responsabilidade e o prazo são os pontos mais importantes quando pensamos em concretizar qualquer coisa. Queremos concretizar a mudança de um hábito. O estudo pode ter sido profundo e exaustivo, mas se não colocar o nome do responsável e o prazo (e os subprazos quando necessários), nada acontecerá. Ele está como quarto passo porque normalmente somente depois de conhecermos um grupo de informações saberemos qual pessoa é a mais indicada para a missão assim como teremos uma ideia melhor de quanto tempo levará. Por vezes a definição é óbvia e poderá ser feita logo no início da metodologia da Educação do Hábito.

6 – Solução e execução. Essa metodologia segue um modelo. O que faz um modelo ser eficaz é a clareza e a priorização nos pontos críticos para o sucesso. Estamos explicando, por exemplo, por que evitamos a palavra planejamento no modelo. Porque alguns inserem a análise no planejamento, outros, a própria solução. Quer dizer, planejar tem várias definições. A ideia é evitar a discussão de doutrinas, impedindo, conseqüentemente, a perda do foco, que é um só: a melhoria dos hábitos.

Por isso, tendo sido concluída a análise, o grupo estará pronto para a formulação da solução, usando o diagrama de

forças em detalhes e cada força com seu devido peso. Se a definição dos pesos dificultar o consenso do grupo, melhor partir para uma avaliação geral de cada participante, cujo fim será nitidamente que é muito mais forte o lado para a mudança do hábito que o lado para a permanência do hábito anterior. O muito mais forte foi intencional, pois, pela força que tem o hábito, numa situação de equilíbrio, a tendência é a permanência do comportamento atual. Não podemos ser otimistas nesse momento; como vimos na pesquisa sobre conscientização, estar consciente é algo muito distante de executar um ação por causa dessa consciência; saber não é fazer. Quem faz a hora é quem está acostumado, habituado, a agir. A canção é bonita, mas longe da frieza da verdade.

Pode haver desta vez, e somente desta vez, uma alteração no prazo de início da operação, pois a solução encontrada pode ser por demais complexa. Mas dificilmente esse atraso passa de um mês, se já iniciado o período letivo.

A análise dos hábitos relacionados ou conectados ao hábito em estudo, desenvolvida na etapa quatro, precisa ser colocada em questão nesse momento (análise do fluxo de hábitos), pois interfere na solução.

Outro ponto crítico de sucesso é a definição da redundância. Esse é o termo científico utilizado em sistemas para a repetição de uma ação. Assim, é necessária a definição de

quantas vezes minimamente será necessária a nova ação para que ela se torne verdadeiramente um hábito. Essa definição não é fácil. Existem pesquisas específicas para isso. Mas sempre que houver a possibilidade do uso de dispositivos, eles próprios se encarregarão da repetição, logo, da formação do hábito. Outro fator dentro da redundância é o ciclo do comportamento analisado; o hábito de tomar café se dá toda manhã, o hábito de caminhar até a praia normalmente não. Quer dizer que o hábito de pedir licença ao sair da mesa do café se repetirá toda manhã) se corretamente utilizado o método de Educação do Hábito, enquanto que o hábito de caminhar até a praia atravessando somente na faixa de pedestres pode ser repetido somente quatro vezes num mês, o que o torna um hábito mais difícil que o anterior de se instalar na pessoa. Quer dizer, análise da redundância e do ciclo afetarão a solução para o novo hábito.

7 - A próxima etapa não necessita ser obrigatoriamente a próxima; pode ocorrer simultaneamente a etapa seis, por outro ou pelo mesmo grupo tarefa. Como todas as outras, também é de vital importância, e sua finalidade é verificar se a solução encontrada está obtendo sucesso, indicar adaptações necessárias e promover a continuidade do processo de melhoria, para que tal não dependa de novos gestores ou coordenadores. O controle do hábito do desperdício de água pode ser através dos medidores ou da conta d'água, mas outros hábitos demandarão observação

estruturada através de guias de controle. Não basta fazer, precisamos ter certeza, através do controle, que fomos eficazes e que conseguimos melhorar nossos alunos, filhos e cidadãos. A sistematização ou continuidade do hábito pode ser feita através de manuais, construção de normas e até compra de equipamentos. Por exemplo, como uma instrumentadora cirúrgica se habitua a organizar os materiais de cirurgia na bandeja? E como ela nunca mais erra? Através de uma bandeja específica que tem o encaixe de cada instrumento, impedindo que um seja colocado no lugar do outro. Isso também é o controle e a sistematização através de um dispositivo.

Então usamos aqui a mais completa definição de controle, que: identifica problemas, corrige e sistematiza a solução para os erros não repetirem.

Naturalmente, os primeiros dias de implantação são críticos e durante os mesmos todos os elementos planejados precisam funcionar perfeitamente e em harmonia. É o período de vigília atenta.

21.2.Exemplo do Modelo

Pedimos a uma pessoa isenta e isolada do estávamos fazendo que escolhesse um hábito importante a ser criado e depois que detalhasse tal hábito para nós. Que identificasse o hábito contrário ou a ausência do hábito inicial e que também

detalhasse. O pessoa foi o professor Danilo Silva. Pedimos também que o fizesse de forma rápida e com as palavras que viessem à mente.

O resultado foi utilizado para todo o exemplo a seguir:

Início Etapa 1- Hábito

Hábito: estudar

Descrição: pegar material. Colocar no local adequado e com caneta etc., começar a ler/observar, identificar a melhor forma de estudo, iniciar, ... durante (fazer adaptações, se necessário), verificar o que foi aprendido, verificar como nunca mais esquecer, praticar.

Hábito: não estudar

Descrição: não pensar no assunto “estudar”, não se interessar em saber qualquer coisa, informações temporárias/superficiais para passar adiante e ser a pessoa que parece sabida, parecer ... se cansar ao ler, cansar ao conectar ideias.

Pausa e direcionamento- etapa 1

Percebe-se que esse simples exercício, feito por apenas uma pessoa, já mostra inúmeras saídas para a criação ou facilitação do hábito que desejamos. Surpreendentes também são as informações na descrição do não hábito ou do hábito

ruim; como nos ajudam nessa tarefa. Pegando como exemplo a última frase “cansar ao conectar ideias”, sabemos que alguns leitores nesse exato momento já estão pensando em todo um conjunto de exercícios a serem implementados amanhã aos nossos alunos.

Sugerimos para essa etapa o máximo de cinco pessoas, fazendo o exercício em silêncio e individualmente. Após terminarem, cada um lerá o que escreveu e ao final abriremos apenas dez minutos para uma conversa entre todos. Depois das explicações e opiniões, o moderador ou administrador escolar definirá o que ele(a) irá priorizar como definição/descrição ideal. Priorizará, não eliminará as demais sugestões.

Início Etapa 2- Montagem do Diagrama de Forças

Direcionamento

Percebemos, na experimentação da Metodologia da Educação do Hábito, que é importante também seguirmos uma sequência na construção do diagrama de forças.

O lado esquerdo do modelo, do hábito atual, deve ser feito todo antes de partirmos para o lado direito. Isso facilita o andamento da reunião, quando for o caso, e a descrição de cada força, reduzindo confusões e influências indesejadas entre elas.

Informações Sedimentadas

O levantamento das informações sedimentadas (primeira força), é feito antes de qualquer outra força do mesmo lado. Elas são coletadas dos alunos (ou filho). Não podem ser as opiniões dos professores da reunião. Não achamos e não sabemos de muitas coisas do mundo dos alunos, por isso precisamos saber as informações deles, por que é isso que importa, até mais do que a verdade, para a mudança real do hábito. A verdade do aluno é que faz o hábito do aluno. Assim, em sala de aula, pediremos que os alunos escrevam num papel, sem se identificarem, por que fazem tal coisa. Deve-se frisar que não é para colocar o nome e que é importante que respondam com toda a sinceridade, mesmo que sejam coisas bobas.

Em seguida as informações serão analisadas, resumidas, com o cuidado de não tirarmos nada de importante, e são colocadas no campo “informações sedimentadas”.

Esforço

Depois, através das informações sedimentadas e de outras levantadas pelos professores, preenchemos a força “esforço”, que como visto, dividiremos em: físico, mental, psicológico, social e financeiro.

Entretanto, ATENÇÃO: tivemos de fazer uma adaptação nessa força e isso eventualmente gera alguma confusão. Se os

hábitos estão mais relacionados ao mínimo de esforço, pois é isso que o ser humano busca, quanto menor o esforço para a prática de um hábito, mais difícil será muda-lo, às vezes para outro hábito que exige maior esforço. Quer dizer, nessa força, teremos de trabalhar de maneira inversa, pois estamos tratando do hábito atual e não do pretendido. Assim, QUANTO MENOR FOR O ESFORÇO, MAIOR SERÁ O PESO, quer dizer, maiores as chances dele manter o hábito anterior. Veremos por que isso não se aplica ao hábito desejado.

Repetindo, por exemplo, se não é feito por parte do aluno nenhum esforço, de qualquer tipo, para a manutenção do hábito atual, devemos colocar peso 4 ou 3, dependendo da discussão entre os professores, pois estaremos aumentando a pontuação das forças contrárias à mudança do referido hábito.

Outro elemento que deve entrar na análise nesse momento é a inércia.

Inércia x Preguiça

Inércia não é a mesma coisa que preguiça. Utilizamos aqui o conceito da física, que é: a tendência da manutenção de um movimento, considerando-se que não há atrito. Como exemplo, é necessário um esforço para levantarmos da cadeira, quando a nossa inércia é estarmos sentados. Entretanto se estamos andando, essa é a nossa inércia, o movimento que está

ocorrendo. Para quem está andando é muito mais fácil atender ao chamado do professor para ir ao quadro do que para quem está sentado. Entretanto se a ação requerida for parar, quem está andando realizará um esforço maior do que quem está sentado.

Na avaliação esforço (físico ou mental), precisamos analisar a inércia do referido aluno ou filho, que influenciará no peso final que daremos a essa força (esforço).

Por isso também é tão importante acostumarmos nossos alunos com ritmo forte. É inercial. Se ele teve um ritmo forte no fundamental, estará acostumado, será mais fácil encarar os novos desafios, manter o número de horas dias ou aumentar um pouco. Quer dizer, para o aluno mais fraco, o esforço não é só o de estudar, mas principalmente vencer a inércia do ritmo fraco dos anos anteriores; ele nunca ficou todo dia uma hora sentado, por isso não aguenta. A inércia aparece de várias formas, mas para facilitar, podemos pensar em duas coisas: nosso movimento/direção atual e o nosso costume, como se fosse inércia de curto e de longo prazo.

O volume de esforço mental a ser acrescido em cada idade já é um estudo a parte, mas teremos de pensar nisso, e rapidamente, pois o ritmo dos alunos dos países desenvolvidos é superior e se não quisermos imita-los, teremos de dar outra solução para o nosso desenvolvimento. Qual seria?

Mais uma vez, em relação à análise do esforço físico, é preciso considerar todos os movimentos, mesmo que pequenos. Por exemplo, se nosso filho tem aula de violão, mas não pratica em casa, pode ser simplesmente por que a capa do mesmo é ruim de abrir e também para guardar depois. Como vimos a mente pondera tudo e isso cria o hábito. É por isso que alguns pais preferem arrumar tudo para o filho que manda-lo fazer, alguns pais. Pois sabem que se obrigarem o filho a arrumar, jamais abrirá a capa do violão novamente. Como sabemos, dessa forma, os pais também estarão criando o mau hábito da desarrumação, da desorganização. Solução melhor seria ele todo dia ter de arrumar suas coisas, e colocarem o violão num suporte e a capa guardada no armário. Assim ele teria menos esforço para treinar o violão e ainda estaria arrumando suas coisas todos os dias.

Todo movimento deve ser levantado e colocado na análise do esforço. No esforço mental também. Os outros são mais fáceis de perceber pela análise das “informações sedimentadas”.

Ganhos

Nos “ganhos”, dizemos que não podemos neles inserir o “esforço” anterior. Caso contrário, seria duplicidade de forças. E virar a menina mais desejada da escola ou o menino mais corajoso é muito mais que simplesmente ter colegas e brincar no

recreio. Mais uma vez a importância das informações sedimentadas serem dos alunos e não dos professores. Nós já passamos pela fase do reconhecimento pelo sexo oposto bem como já conquistamos muitas vitórias e conseqüentemente muitos elogios. Eles estão no meio da tempestade da juventude, da qual não temos mais a mesma percepção.

“*Perdas com o novo hábito* (que não estiverem nos ganhos anteriores nem nos esforços)” funciona da mesma forma. Pode haver outra perda, que não apareceu nos itens acima, ou até que poderíamos incluir em “esforço psicológico ou mental”, mas que merece um destaque, que faz toda a diferença, e se não colocarmos estaremos subestimando a força do hábito antigo como um todo. Por exemplo, se eu não fizer isso com meu amigo, ele poderá tentar suicídio. Como desconsiderar isso? O campo (a força) existe exatamente para nós podermos identificar algo importante. Logo, se identificado, pode ser tratado, resolvido, amenizado.

A “*Força do Hábito*” deve ser analisada de forma geral. Mas dependendo das divergências entre os professores na reunião, pode ser necessária uma observação estruturada ou até experimentos (conclusiva causal). Por vezes um professor diz

que é um hábito fraco e outro, que é forte. O consenso deverá chegar o mais perto da verdade.

A “*Conexão entre Hábitos*” está aqui exatamente para não influenciar (muito) na força anterior (Força do Hábito). O que não quer dizer que não possamos mudar o campo anterior depois do exame deste. Pois como vimos, a conexão entre hábitos tem relevância na modificação dos mesmos, pela associação e movimento de fluxo. Se fizermos a análise conjuntamente entre essas duas últimas forças, para evitar a duplicidade, basta tirarmos o que elas têm em comum. Por exemplo, esse hábito é muito forte porque está conectado com dois outros hábitos fortes e que obedecem sempre à mesma sequência. Quantos pontos para essa relação? Dois pontos (peso). Então façamos assim: A força do hábito estava em 4. Passemos 2 pontos para a conexão entre hábitos, e a força do hábito cai para 2, para não haver duplicidade. Finalizando: Força do Hábito 2; Conexão entre Hábitos 2. Por que não colocarmos tudo na “Força do Hábito” e tirarmos a “Conexão”? Por que dessa forma deixaríamos de perceber que a conexão é um problema importante na mudança do hábito.

*Continuando o Exemplo(hábito: não estudar) -
Finalizando o lado esquerdo*

Informações Sedimentadas (levantadas com os alunos – através das perguntas: Você gosta de estudar? Por que?): Estudar cansa. Estou bem assim. Vou ter de arrumar a casa toda para conseguir estudar. Se eu estudar vou parecer CDF (estudioso/nerd). Estudar é chato. Sinto sono. Eu gosto porque é bom saber das coisas. Estudo porque minha mãe me obriga. Gosto de jogar bola. Não tenho lápis nem papel. Na minha casa é impossível estudar, é muita briga. (peso 2 – informações relevantes, mas muitas estão equivocadas e poderiam facilmente ser esclarecidas aos alunos).

Esforço (para estudar, lembrando que aqui, mesmo se tratando da coluna esquerda, é analisado o hábito desejado (coluna direita)).– Esforço mental (pensar, raciocinar); esforço físico (organizar, achar o material (organizar o material e o lugar, achar o material)); esforço financeiro (comprar material básico). (peso 3 – esforço de médio a elevado, principalmente para quem não teve base e nunca estudou (inércia)). Quer dizer, quanto maior o peso, maior a tendência de ficar no hábito antigo, pois ele terá de fazer muito mais esforço para mudar de hábito.

Ganhos (em não estudar) – Mais tempo para divertimento (tv, futebol, vídeo game, Internet, namorar etc). Ser o centro das atenções. Comer pastel na sala da diretoria. (Estamos na dúvida entre peso 2 ou 3, pois são ganhos consideráveis para o aluno).

Perdas com o novo Hábito – Não poder participar da Fanfarra (banda e festa da escola onde se tocam instrumentos musicais), pois o estudo seria no mesmo momento (das 15:00 às 16:00h). (peso 2 – porque a maioria dos alunos gosta muito da fanfarra).

Força do Hábito – Embora um hábito de inação, é difícil de mudar. (peso 3).

Conexão entre hábitos – não existem conexões aparentes ou relevantes, uma vez que se caracteriza pela inexistência de outro hábito (estudar). É um hábito de inação. (peso 1).

Estamos, assim, com essa imagem atual do diagrama de forças:

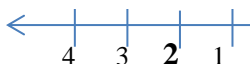
Forças contrárias à mudança do hábito

Forças favoráveis à mudança do hábito

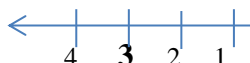
Hábito Atual

Hábito Desejado

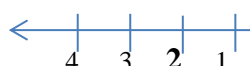
Informações sedimentadas



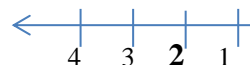
Esforço (físico/mental
Psicológico/social financeiro)



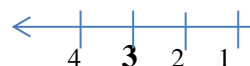
Ganhos (além de não ter
os esforços anteriores)



Perdas com o novo hábito (que não
estiverem nos ganhos anteriores nem
nos esforços)



Força do Hábito



Conexão entre hábitos



Total da força do Hábito atual: 13

Fig. 14 - Diagrama de Forças com Pesos

Passemos agora ao lado direito: o hábito que desejamos, mas sobretudo o lado das ações, do que iremos fazer realmente para mudar.

Posicionamento

Diferentemente do lado esquerdo, as informações que serão fornecidas aos alunos (**Nova Informação**) dependem de todas as forças do diagrama e de seu conteúdo. Ainda assim, será a primeira força a examinarmos bem como a primeira ação a ser realizada na maior parte das vezes, pois é o momento em que informamos sobre as perdas em não realizar aquele bom hábito, os ganhos, os dispositivos. Entretanto, alguns dispositivos não precisam de aviso ou nem mesmo devem ser informados. Por isso, eventualmente teremos de voltar à força “nova informação” para completar conteúdo. Temos de passar tudo que for necessário aos alunos visando a construção de um bom hábito.

A informação nem sempre será oral. O aluno, o filho, o cidadão, por vezes simplesmente perceberá algo diferente, e uma maneira necessária mas também diferente para atingir seu objetivo, como, por exemplo, beber água num copo (hábito novo) e não beber colocando a boca no gargalo da garrafa

(hábito ruim). O dispositivo simples e sem comunicação: uma jarra com a boca bem grande.

Em outros momentos, existe um hábito ruim por que a pessoa recebeu informações erradas, falsas, aumentadas etc. Logo, as novas informações têm de convence-la dos motivos pelos quais o novo hábito é bom, é melhor para ela ou é simplesmente necessário para o bem de todos, um bem maior.

Terminando a força “nova informação”, virão as demais forças, que são os motivadores e formadores não informacionais do novo hábito e a parte mais importante da Metodologia da Educação do Hábito, que como vimos e constatamos através de uma pesquisa específica, são mais importantes que a própria conscientização/informação.

Dispositivos: é a fase que depende do esforço de criatividade dos pais e professores (cada um em seu meio ou não). Os dispositivos visam facilitar o novo e bom hábito e dificultar o anterior ou ruim. Nesse momento, a reunião muda em seu manejo: formamos grupos pequenos (máximo de cinco pessoas), cada grupo simula o hábito bom e o ruim (como teatro é melhor que mentalmente), simula as sequências completas.

Dizemos aos grupos para simularem e para depois criarem dispositivos, como dissemos anteriormente, que dificultem o

mau hábito e facilitem o bom. Sugerimos o máximo de trinta minutos para essa tarefa.

Depois de todos os grupos apresentarem suas ideias, cada uma é pontuada, novamente de 1 a 4, pelos seguintes critérios: eficácia na mudança do hábito, baixo custo, facilidade de implantação. O grupo pode criar outros critérios se julgar necessário. O dispositivo com a maior pontuação é o que será implantado. Podem ser implantados vários dispositivos simultaneamente se for possível para a instituição e se assim ela desejar, contanto que sejam dispositivos eficazes votados pelo grupo de participantes. Nessa reunião é escolhida apenas a ideia geral do dispositivo. A construção do respectivo dispositivo será feita em outro momento, por um grupo menor ou mesmo uma só pessoa, com a verificação final pela direção e por um professor, porque às vezes a direção se afasta muito da realidade educacional e perde a noção da eficácia. É bom dividir a análise com quem está na lida. A direção também pode fazer todo o processo com a participação de um pequeno grupo e até mesmo um coordenador que atua sozinho pode aplicar a Metodologia da Educação do Hábito. O mais importante é executar com cuidado e informações fidedignas cada etapa do modelo.

Na força **Perdas**, adicionamos o que o aluno ou a pessoa perderá além da perda gerada pelos dispositivos. **O que ele**

perderá se não realizar o novo hábito. Por exemplo: uma punição do tipo “ficar sem recreio” ou “não poder participar do jogo de futebol da turma”, “aviso aos pais”. Nesse momento podemos confundir um dispositivo com uma perda, por exemplo, uma norma. Uma normal formalizada num manual é um dispositivo legal. Mas existem muitas ações disciplinares que não podem ser documentadas, pois variam de situação para situação.

Também não podemos ficar perdendo tempo brigando para saber em que força deveríamos colocar um peso, pois o importante é que percebemos algo que influencia e no total da soma esse peso irá aparecer.

Assim como o “esforço” do lado esquerdo, as perdas podem ser: físicas, mentais, psicológicas, sociais ou financeiras, e pode haver outras (tempo), naturalmente sempre obedecendo a moral, a ética, a preservação psicológica e social do aluno e dos outros alunos da escola. A perda pode também ser unicamente as consequências informadas (nova informação) ao aluno do porquê o bom hábito é melhor que o mau hábito. Às vezes é o mesmo que uma perda psicológica ou social, pois saber que algo é errado e saber que os outros também sabem gera um dilema interior e o constrangimento de prejudicar o próximo se evidencia. Repetindo, isso já é uma perda. Porém, novamente podemos então ter uma duplicidade entre nova informação e

perda. A pontuação (peso) em relação à informação só deverá entrar na força “perdas” se o desgaste mental, psicológico, social ou financeiro for evidente.

Lembramos que esse momento não é apenas o de mapeamento das perdas atuais com o não cumprimento do novo hábito, mas também de construção de perdas. Estamos mapeando, mas também planejando, criando perdas no caso da manutenção do hábito ruim ou no caso da não adoção do bom hábito. É fase de pensamento e criatividade também, como em todas as forças desse lado do diagrama.

Sugerimos para essa fase o *brainstorming* estruturado, onde cada participante da reunião lança o máximo de cinco ideias eficazes no papel, individualmente e em silêncio, as ideias são recolhidas e lançadas no quadro. Após breve, repetindo, breve discussão sobre as informações lançadas, o moderador prioriza, seguindo os mesmos critérios de eficácia, custos e facilidade de implantação. Sempre podemos criar novos critérios, mas esses devem ser mantidos.

A força **ganhos** se processa da mesma forma, excluímos o que já foi mencionado anteriormente, para não haver duplicidade, e procuramos tornar o novo hábito mais convidativo. É um dos momentos mais prazerosos na Metodologia da Educação do Hábito para os participantes.

Sugerimos a mesma metodologia de reunião utilizada na força anterior.

A **Repetição da nova ação até virar hábito** é uma força, pois trata-se de um momento que pode ser manipulado, controlado. E se o planejamento dessa força for bem feito, as chances da formação do novo hábito são grandes. É um dos momentos mais importantes da Educação do Hábito, uma vez que além de se tratar do próprio novo e bom hábito, também nos permite a identificação de problemas nas nossas ações anteriores e a rápida correção. Tudo pode ter sido muito bem pensado, mas sem esse momento de ação mais forte e concentração significará apenas muitas reuniões sem êxito.

Por mais que simulemos, só teremos a percepção quase perfeita de tudo nessa hora. É o momento em que repetimos as informações (nova informação) mais vezes, criamos motivações extras (não permanentes), forçamos a primeira ação do novo hábito (retirada do movimento inercial anterior). É a fundamental concentração de esforços, o bombardeio de forças agindo para formar o novo hábito. Como veremos, a etapa de controle (fora do diagrama de forças) fará as verificações e correções de médio e longo prazos.

Uma mudança de hábito foi profundamente estudada, planejada, os professores criaram dispositivos eficazes e a confusão nas filas de atendimento por questões de falta de educação dos alunos estava fadada ao término. No dia de início da implantação todos estavam a postos, para controlar e observar. E nesse dia começou a chover. E choveu o mês inteiro. O atendimento ficava numa área aberta. Os alunos inventaram uma fila procurando uma marquise e com isso todos os dispositivos foram ineficazes. **A implantação do novo hábito é a hora da verdade.**

Finalmente levantamos a **facilidade de conexão com outros hábitos**, formando um novo elo numa corrente, criando sequência de hábitos, a força pelo conjunto. Pode ser necessário, para essa etapa, um breve estudo dos hábitos a serem conectados. A união deve privilegiar hábitos com ciclos curtos, quer dizer, que acontecem com frequência, e hábitos fortes. Por exemplo, como almoçamos todos os dias, melhor conectar o estudo com o almoço, melhor dizendo, logo após o descanso do almoço, e estabelecemos a sequência almoço, descanso, estudo.

Pelo entendimento do lado direito, o leitor tem todas as ferramentas para finalizar o lado direito. O que julgamos relevante nesse momento é, após todo esse esforço, antes da

implementação, observarmos o diagrama de forças. Teremos uma visão ampla e poderemos ver que a Metodologia da Educação do Hábito é diminuir as setas do lado esquerdo e aumentar as do lado direito.

As etapas 3,4,5,6 e 7 foram explicadas anteriormente.⁵³

21.3.Modelo Simplificado

Por vezes nos deparamos com equipes que na realidade não são equipes, pois se trata de membros que têm dificuldade para ouvir o próximo, para mudar de opinião, pessoas sem conhecimento do que falam e que por isso não deveriam estar na reunião, moderadores sem conhecimento ou treinamento em técnicas de reunião etc.

Nesses casos, o método completo não chegaria ao fim.

O método simplificado também serve bem aos hábitos que não são críticos nem tão complexos, não exigindo, portanto, um estudo profundo. Também é interessante quando não temos tempo. Mas devemos tomar cuidado com a tendência de achar que todo hábito é simples em sua análise, logo, fácil de ser

⁵³ Se houver alguma dúvida, podem nos contatar (e-mail do autor na ficha catalográfica). Temos o compromisso de nunca cobrar nada pela implantação ou por qualquer outro serviço relacionado à Educação do Hábito e esse livro é gratuito e está no site do autor).

mudado. Nesse momento a humildade dos participantes é fundamental, como no método completo. Certa vez, reunido com um grupo de professores, começaram o processo de mapear as atribuições dos coordenadores de curso, para a criação do manual de atribuições. Foi perguntado ao grupo se alguém conhecia a técnica, a resposta foi não. E fizeram o manual assim mesmo. Existe um profissional para isso chamado analista de cargos e salários e esse processo é mais complexo do que se pensa. Se não queriam contrata-lo, pelo menos o grupo precisaria estudar a técnica antes de qualquer coisa. A humildade é um dos pré-requisitos mais importantes nas reuniões. Sempre achamos que os processos da outra área são fáceis.

Entretanto, àqueles que empregarão o modelo simplificado, é necessário o conhecimento do modelo completo, pois só conhecendo todos os detalhes da Metodologia da Educação do Hábito o moderador ou professor coordenador do trabalho poderá identificar peças importantes a serem analisadas ou nas quais é necessário aprofundamento.

Existem hábitos altamente complexos que nos obrigam ao primeiro modelo, como, por exemplo, o uso de alguma droga. Não dá para comparar isso com o “fechar a torneira para escovar os dentes”. No primeiro caso o método completo é o mais

indicado, e será, sempre que os planejadores educacionais e os familiares assim julgarem.

O Método Simplificado é o preenchimento do formulário abaixo em uma reunião, priorizando as etapas abaixo, passando rapidamente e sem aprofundamento.

Os pontos críticos para um sucesso considerável nesse modelo são:

- 1 - Mapeamento do hábito atual e do desejado;
- 2 - Preenchimento do Diagrama de Forças, priorizando os sistemas de perda e ganho (recompensa e punição) e a criação de dispositivos;
- 3 - Definição do responsável pelos resultados e da data de início da prática do novo hábito; e
- 4 – Acompanhamento e verificação dos resultados.

Entretanto, os dirigentes ou responsáveis pelo processo não podem cair na tentação de facilitar a reunião ou reduzir pressões fundamentais; de todos os tópicos anteriores, inclusive no modelo completo, **os dois itens mais importantes** são: o **nome do responsável** pela mudança do hábito e a **data para início do novo hábito**. Nossa repetição tem seus motivos.

No quadro em uma reunião de professores e mesmo na folha de papel do pai e da mãe, utilizamos o modelo:

Metodologia da Educação do Hábito – Modelo Simplificado

HÁBITO DESEJADO (movimentos e pensamentos detalhados e em sequência):

HÁBITO ANTERIOR (movimentos e pensamentos detalhados e em sequência):

Data de início do novo hábito: / /

Nome do responsável (somente um):

**Forças contrárias à
mudança do hábito**

**Forças favoráveis à
mudança do hábito**

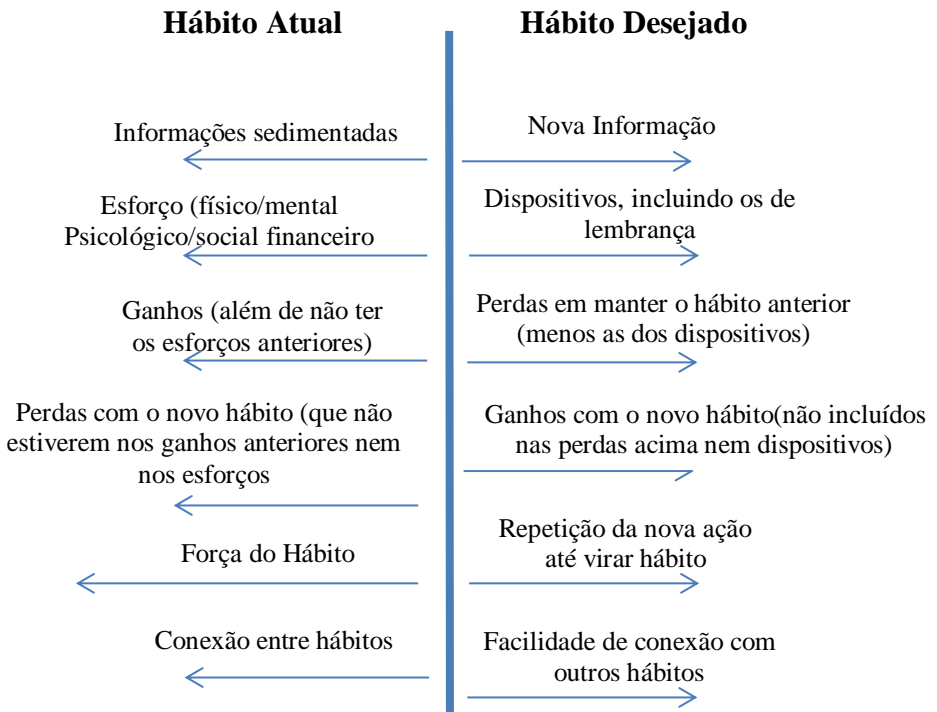


Fig. 15 – Modelo Simplificado para Reuniões

O ponto crítico no sucesso de reuniões não é o modelo utilizado, mas a habilidade e experiência em fazer reuniões.

Lembramos que só quem leu os capítulos anteriores entende a importância de cada etapa, como e porque fazê-la. Por exemplo, como vimos, é fundamental que na mudança de hábito o hábito ruim gere consequência piores para a pessoa que o hábito bom. Logo, a pessoa deve ganhar mais com o hábito bom e perder mais com o hábito ruim, e isso precisa acontecer por um bom tempo até que o bom hábito se estabeleça. E precisaremos ainda dos perpetuadores e dos controles eventuais.

As forças mapeadas no mapa vieram de fontes científicas e portanto formaram um modelo não perfeito, mas elaborado com critérios.

22. Conclusão e Cenários Futuros

A Educação do Hábito é para professores, pais e para políticos e técnicos principalmente relacionados à infraestrutura e à legislação. É um instrumento de desenvolvimento de pessoas e de uma nação.

Procuramos uma melhoria consistente através da Educação do Hábito, e urgente. Entretanto não podemos fugir da responsabilidade do ideal, que é o hábito de pensar.

Talvez a conclusão mais dura desse trabalho tenha sido que a conscientização, e a educação pela conscientização, afeta muito menos do que pensávamos o comportamento dos seres humanos. E que existem outros elementos com os quais não contávamos que têm impacto significativo: o hábito, a cultura, a necessidade, a própria inteligência, o papel dos governos, a preguiça, a inércia.

Também percebemos a conexão entre a felicidade do indivíduo e a da nação, e oferecemos uma dimensão verdadeiramente humana do desenvolvimento.

O estudo do hábito já existe há muito tempo. Entretanto precisa ser mais bem aproveitado por todos que ensinam, e de maneira prática, fixado em ementas e programas em todos os níveis e em todas as esferas da educação. Se assim não o for, continuará, com toda a sua importância, restrito a iniciativas individuais. E como iniciativas pessoais são pontuais e isoladas, o sistema todo perde o que a educação pelo hábito pode fazer. Nos lembrará que a frequência está baixa em diversas ações educacionais, ações preocupadas, mas que surtirão pouco efeito nos alunos em sua vida real. Mas professores também não cumprem ementas, coordenadores que não estudaram o hábito

irão alterá-las, legisladores mudarão a LDB. Quer dizer, precisamos informar a todos sobre a importância da Educação do Hábito e de seu sistema para ter uma trajetória consistente e persistente em relação a uma sociedade de hábitos saudáveis e pró-desenvolvimentistas.

Acreditar que uma sociedade não pode ser desenvolvida e ao mesmo tempo feliz não faz parte da inteligência humana.

Podemos dizer agora que não temos um caminho estruturado que nos possibilite dar ao país e a seu desenvolvimento uma contribuição da educação com uma visão macro e não sempre operacional como a sala de aula? Não temos agora ainda mais direito de participar das decisões estratégicas da nação? Este livro é utilizado nos três níveis de participação: estratégico, tático e operacional e em todos os estratos do Governo e das instituições de ensino.

22.1.O Desenvolvimento está na Célula

Todos os movimentos, quando em torno de seu ápice, geram um movimento contrário. Dessa forma, já existem os pais e os educadores contra o *fast food*, aqueles contra o excesso de

Internet e até os contra a eletricidade. Finalmente o movimento pró família já começou, contrário à desagregação familiar, esta, a origem de todos os males. Os Estados desenvolvidos direcionarão seus esforços para a educação familiar, atrelando a mesma aos conteúdos da educação formal. Não através da interdisciplinaridade, mas por um caminho específico e claro.

Educação do Hábito em Casa e na Escola

Dizemos que a educação formal está assumindo parte da educação familiar, mas não está: **primeiro** - porque a educação formal lida com uma turma não com o indivíduo, só focando nesse quando aparece um problema grandioso, algum problema relevante. O pouco de moral e geral e está na meritocracia, de quem se esforça mais para estudar consegue a maior nota, e na não agressividade, onde poucos são punidos e novamente somente por coisas graves. A educação formal passa apenas nuances da moral e da educação informal. Como uma professora iria pedir a cada vez que um aluno bocejasse, para ele colocar a mão na boa, para não falar de boca cheia etc.? **Segundo** - porque nos cursos atuais não existe ainda a disciplina de como ser pai ou mãe, o que, por conseguinte, não cria ementas, logo não padroniza uma aula de pai e mãe, nem para alunos, nem para professores.

22.2.Educação do Hábito para as Minorias

As soluções que dependem unicamente de ações humanas, sem o uso de materiais, apenas com o uso da educação, alcançam uma minoria privilegiada. As boas soluções só podem vir de sistemas, uma vez que esses podem atingir a maioria e se perpetuar. No entanto, embora minoritária, a educação é necessária uma vez que essa minoria educada é que irá construir os sistemas para si e para a maioria. A minoria também precisa de sistemas, como vimos na construção dos hábitos.

A educação atinge a minoria não só porque atinge poucas pessoas, mas também porque existem poucas pessoas que, ao recebe-la, terão a capacidade de transforma-la em ações positivas, seja pela própria capacidade intelectual, seja pela própria capacidade de automotivação.

22.3.Povo Educado é mesmo Povo Consciente?

A educação pode negar a educação do hábito? É o caso do assento para o portador de deficiência.

Os países desenvolvidos utilizam os dispositivos educadores ou formadores de bons hábitos. Mas os utilizam pela falta de consciência ou por que, como vimos, consciência não

significa ação para o bem. Então quanto mais desenvolvidos, mais dispositivos, e mais pessoas sem consciência ou sem consciência para a ação?

Precisamos de bons meios de transporte, não só para darmos qualidade de vida às pessoas, mas também para não permitirmos a formação dos vila-latas? Do hábito destruidor e egoísta dos que são sobreviventes?

A Refeição – o momento da educação

Se fôssemos obrigados a escolher o momento em que mais praticamos ações de educação, mas somente um momento?

O hábito da mesa ajuda muito no desenvolvimento de outros bons hábitos (higiene, educação, saber ouvir, respeitar o mais velho, o próximo, organizar, arrumar, interagir).

Imaginemos quem tem o hábito da mesa em comparação com aquele que não tem. O hábito de somente uma refeição por dia com os familiares juntos. Quem tem esse hábito poderá todos os dias praticar o “- Por favor, me passe o sal!”. Criamos então o hábito do “por favor”. Quando só tem um saleiro, criamos o hábito de esperar quem pediu primeiro, respeitar o próximo. O hábito de lavar as mãos. O hábito de não falar alto, não falar com a boca cheia, de cada um falar na sua vez, ter paciência e esperar todos acabarem para pedir licença, não bocejar ou não se espreguiçar etc.

O Hábito de conversar e interagir, vivenciar o convívio familiar, de dizer aos pais o que está acontecendo, o hábito dos próprios pais de perguntar e ouvir, de ensinar outras coisas, de criar novos objetivos, de dar parabéns pela evolução do filho...

Uma refeição em família.

E muitas serão necessárias para o hábito.

22.4.Minha Culpa, Minha Máxima Culpa!

Quantas reuniões nós fazemos por ano, com grupos de professores, chefes de departamento, coordenadores? E elas tratam de que? Vamos nos arriscar na definição de percentuais, mais ou menos, só para ter uma ideia?

95% sobre notas e problemas sérios, pontuais, de turmas ou alunos; 4% para outras questões, normalmente administrativas ou burocráticas? 1% para ementas e conteúdos, metodologias, nivelamento? Poderíamos inverter tudo... 90% para burocracia etc. Sabemos que existem variações e tipicidades de escola para escola.

Mas quantas reuniões fizemos para melhorar nossa sociedade? Mesmo que seja somente a sociedade com a qual trabalhamos (nossos alunos), em termos de valores, ética, moral?

Estamos passando uma mensagem: ou que priorizamos notas ou burocracia e não valores e sociedade; ou mostrando que não sabemos priorizar ou administrar nosso tempo; ou dizendo que essa é a única contribuição que podemos dar.

Por que fazemos dez conselhos de classe e nenhum conselho sobre valores?

“O conselho de classe discute valores...”. É uma discussão técnica, com pauta e tratamento de cada valor? Dela nascem procedimentos e normas?

Se das reuniões não nascem procedimentos, técnicas, estratégias com objetivo definido, isso significa que nos cursos de didática, da Administração escolar e mesmo de licenciatura, não estão ensinando o que significa reunião. Reunião não é catarse para limparmos nossas consciências e dizemos que estamos fazendo algo. Reunião serve para originar ações concretas e eficazes. Caso contrário, é um “encontro para limpar a consciência”. O interessante é que nem deveria limpá-las, uma vez que nada acontece, mas as pessoas saem felizes e conseguem dormir.

Quando os valores aparecem nas reuniões são apenas uma frase, sem continuidade, sem tratamento técnico e metódico. Ao misturarmos coisas, as mais nebulosas, porém relevantes, perdem força. Assim, é importante pelo menos um conselho anual apenas para tratar de valores, e também para tornar o

assunto mais nítido, e tratamento técnico, para que parem de evita-lo através de frases de efeito que desviam do foco, para ataca-lo de maneira eficaz.

Ao final da reunião de valores é obrigatória a existência de ações que possam ser medidas. Caso contrário, a reunião foi ineficaz.

22.5.Hábitos Subjetivos

A classe social influencia nos hábitos e um cirurgião pode ter o hábito de velejar enquanto um homem do povo gosta de soltar pipas. Sabemos que existem exceções, mas preferimos, para efeito desse estudo e para uma educação nacional, nos concentrar na maioria.

Se a classe tem relação com o hábito, é necessária a concentração nos hábitos possivelmente comuns a todas as classes. É a extrapolação de Piaget, Freire, Aluísio Teixeira para uma esfera superior, mais abrangente, impactante, consistente além do operacional. Poderíamos também identificar as fraquezas de cada classe social e educarmos pelo hábito de forma dividida. Por exemplo, nas escolas de abastados, praticar a doação, nas dos mais pobres, praticar a economia. Sabemos

como seria difícil setorizar, pois todos têm dificuldades em aceitar seus defeitos e às vezes mesmo suas preferências. Mas economizando, o pobre teria mais dinheiro; dividindo ou doando, o rico teria menos. Alteremos esses hábitos: não só economizar; economizar, mas perceber quando é possível e necessário doar. Não só doar; doar, mas perceber quando é necessário parar e economizar.

22.6.Educação do Hábito do Sentimento

Embora exista o hábito do pensamento, os dispositivos devem ser fortes o bastante para mudar o hábito das ações. Mais importante que o hábito do pensamento (como causador do hábito da ação) é o hábito do sentimento, pois conhecemos os problemas do desperdício, mas não nos sentimos maus o suficiente para mudarmos nossas ações em prol do ambiente.

Félix Revaissou, em *De L'habitude* (1832) talvez o maior clássico estudo sobre o hábito, indicou que quando se repete uma paixão, ela diminui gradualmente, se enfraquece; e quando se repete uma ação ela se fortalece, torna-se cada vez mais fácil, mais precisa. E a percepção, que está ligada à ação ou ao movimento, também se desenvolve. Os estudos das paixões nos

parecem por demais distantes, embrionários e portanto temos de nos ater às ações e comportamentos.

A presente pesquisa não objetivou desenvolver ou melhorar o processo do pensamento ou das sensações, tão somente o hábito bom ou o hábito que pudesse gerar boas ações. Partimos da hipótese que podemos conseguir ações pró-país por outro caminho, uma vez que o caminho atual, ou da conscientização simplificada, não está mostrando resultados.

22.7.Dilema além do Básico

Outro ponto é o que dar e o que oportunizar. Se tudo for dado, será tirado o aprendizado do trabalho, de realizar, de querer e conseguir. Mas se tivermos algo, não iríamos naturalmente querer algo a mais? Se isso fosse uma regra, não teríamos pessoas que passam a vida toda numa rede, pobres, mastigando um capim. Tais pessoas se distinguem pouco dos animais irracionais: se alimentar, descansar, copular, se alimentar, descansar e copular. Por favor, os que trabalham também eventualmente necessitam de uma rede para o descanso merecido.

Até poderia ser assim a vida, nessa sequência, mas depois do que já fizemos... Aprendemos e necessitamos agora também

de outros prazeres, até do prazer de aprender algo novo, de construir coisas, de imaginar.

O que fornecer, dar, então? O que ensinar?

Seremos um país que dá tudo? Ou dá o básico e as oportunidades para os que não se satisfazem com o básico?

O hábito de ajudar a todos.

A questão dos royalties do petróleo para o Rio de Janeiro. De forma geral, os cariocas queriam que a receita da exploração do petróleo fosse só para eles. E o resto do Brasil gostaria que ela fosse dividida por todo o território. E se ensinássemos o hábito de ajudar quem precisa? O pensamento e o sentimento de nós cariocas não seriam diferentes?

Quadro: A falta de educação dos letrados

O hábito da leitura é um aliado fundamental da educação. Mas um leitor voraz não é necessariamente pessoa educada: temos pessoas roubando livros; estantes cheias de livros, a grande maioria que não será relida ou nem lida, para nos dizermos intelectuais, nunca emprestarmos, nunca doarmos... E um livro preso na estante por vinte anos não é a pior das maldades?

Poucos lerão este livro (5.000 pessoas significa pouco para uma transformação). Dos 5000 que irão ler, nem 5% têm poder de decisão. Dos 5%, quem sabe 1% tem vontade e coragem e

essa pessoa, ou essas pessoas, é transitória: um dirigente escolar, um governante. Não podemos depender deles, ou dessa condição, para uma transformação completa ou consistente. Tudo isso que foi visto, esse ciclo de observação, pode ser repetido e todas as variáveis alteradas. É apenas a divisão de uma preocupação com aqueles que querem um país melhor no futuro. Entretanto, após modificado ou não, para que isso seja sistematizado, se torne permanente no ensino (permanecer o que é bom e se acharem isso bom), para ter um país eternamente feliz, não há outro caminho que não seja a lei maior. Mas nem a Lei maior é permanente... Porém, é fundamental.

22.8.A Cura para o Meio Ambiente além da Educação

A princípio pensávamos que o cuidado com o ambiente viria naturalmente com a nova geração, uma vez que no mundo inteiro as crianças já recebem informações necessárias para cuidar do meio ambiente. Entretanto, eles estão recebendo informações para memorizar conceitos, não para mudar de comportamento. Tristemente, observamos que essa geração será igualzinha às anteriores, mesmo com toda a informação, a não ser que mudemos nossa forma de ensiná-las.

E caso não as ensinemos de forma eficaz, ainda temos os dispositivos, que com sua frieza e seu direcionamento para o mal-educado perder mais que o bem-educado, só precisam sem pensados e construídos. O fato é que de uma forma ou de outra existe uma saída. Não podemos acreditar que esse livro ou esse pensamento seja inédito, a despeito de nossas pesquisas. Mesmo que ele seja, o maior motivo da não implementação de dispositivos é o financeiro. Temos de conseguir, dessa forma, uma compensação financeira para aqueles que ganham com a exploração do ambiente. As multas não dão resultado pela baixa fiscalização e por que também, mesmo quando pagas, compensam o que eles irão ganhar transgredindo.

Enquanto isso, ainda teremos a Educação do Hábito para gerar a inclinação a favor do meio ambiente.

22.9.Educação do Hábito, por Competências e Transversalidade

A educação por competência... é fundamental para traduzirmos um conhecimento em ação. Embora tão batida e antiga, ainda são poucos que a aplicam, infelizmente, e não nos cabe aqui a discussão dos motivos.

Mas uma limitação essencial da educação por competências é que ela é pontual no sentido que está presa a uma disciplina somente em determinado momento e que se o aprendizado resultante não for praticado permanentemente ele se perderá. Outro ponto, não negativo, mas específico dessa metodologia, é o fato dela não estar atrelada ao comportamento social nem à educação moral. Para um país justo e desenvolvido, precisamos de uma sociedade justa, e uma sociedade justa não é justa de vez em quando; é justa.

A transversalidade não foi tratada de forma científica, muito menos a forma como os professores devem trata-la; cada um acaba fazendo o que mandam seus valores nada padronizados nem muito menos avaliados. Partimos da premissa que todos os professores são bons, por isso qualquer prática transversal aplicada por eles dará algum retorno, bastando para isso uma linha mestra. Não são todos os professores bons e muitos extrapolam seus valores bem como seus preconceitos. A boa transversalidade é quase invisível em todas as ementas. Da mesma forma que a transversalidade, para a eficácia, a Educação do Hábito precisa de estrutura e padronização. O livro busca apenas oferecer o início disso.

O ensino de competências e o ensino da transversalidade precisa de uma “certificação”, assim como o professor de matemática é “certificado” em matemática, o de geografia é

certificado em geografia. A Educação do Hábito, a Transversalidade e a Educação por Competências são metodologias importantes, que exigem responsabilidade, portanto, padronização e formação. Entretanto, sem criar selos de certificação profissional que poderão servir como barreiras para aqueles que querem empregá-las. Qualquer um que ler este livro estará em condições de empregar a metodologia da Educação do Hábito e ajudar a desenvolver nosso país, as nossas famílias e os nossos indivíduos.

22.10.CH Aplicada Total - Reciclagem na LDB

Por longo tempo no Brasil associamos a qualidade do ensino à carga horária total. Se a coisa mais importante é a prática, se todos os estudos sobre a aprendizagem já demonstraram que a melhor forma de aprender é fazendo, **CARGA HORÁRIA APLICADA TOTAL**, é isso que devemos buscar e enfatizar no ensino, em qualquer nível; se não aplicarmos a prática em um curso técnico, a função não será bem feita; se não aplicarmos em filosofia, o aluno nunca entenderá nem conhecerá a essência da filosofia. Ele tem de filosofar.

Como os indivíduos usam seu tempo é um fator de sucesso para o país. Países desenvolvidos, assim como pessoas de sucesso, não perdem tempo. E vimos que quando você procurar um curso, deve se preocupar com a carga horária aplicada total e não com a carga horária total. Exemplo: um curso de primeiros socorros sobre RCP (reanimação cardíaco-pulmonar) tem uma carga horária de trinta horas, e outro curso, de outra empresa, tem dez horas de carga. A diferença é que no primeiro você terá 29 horas de teoria sobre sistema circulatório e apenas uma hora de prática com a boneca de treinamento. Enquanto que no curso de dez horas teremos uma hora de teoria focada no ritmo e na técnica e nove horas de prática para cada dupla com uma boneca de reanimação.

De que curso você sairá sabendo fazer uma reanimação?

Uma vez que só assimilamos o que fazemos, é necessário que todo curso ou disciplina tenha a Carga Horária Aplicada Total, do plano de aula à ementa e ao Plano de Curso. O Brasil precisa avançar na eficácia da organização da carga horária.

Isso também nos leva à percepção de que algumas disciplinas ou assuntos precisam ser reciclados. Na realidade, todos aqueles que não praticamos. Porque o que não é praticado é esquecido, com raras exceções. Temos vários prismas para analisar isso. O primeiro e o mais chocante é: se esquecemos tudo que não praticamos, até o final do ensino médio, só

ficaremos com 5% do que nos passaram? Quer dizer que de doze anos de estudo ficamos com menos de um? Não queremos dizer que está tudo errado, porque não está. Mas longe estamos do certo. E existem países que estão estudando esse problema.

22.11.Amar sem Medo

Sabemos que professores inteligentes, e que amam as crianças e os jovens, amam suas famílias e aquilo que elas representam, já tiveram ideias melhores que essa para educar as próprias famílias, traze-las para o processo de educação.

Mas achamos por bem também oferecer algo do gênero para quem acredita na importância dessa parceria entre família e escola.

Um abraço fraternal a esses mestres, aos pais e às mães que amam de verdade.

(A CRIANÇA LEVARÁ PARA CASA UMA TAREFA PARA OS PAIS OU RESPONSÁVEIS FAZEREM) –
EXEMPLO:

MÃE – Marque com um X

Quando **comemos** juntos?

Veze por dia uma vez duas vezes

três vezes mais de três

nenhuma por dia nenhuma por semana

Horários () manhã () meio-dia () tarde () noite
() nenhum horário

Quando **brincamos** juntos?

Vezes por dia () uma vez () duas vezes
() três vezes () mais de três
() nenhuma por dia () nenhuma por semana

Horários () manhã () meio-dia () tarde () noite
() nenhum horário

PAI – Marque com um X

Quando **comemos** juntos?

Vezes por dia () uma vez () duas vezes
() três vezes () mais de três
() nenhuma por dia () nenhuma por semana

Horários () manhã () meio-dia () tarde () noite
() nenhum horário

Quando **brincamos** juntos?

Vezes por dia uma vez duas vezes

três vezes mais de três

nenhuma por dia nenhuma por semana

Horários manhã meio-dia tarde noite

nenhum horário

AVÓS E OUTROS RESPONSÁVEIS, Marque com um X

Quando **comemos** juntos?

Vezes por dia uma vez duas vezes

três vezes mais de três

nenhuma por dia nenhuma por semana

Horários manhã meio-dia tarde noite

nenhum horário

Quando **brincamos** juntos?

Vezes por dia uma vez duas vezes

três vezes mais de três

nenhuma por dia nenhuma por semana

Horários manhã meio-dia tarde noite

nenhum horário

Estou deixando de fazer alguma coisa para ficar mais com meus filhos?

não sim.

O que? _____

Quais são minhas obrigações como pai, mãe ou avó(ô)?

_____.

Estou educando bem, pelo que li acima?

sim não

Comentários: _____

_____.

Referências Bibliográficas

BARNARD, I. Chester. *As Funções do Executivo*. São Paulo, Atlas, 1971.

BINDER, Michael e GEORGIADIS, Gergios. Determinants of Human Development: Capturing the Rol of Institutions. CESifo Working Paper n° 3397. Category 6: Fiscal Pollicy, Macroeconomics and Growth, March 2011.

CANNON, Walter B.. *The Wisdom of the Body*. New York, W. W. Norton & Company, Inc., 1939.

COLAPIETRO, Vincent (Thee Pensnsylvania State University). Habit, Competence, and Purpose – how to make the grades of clarity clearer. Transactions of the Charles S. Pierce Society: a Quarterly Journal in American Philosophy. Volume 45, Number 3, Summer 2009.

KORELESKI, Dariusz. Living Standard vs Life Quality. *Oeconomia* 6 (3) 2007, 65-73.

MEDEIROS FILHO, Benedito Cabral. *Revolução na Cultura Organizacional*. São Paulo, Ed. STS, 1992.

MOSSO, Mario Manhães. *Planejamento Educacional Estratégico e Tático*. Rio de janeiro ESC, 2013.

_____. *Administração e Modelos de gestão*. Rio de Janeiro, HP Comunicação, 2006.

PEÇANHA, Dóris Lieth. Cultura Organizacional: o desvendar de padrões inconscientes. RAUSP – Revista de Administração da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 32, n. 4, 1997.

SHAPIRO, Kam. Reviving Habit: Félix Ravaisson's Practical Metaphysics. Theory & Event. Volume 12, Issue 4, 2009.

SINCLAIR, Mark. Ravassion and the Force of Habit. Journal of the History of Philosophy. Volume 49, Number 1, January 2011.

SLACK, Nigel, CHAMBERS, Stuart, HARLAND, Christine, HARRISON, Alan e JOHNSON, Robert. Administração da Produção. São Paulo, Atlas, 1999.

SOUZA, Edela. Clima e Cultura Organizacional. São Paulo, Edgard, 1978.

SULLIVAN, Shannon. Reconfiguring Gender with John Dewey: Habit, Bodies, and Cultural Change. (direito autoral do próprio Sullivan, sem local, sem data).

SUSNIENE, Dalia e JURKAUSKAS, Algirdas (Panevezys Institute). The Concepts of Quality of life and Happiness – Correlations and Differences. ISSN 1392 – 2785 Inzinerine Ekonomika-Engineering Economics(3), 2009 – Work Humanism.

SWARTZ, David (Boston University). The Sociology of Habit: the perspective of Pierre Bourdieu. Winter 2002, Volume 22, Supplement.

VRETTOS, Athena. Defining Habits: Dickens and the Psychology of Repetition. (direito autoral do próprio Vrettos, sem local sem data).

WIENER, Norbert. Cibernética e Sociedade. Op. Cit., p. 23.

ZEITHAML, Valarie A., PARASURAMAN, A. e BERRY, Leonard L.. Delivering Quality Service. New York, N.Y., The Free Press.

Anexos

Anexo A – Pesquisa de Campo I – O que é Consciência

Perguntas em turmas de alunos de ensino médio e técnico, graduação e pós-graduação

Preparação para as perguntas:

Farei três perguntas para vocês. Vocês precisam responder rapidamente, sem pensar muito. Vocês precisam falar a verdade. Isso será muito importante para o resultado da pesquisa.

Contagem de alunos que levantaram a mão

- 1 – Quem acha que tem consciência ambiental levante a mão.
- 2 – Quem fecha a torneira na hora de escovar os dentes levante a mão.
- 3 – Quem, durante o banho, depois de se molhar, fecha a torneira para se ensaboar levante a mão.

Anexo B – Pesquisa de Campo II – O que é Felicidade

Prezado Respondente,

Estas perguntas servirão para desenvolver um importante estudo. Pedimos a sua extremamente sincera resposta.

1 – O que é felicidade para você? (marque com um X)

Estar com as pessoas que eu amo (família e amigos)	()
Momentos de diversão e alegria / eventos / viagem	()
Conversar com amigos (colegas)	()
Se sentir/estar bem	()
Realização pessoal/autoestima/alcançar objetivos	()
Bom emprego/estabilidade	()
Outro. Qual:	()

2 – Identifique (marque com um x), durante toda a sua vida, três momentos maravilhosos e três muito difíceis:

Três Maravilhosos

Confraternização com família e amigos	()
Evento com amigos	()
Conhecer pessoas especiais / show do meu ídolo	()
Concretização de um objetivo difícil	()
Vitória importante do meu time	()
Nascimento da minha irmã	()
Viagem especial	()
Aniversário de 15 anos / formatura	()
Ganhar videogame / cachorro	()
Outro. Qual:	()

Três muito difíceis

Dificuldades financeiras	()
Briga em família/separação dos pais	()
Problemas de doença de pai/mãe	()
Morte de pai/mãe/avós	()
Morte ou perda de animal doméstico	()
Morte de um familiar / pessoas queridas	()
Outras doenças / outros acidentes	()
Questões escolares – notas/exames/repetência	()
Solidão / rejeição de amigos	()
Outro: Qual:	()

3 – O que te faria mais feliz em relação ao país?

Oportunidades de trabalho	()
Educação	()
Segurança	()
Igualdade social	()
Respeito	()
Políticas sociais de necessidades básicas	()
Falta de corrupção / honestidade na política	()
Outro. Qual:	()

Muito obrigado!

Anexo C – Pesquisa de Campo III – Efeito Lembrança – Dispositivos Utilizados

